



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
(UFPI)**

**Núcleo de Referência em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste  
(TROPEN)**

**Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente  
(PRODEMA)**

**Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente  
(MDMA)**

**USO E DIVERSIDADE DOS RECURSOS VEGETAIS UTILIZADOS PELA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS MACACOS, SÃO MIGUEL DO TAPUIO,  
PIAUÍ**

**FÁBIO JOSÉ VIEIRA**

TERESINA/PI

FEVEREIRO / 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)  
Núcleo de Referência em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste  
(TROPEN)  
Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente  
(PRODEMA)  
Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (MDMA)

FÁBIO JOSÉ VIEIRA

**USO E DIVERSIDADE DOS RECURSOS VEGETAIS UTILIZADOS PELA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS MACACOS, SÃO MIGUEL DO TAPUIO,  
PIAUÍ**

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN), como requisito à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de Concentração: Desenvolvimento do Trópico Ecotonal do Nordeste. Linha de Pesquisa: Biodiversidade e Utilização Sustentável dos Recursos Naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Farias Melo de Barros

Co-orientador: Prof. Dr. José Luis Lopes Araújo

TERESINA

2008

V665u Vieira, Fábio José

Uso e diversidade dos recursos vegetais utilizados pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, Piauí / Fábio José Vieira. Teresina, 2008.

124f. il.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Farias Melo de Barros

1. Caatinga – São Miguel do Tapuio, PI 2. Etnobotânica  
3. Quilombo dos Macacos I. Título

CDD 581.9

FÁBIO JOSÉ VIEIRA

**USO E DIVERSIDADE DOS RECURSOS VEGETAIS UTILIZADOS PELA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS MACACOS, SÃO MIGUEL DO TAPUIO,  
PIAUI**

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI/TROPEN), como requisito à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de concentração: Desenvolvimento do Trópico Ecotonal do Nordeste. Linha de Pesquisa: Biodiversidade e Utilização Sustentável dos Recursos Naturais.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2008.

---

Profa. Dra. Roseli Farias Melo de Barros  
Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI)

---

Profa. Dra. Valdeline Atanázio da Silva  
Universidade de Pernambuco (Instituto de Ciências Biológicas / UPE)

---

Profa. Dra. Maria do Socorro Lira Monteiro  
Universidade Federal do Piauí (PRODEMA/UFPI)

Aos meus pais Osvaldo (in memoriam) e  
Maria do Socorro, pela vida e dedicação.

---

**OFEREÇO**

A José Afonso Vieira Júnior (*in memoriam*),  
que por força do destino, não pôde  
compartilhar conosco esta vitória.

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder a graça e dom da perseverança.

Ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFPI), na pessoal da coordenadora Profa. Dra. Maria do Socorro Lira Monteiro.

Ao Diretório Alemão DAAD, pela concessão da bolsa de estudo.

À minha orientadora Profa. Roseli Farias Melo de Barros, por todo carinho e dedicação a mim dispensado. Como ela mesmo diz, “trocentas” palavras ainda seriam poucas para expressar meus sentimentos, mas vejo que uma só palavra basta: GRATIDÃO.

Ao meu co-orientador Prof. Dr. José Luis Lopes Araújo, pelas valorosas contribuições.

Aos moradores da Comunidade Quilombola dos Macacos, por permitirem e ajudarem na execução deste trabalho, em especial ao Sr. Manoel Almeida e D. Luiza Vieira, por me abrigarem em sua residência e pelas informações valiosas para o engrandecimento do estudo. Que este trabalho possa realmente ajudar na tão sonhada posse da área.

Aos especialistas de diversas instituições, pelo auxílio nas identificações do material botânico, especialmente a Dra. Maria Bernadete Costa e Silva do Herbário IPA.

À Dra. Laise de Holanda Cavalcanti Andrade, pelas preciosas contribuições no exame de qualificação e que por motivos de força maior não pôde participar da banca examinadora.

À Dra. Valdeline Atanázio da Silva, por sua presteza na disponibilização de bibliografias e pelas valiosas sugestões que enriqueceram o nosso trabalho, além de sua boa vontade em participar da banca examinadora.

À Dra. Gardene Sousa, pelo auxílio no ponta-pé inicial deste trabalho, que foi a correção do projeto de pesquisa e por todo o apoio dado ao longo da execução.

Ao Dr. Ulisses Albuquerque, MSc. Edna Chaves e MSc. Eldelita Franco, por disponibilizarem materiais para aprofundar as discussões.

À Lúcia Gomes, companheira de mestrado e orientação, pois se não acreditava em amizade à primeira vista, ela veio e provou-me o contrário. Meu muito obrigado pelas inúmeras injeções de força e a preocupação a mim dispensada.

Aos demais companheiros de Mestrado, em especial Anna Kelly, Carla Oliveira, Cláudia Germana, Cícero Rodrigues, Natanael Fontenele, Niwalber Negreiros e Sandra

Lima, pelo convívio quase que diário e pelos inúmeros e belos momentos de descontração e a Teresinha Coimbra, pela valorosa contribuição na confecção do mapa.

Aos funcionários do TROPEN, D. Maridete Alcobaça, Sr. Batista Araújo e Sr. Ribamar Andrade, pela amizade e apoio.

Aos estagiários do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí: Ocilene Cabral, Priscila Lima, Laíce Lima, Ivanilda Soares, Rubens Mendes, Samille Lima, pelo convívio e auxílio, e especialmente à Luciana Oliveira, pela amizade incondicional.

Aos meus amigos Francisco Moreira, Josefina Marques, Neguinha, Genilson Silva, Lúcia Silva, Marcílio Benício, Uerly Queiroz, Nilson Ferreira, Cleane de Carvalho e Dogival Júnior, pela amizade e incentivo nos momentos de desânimo.

A Alexandre Nojosa, pela ajuda na formatação e construção do banco de dados.

À família Pereira, especialmente à Rita Pereira, pela amizade.

À Adriana Lima, por entender os momentos de ausência que não foram poucos.

À Maria Mousinha, pela amizade e por abrir meus olhos para a pesquisa científica.

Ao clã Vieira, meus irmãos Francisco, Lucinete, Lucineide, Cleide, Cláudia, Osvaldo Filho e Kátia, por sempre acreditarem no meu potencial e estimular meu engrandecimento profissional e meus sobrinhos, cunhados (as) e primos, pelo apoio, incentivo e a alegria do dia-a-dia.

A todos que não foram citados, mas que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste sonho, meu muito obrigado.

*“O homem vive da natureza, isto significa que a natureza é o corpo com o qual ele deve permanecer em processo constante, para não perecer. O fato de que a vida física e espiritual do homem se relaciona com a natureza não tem outro sentido senão o de que a natureza se relaciona consigo mesma, pois o homem é parte da natureza”.*

**Karl Marx**

## RESUMO

A etnobotânica é uma ciência recente que, no seu desenvolvimento, vem aprofundando suas interfaces com diversas áreas da Botânica e Ecologia, entre elas a Taxonomia, Fitogeografia e a Conservação. Surgiu no final do século XIX, a partir de uma primeira aproximação entre as ciências sociais e biológicas, buscando unir informações sobre a cosmologia de comunidades tradicionais e a identidade florística das espécies utilizadas. Neste contexto é que se insere a Comunidade Quilombola dos Macacos, em São Miguel do Tapuí, Piauí, composta por 27 famílias, perfazendo um total de 106 pessoas. Está encravada em uma área de transição, onde predomina a Caatinga, com elementos de Cerrado e Mata Semi-decídua. Objetivou-se resgatar o conhecimento tradicional existente na comunidade dos Macacos, preservando-o para gerações futuras, além de gerar subsídios para futuras pesquisas na área. Foram aplicados questionários com as 27 famílias. Dos 106 habitantes, 20 foram indicados como conhecedores da vegetação local e destes, cinco com o notório saber (informantes-chave), com os quais realizou-se a técnica da turnê-guiada. O material botânico encontra-se incorporado ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí. Identificou-se 225 etnoespécies, distribuídas em 13 categorias de uso: medicinal, madeireira, forrageira, produção de energia, limpeza-higiene, melífera, ornamental, artesanal e fibras, alucinógena, alimentícia, mágico-religiosa, tóxicas e utensílios. As categorias que mais se destacaram em número de espécies foram: medicinal (73), forrageira (62) e alimentação (58), e artesanal e fibras (7), tóxica (7), mágico-religioso (5) e higiene e limpeza (5), obtiveram o menor número de espécies. *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore (carnaúba) é considerada a mais versátil, estando incluída em seis categorias de uso. 161 espécies (72,85%) possuem Valor de Uso abaixo de 0,50 e apenas uma espécie *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba) obteve Valor de Uso maior que 2,00 (2,40). Apesar do conhecimento estar com as pessoas mais velhas da comunidade, e do processo de aculturação sofrido ao longo dos anos, observa-se que ainda há o uso das práticas herdadas pelos seus antepassados, garantindo assim, o uso dos recursos vegetais para as gerações futuras, mas é preciso urgentemente, um estímulo aos mais jovens para que possam frentes à modernidade manter viva a tradição local.

Palavras-chave: Caatinga; etnobotânica quali-quantitativa; quilombo; São Miguel do Tapuí; Piauí.

## ABSTRACT

Ethnobotany is a new science which, along its development has been widening its interfaces with various areas of Botany and Ecology such as Taxonomy, Phytogeography and Conservation. It was born in the end of the 19<sup>th</sup> century, from a first approximation between the biological and social sciences, in an attempt to gather information on the cosmology of the traditional communities and the floristic identity of the species utilized. Within this context is the community of the Quilombola dos Macacos, in São Miguel do Tapuio, Piauí State, comprised of 27 families, totalizing 106 persons. It is located in a transitional area where its great predominance is the Caatinga, elements of the so-called Cerrado and semi-deciduous wood. It aimed to retrieve the existing traditional knowledge of that community, preserving it for next generations and for further researches in the field. Questionnaires were used with the 27 families. Of the 106 people, 20 were listed as knowledgeable of local vegetation and these, five with the notorious know (key informants), which was held on the technical-guided tour. The botanical matter is incorporated to the collection of The Graziela Barroso Herbarium (TEPB) of the Universidade Federal do Piauí. 225 ethno-species were identified which were distributed into 13 categories of use: medicine, timber, foragery, energy production, hygiene, honey-production, ornament, artisanship, hallucinogenic, food, religious-magic, toxics and utensils. The major categories in terms of amount of species were: medicine (73), foragery (62), food (58), artisanship and fibers (7), toxics (7), religious-magic (5) and hygienic goods (5), obtained the great number of species. *Copernicia Prunifera* (Mill.) H.E. Moore (Carnauba) is considered the most versatile, being amongst the 6 categories of use. 161 species (72,85%) obtain use of value under 0,50 and only *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba) obtained use of value more than 2,00 (2,40). Despite the empirical knowledge being present in the elderly people of that community, these people still make use of practices inherited from their ancestors, thus, providing, the use of vegetal sources for the next generations. However, it is urgently necessary to stimulate the youth so that they can match modernity with the living local tradition.

Key word: Caatinga, ethnobotany quali-quantitative, quilombo, São Miguel do Tapuio city, Piauí State

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA	PÁGINA
1. Localização da área de estudo, Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio-PI.....	30
2. Composição da população por faixas etárias na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio/PI.....	35
3. Olaria e tipos de construções no Quilombo dos Macacos, São Miguel do Tapuio – PI. <b>A</b> – parede construída de tijolos cozidos e tijolos crus. <b>B</b> – olaria da comunidade. <b>C</b> – piso de barro. <b>D</b> – piso de cimento. <b>E</b> – casa de taipa. <b>F</b> – casa de tijolo .....	37
4. Percentual de famílias beneficiadas com auxílio do Governo Federal e aposentadorias, na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, Piauí.....	40
5. Criações de pequeno porte mantidas pelos Quilombolas dos Macacos em São Miguel do Tapuio – PI. <b>A</b> – criação de jumento, utilizado no transporte de mandiocas na época de farinhada; <b>B</b> – criação de vacas e bois, para produção de leite e carnes; <b>C</b> – criação de porcos, para consumo e venda; <b>D</b> – criação de ovelhas, para consumo e venda; <b>E</b> – criação de galinhas, para consumo <b>F</b> – criação de galinhas e bodes, para consumo .....	42

### Artigo 1

FIGURA	PÁGINA
1. Localização da área de estudo, Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio-PI.....	57
2. Famílias botânicas mais representativas na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, Piauí.....	59

3. Distribuição das espécies vegetais em categorias de uso na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuío, Piauí .....	67
4. Distribuição em classes de valor de uso das espécies utilizadas pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuío, PI.....	75

## Artigo 2

FIGURA	PÁGINA
1. Localização da Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuío-PI.....	86

## LISTA DE TABELAS

### Artigo 1

TABELA	PÁGINA
1. Lista das etnoespécies utilizadas na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI. Legenda: NC = número de coletor FV (Fábio Vieira) (il - identificada no local, não coletada); NI = número de informantes; VU = valor de uso; Categorias de Uso: alc = alucinógena; med = medicinal; alm = alimentícia; orn = ornamental; art = artesanal e fibras; mag = mágico-religiosa; for = forrageira; eng = energética; mad = madeireira; mel = melífera; hig = higiene e limpeza; tox = tóxica; ute = utensílios; Hábito: erv = erva; sub = subarbusto; arb = arbusto; arv = árvore; trep = trepadeira.....	60

### Artigo 2

TABELA	PÁGINA
1. Lista das etnoespécies citadas como medicinais pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, Piauí. NC = número de coletor (FV = Fábio Vieira) ; il - identificada no local-não coletada; PU = parte usada; IR = importância relativa; FP = forma de preparo.....	90
2. Fator de Consenso dos Informantes sobre as plantas utilizadas como medicinais na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI. FCI = fator de consenso dos informantes.....	97

## SUMÁRIO

	Páginas
1. INTRODUÇÃO.....	16
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	19
2.1 Comunidades quilombolas: identidade e territorialidade.....	20
2.2 Conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade e conservação.....	21
2.3 Levantamentos florísticos e fitossociológicos com dados etnobotânicos e estudos etnobotânicos realizados no Piauí.....	23
2.4 Quilombolas no Piauí: participação na formação social do Estado e estudos etnobotânicos.....	25
3. METODOLOGIA GERAL.....	29
3.1 Descrição da área.....	29
3.2 Coleta de dados.....	30
4. HISTÓRICO E PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO E CULTURAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS MACACOS, SÃO MIGUEL DO TAPUIO, PIAUÍ.....	33
4.1 Histórico.....	33
4.2 Perfil socioeconômico e cultural.....	34
5. REFERÊNCIAS.....	45
6. MANUSCRITOS.....	52
6.1 Uso e Diversidade Etnobotânica na Comunidade Quilombola dos Macacos, Piauí, Brasil.....	53
Resumo.....	54
Abstract.....	54
Introdução.....	55
Material e Métodos.....	56
Resultados e discussão.....	58
Agradecimentos.....	76
Referência bibliográfica.....	76
6.2 Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, Piauí.....	82
Resumo.....	83
Abstract.....	83
Introdução.....	84
Material e Método.....	85
Resultado e discussão.....	88

Agradecimento.....	98
Referência bibliográfica.....	98
7. CONCLUSÕES.....	102

## APÊNDICES

1. Artesanatos e artefatos confeccionados pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: A – jacás produzidos com bambu ( <i>Bambusa</i> sp) ; B – rede de tucum ( <i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.); C – porta-escova confeccionado com buriti ( <i>Mauritia flexuosa</i> L.); D – estante produzida com pereiro ( <i>Aspidosperma pyriforme</i> Mart.); E – porta confeccionada com buriti ( <i>M. flexuosa</i> ); F – janela construída com birro (Leguminosae) e G – portas confeccionadas com imburana-de-cheiro e pereiro ( <i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm. e <i>A. pyriforme</i> ).....	105
2. Cercas e portões construídos pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: A – cerca de faxina; B – cerca de cama, utilizada no cercado de roças; C – cerca de faxina, utilizada na frente de algumas residências; D, E e F – portões confeccionados de bambu ( <i>Bambusa</i> sp), birro (Leguminosae), pereiro ( <i>Aspidosperma pyriforme</i> Mart.) e imburana-de-cheiro ( <i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.).....	106
3. Religiosidade e manifestações culturais na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: A e B – missa com a realização de Primeira Eucaristia e Batizados; C e D – reza de terços nos dias Santos; E, F, G e H – reisado dançado na Festa de Santo Reis e nas Festas Juninas.....	107
4. Espécies melíferas e ornamentais encontradas na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: A – detalhe da abelha na flor de <i>Passiflora foetida</i> L. (maracujá-de-estalo); B – detalhe da abelha na flor de <i>Pereskia grandiflora</i> Haw. (rosa-madeira); C – detalhe da abelha na flor de <i>Spermacose verticillata</i> L.; D – detalhe da abelha na flor de <i>Anacardium occidentale</i> L. (caju); E – detalhe da flor de <i>Allamanda blanchetti</i> (pente-de-macaco); F – detalhe do hábito de <i>Ipomoea quamoclit</i> L. (primavera); G – detalhe da flor de <i>Delonix regia</i> (Boj. ex Hook) Raf. (flamboyant) e H – detalhe do hábito de <i>Mirabilis jalapa</i> L. (bunina).....	108
5. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: A – detalhe da flor de <i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Shum (quina-quina); B – detalhe da inflorescência de <i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul. (pau-ferro); C – detalhe do ramo florido de <i>Himatanthus drasticus</i> (Mart.) Plumel (janaguba); D – detalhe do ramo florido de <i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Farw. (batata-de-purga); E – detalhe do hábito de <i>Cympopogon citratus</i> (DC.) Staf. (capim-de-cheiro); F – detalhe do ramo de <i>Chenopodium ambrosioides</i> L. (mastruz); G – extração da casca de <i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão (aroeira).....	109
6. Plantas utilizadas como mágico-religiosas e alimentícias na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: A – detalhe da inflorescência de <i>Jatropha gossypifolia</i> (Jacq.) L. (pinhão-roxo); B – detalhe	

da flor de <i>Scoparia dulcis</i> L. (vassourinha); C – detalhe do hábito de <i>Ruta graveolens</i> L. (arruda); D – detalhe do fruto de <i>Anacardium occidentale</i> L. (caju); E – detalhe do hábito de <i>Mauritia flexuosa</i> L. (buriti); F – detalhe do ramo florido de <i>Spondias purpurea</i> L. (siriguela); G – detalhe dos frutos de <i>Erythroxylum bezerrae</i> T. Plowman (pirunga).....	110
7. Plantas utilizadas como forrageiras na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: A – detalhe da flor de <i>Cratylia mollis</i> Benth. (camaratuba); B – detalhe da flor de <i>Cordia rufescens</i> DC. (grão-de-galo); C – detalhe da flor de <i>Capparis flexuosa</i> L. (feijão-bravo); D – detalhe da inflorescência de <i>Parkia platycephala</i> Benth. (faveira-de-bolota); E – detalhe da inflorescência de <i>Swartzia flaemingii</i> Rad. (jacarandá); F – detalhe do ramo florido de <i>Blainvillea acmella</i> (L.) Philipson (orelha-de-onça); G – detalhe da inflorescência de <i>Canavalia brasiliensis</i> Mart. ex Benth. (fava-de-boi).....	111
8. Questionário para levantamento da realidade sócio-econômico e etnobotânico da comunidade quilombola dos Macacos em São Miguel do Tapuio, Piauí.....	112
 ANEXOS	
Normas gerais para publicação de artigos na Acta Botanica Brasílica.....	117
Revista Brasileira de Plantas Mediciniais - instruções aos autores.....	121

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil detém a maior diversidade biológica do mundo, contando com uma rica flora, despertando interesses de comunidades científicas internacionais para o estudo, conservação e utilização racional destes recursos (SOUZA; FELFILI, 2006); além disso, abriga em suas regiões sete biomas e incalculáveis ecossistemas, possuindo a maior rede hidrográfica existente no mundo (IBAMA, 2007), aliada a uma grande diversidade cultural.

Dentre os biomas brasileiros, a região da Caatinga abrange uma área de aproximadamente 800.000km<sup>2</sup>, incluindo partes dos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (AB'SABER, 1977; IBGE, 1985). Caracteriza-se por apresentar formações xerófitas, lenhosas, decíduais, em geral espinhosas, com presença de plantas suculentas ou áfilas e porte variando entre arbóreo e arbustivo; na quase totalidade das espécies, predomina a caducifolia sobre as outras formas de adaptação à seca (ANDRADE-LIMA, 1978; 1981; 1992; VELOSO; GÓES-FILHO, 1982; FERNANDES; BEZERRA, 1990).

No Piauí, o bioma Caatinga está amplamente distribuído, com suas principais áreas de ocorrência nas porções sudoeste e parte do extremo sul, ocorrendo ainda, manchas de áreas de domínio e transição na região centro-leste (OLIVEIRA, 1995).

A degradação ambiental, que hoje já atinge mais de 60% da área do bioma, aliada à insuficiência de conhecimentos científicos e ao número bastante reduzido de Unidades de Conservação em sua área de domínio reflete, de forma inequívoca, a ausência de políticas voltadas para a conservação da diversidade biológica da Caatinga e de seus demais recursos naturais (TABARELLI; SILVA, 2002).

Em vista do avançado estado de degradação ambiental da Caatinga, torna-se urgente o conhecimento de técnicas de manejo e sustentabilidade do ambiente. Há, portanto, necessidade de se proceder estudos que visem resgatar o saber acumulado por comunidades tradicionais no Estado, reconhecendo sua importância e observando que não existe apenas a exploração econômica dos recursos vegetais, mas, sim um conhecimento adquirido pela tradição herdada dos mais velhos, que pode levar à manutenção e ao uso sustentável do mesmo.

A Etnobotânica surge como mediadora dos diversos discursos culturais, como uma tentativa de compreensão do modo de vida, códigos e costumes que racionalizam as relações entre o homem e a natureza, fazendo a complementaridade entre o saber tradicional e o saber acadêmico (ALBUQUERQUE, 2000). É uma ciência recente que, no seu desenvolvimento, vem aprofundando suas interfaces com diversas áreas da Botânica e Ecologia, entre elas a Taxonomia, Fitogeografia e a Conservação. Surge no final do século XIX, a partir de uma primeira aproximação entre ciências sociais e biológicas, buscando unir informações sobre a cosmologia de comunidades tradicionais e a identidade florística das espécies utilizadas (ANDERSON; POSEY, 1985, 1987, GÓMEZ-POMPA, 1971; POSEY, 1987).

Inicialmente, a Etnobotânica tratava do conhecimento botânico tradicional, focalizando apenas as aplicações e potencial econômico das plantas usadas por povos nativos. Nas últimas décadas, aspectos ecológicos foram acrescentados, de modo que os estudos etnobotânicos foram ampliados para áreas práticas, como biodiversidade e manejo de recursos vegetais, valor das espécies vegetais e importância da flora para determinada comunidade, contribuindo com dados para a conservação da biodiversidade e desenvolvimento sustentável (ABREU, 2000).

No Brasil, a maioria dos estudos etnobotânicos teve sua origem a partir dos trabalhos com grupos indígenas da Amazônia, devido a grande diversidade vegetal e cultural desta região. Outros grupos tradicionais, estabelecidos em diferentes regiões do país, foram menos estudados, como por exemplo, os constituídos por negros, descendentes de escravos africanos e seus quilombos (ABREU, 2000). Os trabalhos realizados em comunidades quilombolas, revelaram a sobrevivência da cultura negra, no que se refere ao uso de plantas, nos hábitos e costumes do cotidiano brasileiro, podendo-se citar Guedes et al. (1985), Camargo (1988a,b, 1989, 1994), Berg (1991a,b), Albuquerque e Chiappetta

(1995, 1996, 1997), Albuquerque (1997), Albuquerque e Andrade (1998), Lühning (1999) e Serra (1999).

No Piauí, foram desenvolvidos poucos trabalhos de cunho etnobotânico em comunidades negras: Abreu (2000), na comunidade Mimbó em Amarante – PI, Franco (2005), Franco e Barros (2006a, b), Franco, Barros e Araújo (2007) e Torquato (2006) no quilombo Olho D'água dos Pires em Esperantina – PI, contemplando apenas áreas de cerrado.

Este estudo teve por objetivo realizar o levantamento etnobotânico, socioeconômico e cultural da Comunidade Quilombola dos Macacos em São Miguel do Tapuio – PI, visando conhecer e resgatar os costumes e tradições da comunidade, além do modo de uso e diversidade dos recursos vegetais, podendo contribuir na preservação e conservação destes recursos.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

O estudo etnobotânico é apontado como mediador entre o saber acadêmico e o saber tradicional, uma vez que o conhecimento adquirido pela tradição herdada dos mais velhos, pode levar à manutenção e ao uso sustentável do ambiente, o que tem motivado muitos estudiosos desenvolverem pesquisas neste campo. Steenbock (2006) afirma que a tendência dos trabalhos em etnobotânica estarem direcionados para comunidades locais/tradicionais é justificada, na medida em que são estas comunidades, que pelo isolamento e disponibilidade de recursos naturais, apresentam características interessantes de serem analisadas sob a ótica da etnobotânica contemporânea, especialmente visando entender as inter-relações entre homem e planta para a promoção da conservação ambiental e cultural.

Para Diegues e Arruda (2001) um aspecto relevante na definição das culturas tradicionais é a existência de sistema de manejo dos recursos naturais marcados, pelo respeito aos ciclos naturais, e pela sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas. Assim, definem sociedades tradicionais como grupos humanos, culturalmente diferenciados, que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente. Neste ensejo insere-se os grupos quilombolas que apesar de conseguirem sobreviver após a escravatura, no fim do século passado, sua visibilidade social é recente, fruto da luta pela terra, da qual, em geral, não possuem escritura.

## 2.1 Comunidades quilombolas: identidade e territorialidade

Ao considerarmos a legislação relativa às Comunidades Remanescentes de Quilombo, vemos a importância dada à relação entre o processo de auto-identificação e a territorialização.

O Decreto Lei Federal Nº 4.887/2003 define no 1º parágrafo do Artigo segundo, que a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade. O 2º parágrafo do mesmo Artigo define que para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental.

A Associação Brasileira de Antropologia - ABA (1995), define o termo quilombo como, um conjunto de pessoas que desenvolveram práticas cotidianas de resistências na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos, e na consolidação de um território próprio.

Almeida (2000), propõe considerar o termo quilombo a partir dos usos locais e não segundo critérios que têm na prova positivista uma forma de rotular o termo criando uma moldura de passado. Para o autor, o termo foi definido sem que sua operacionalização em situações concretas fosse encaminhada. Assim, o quilombo foi definido pela fuga, pela referência ao período colonial e ao isolamento econômico e social.

Carvalho, Schmitt e Turatti (2002), indicam que no século XVII a definição de quilombo era a de toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados. Para o autor essa definição clássica perpetuou-se e influenciou uma geração de estudiosos da temática quilombola, até meados da década de 1970.

Silva (2006) afirma que o território emerge como fronteira a partir da qual, as comunidades remanescentes de quilombo expressam suas identidades e seu modo de vida, e onde os indivíduos e os grupos assimilam o território de múltiplas maneiras recriando-o, assimilando-o e transformando-o como forma de conferir sentido às suas práticas. Acrescenta, ainda, que o Artigo 68 da Constituição Federal abriu um novo horizonte para as comunidades remanescentes de quilombo, ao estabelecer posteriormente por meio de

Decreto a necessidade de restituir os territórios tradicionalmente ocupados pelas comunidades e assegurar a sua titulação definitiva como território de uso comum.

## **2.2 Conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade e conservação**

As populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes (Diegues 2000). Segundo este autor, uma importante diferença é que a diversidade da vida não é vista como recurso natural, mas sim como um conjunto de seres vivos que tem um valor de uso e um valor simbólico, integrado numa complexa cosmologia. Assim conclue-se, que a biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural quanto do cultural, mas é a cultura como conhecimento que permite que as populações tradicionais possam entendê-la, representá-la mentalmente, manuseá-la e, freqüentemente, enriquecê-la.

Para Albuquerque (2000), é possível perceber, pelos estudos já realizados, a existência de um modelo cognitivo de manejo ecológico dos recursos naturais que tem como preocupações principais, a preservação de espécies vegetais úteis nas práticas afro-brasileiras (medicinal, comestível, mágico-religioso, etc.) e o seu aproveitamento racional. Assim, as plantas na cosmologia afro-brasileira são consideradas sagradas e, conseqüentemente, o ambiente das florestas é também um ambiente sagrado. Os estudos recentes, segundo Diegues (2001), evidenciaram que a manutenção, e mesmo o aumento da diversidade biológica nas florestas tropicais, estão relacionados intimamente com as práticas tradicionais da agricultura itinerante dos povos primitivos. E que as populações tradicionais, mediante suas práticas culturais, colaboraram e colaboram para a manutenção da diversidade biológica, desde que sejam respeitadas e mantidas suas formas tradicionais de manejo.

O uso sustentável de produtos florestais não madeiráveis, por comunidades tradicionais ao longo da Mata Atlântica, vem validando o modelo de ocupação das áreas florestadas, citando a experiência do processo de regulamentação Projeto Samambaia, desenvolvido no Rio Grande do Sul, envolvendo a legitimação das práticas e conhecimentos tradicionais importantes para a conservação, que em conjunto com o conhecimento científico, apoiam a operacionalização da gestão pública dos bens e serviços ecossistêmicos (Coelho de Souza e Kubo 2006). Neste sentido, a identificação de práticas tradicionais sustentáveis é fundamental para elaboração de modelos de conservação.

A conservação *in situ* (local), realizada pelos agricultores tradicionais, estimula a preservação de espécies silvestres, permitindo que possa ocorrer cruzamento entre elas e a geração de novas variedades, mantendo o processo evolutivo (Freitas 2006). Esta forma de conservação tem dois focos principais: o primeiro na conservação da diversidade dos produtos agrícolas, incluindo a permanente manutenção do processo evolutivo, ou seja, deixando que as espécies e variedades evoluam. O segundo foco é no próprio agricultor, que é reconhecido e alçado a um posto de suma importância, tanto na conservação das espécies e variedades, como pela sua forma tradicional de manejo destas plantas, que influi diretamente na manutenção e geração de novas variedades.

Para Hanazaki, Mazzeo e Souza (2006), as discussões sobre conservação biológica devem transpor a tradicionalidade, considerando também toda a gama de moradores de áreas rurais, pois o conhecimento local pode agregar importantes informações para a conservação biológica, incluindo o caráter ecológico, econômico, histórico e simbólico, que são valores culturais que devem ser internalizados, além dos valores relativos ao uso ou à utilidade direta da biodiversidade.

Santilli e Empereire (2006) afirmam que o fator de erosão mais citado nos relatórios nacionais é a substituição de cultivares tradicionais por cultivares modernos. Ressaltam, ainda, que o valor dos cultivares selecionados pelas comunidades tradicionais ultrapassa a única dimensão produtiva: trata-se do produto de saberes, de um patrimônio transmitido de geração em geração, não idêntico, mas constantemente adaptado a novas condições, e com uma forte dimensão cultural e identitária.

Apesar da escassez de estudos que enfoquem claramente a conexão entre o conhecimento ecológico local, a conservação e o manejo, fato que se acentua mais ainda na pesca artesanal, pode-se considerar casos no litoral baiano, em que o conhecimento e práticas de pesca, podem estar associados à conservação (Souto 2006). O autor chama atenção, para a necessidade de se evitar a romantização, de que comunidades tradicionais são conservacionistas natos, pois se um dos axiomas da etnoecologia é de que os conhecimentos não estão igualmente distribuídos em uma população, o mesmo pode se dizer dos comportamentos.

### 2.3 Levantamentos florísticos e fitossociológicos com dados etnobotânicos e estudos etnobotânicos realizados no Piauí

Existem poucos trabalhos de caráter etnobotânico exclusivos no Piauí. Porém, vários autores, ao realizar estudos de fitossociologia e florística, procuram dar um enfoque etnobotânico em seus trabalhos.

Um dos primeiros trabalhos a utilizar este enfoque, foi realizado por Jenrich (1989), que realizou levantamento da vegetação nativa nas regiões de altiplano em Amarante, Oeiras e áreas vizinhas, observando a utilização da vegetação para diversas finalidades de uso, principalmente, madeireira e medicinal.

Em relação às plantas medicinais, temos os trabalhos de Abreu (1996), que trabalhou com os raizeiros de Teresina-PI, identificando 60 espécies, distribuídas em 28 famílias botânicas, com propriedades medicinais, indicadas na cura de inflamações, dores em geral, moleira baixa, quebrante, malária, diversas doenças ósseas, da pele, degenerativas, parasitárias, dos aparelhos respiratório, circulatório, nervoso e reprodutor, utilizadas nas formas de chás e garrafadas, feitas principalmente das folhas, cascas e sementes; Campos (2004), identificando as plantas medicinais cultivadas em nove hortas comunitárias no município de Teresina-PI, registrando 27 espécies medicinais, destacando *Aloe vera* (L.) Burm (babosa), *Chenopodium ambrosioides* L. (mastruz), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (capim-santo), *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. (erva-cidreira), *Mentha villosa* Huds. (hortelã-rasteiro), *M. arvensis* L. (vick) e *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (malva-do-reino), como as mais frequentes; Gonçalves (2004), realizou levantamento das plantas medicinais cultivadas nas hortas comunitárias da zona norte de Teresina-PI, onde identificou 59 espécies empregadas na medicina popular, para tratamento de diversos males, destacando-se os distúrbios respiratórios, seguidos pelos digestivos e dores em geral. Dos 92 entrevistados, a maioria citou as seguintes espécies: malva-do-reino (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.), hortelã-rasteiro (*Mentha villosa* Huds.), folha-santa (*Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken) e mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) como as mais utilizadas. Chás, lambedores, maceração e garrafadas foram as formas de uso mais citadas, bem como folhas e frutos como as partes das plantas mais utilizadas. Mais de uma espécie são usadas nos preparos dos remédios, agregando-se ainda, outros ingredientes, na preparação dos mesmos, tais como: leite, mel, bebidas alcoólicas, dentre outros, e Santos, Barros e Araújo (2007) que levantaram além da flora

medicinal, as espécies forrageiras em área de cerrado no município de Monsenhor Gil, PI, totalizando 70 espécies, distribuídas em 32 famílias. Deste total, 52,9% das espécies foram citadas como medicinal e 70% com uso forrageiro. Os sistemas corporais com maiores consensos foram: sistema respiratório, da pele e tecido celular subcutâneo, do sistema genito-urinário, seguidos pelos do sistema digestivo. No campo das forrageiras, frutos, folhas e flores são as partes dos vegetais mais consumidas pelos animais. Os autores citam *Astrocaryum vulgare* Mart. (tucum), *Parkia plathycephala* Benth. (faveira-de-bolota), *Tabebuia impetiginosa* Mart. ex DC. (pau-d'arco-roxo) e *Tabebuia* sp (pau-d'arco-amarelo) como sendo as espécies mais apreciadas pelos animais.

Em anos anteriores outros autores também realizaram levantamento com espécies forrageiras, como é o caso de Nascimento et al. (1996), que realizaram levantamento das plantas com potencial forrageiro em sete municípios integrantes da Bacia do Parnaíba, possuidores de diferentes tipos de vegetação. Observaram também a utilização dessas plantas na medicina popular e como madeireira, e Lemos (2001), que listou as espécies com potencial forrageiro na região do Parque Nacional Serra da Capivara no sudeste do Piauí, com o objetivo de contribuir para um melhor conhecimento da flora da região, na perspectiva de participar no processo de melhoria das pastagens naturais da Caatinga como um todo, por meio do manejo, preservação e conservação das espécies de importância forrageira, verificando um total de 31 espécies, distribuídas em 13 famílias botânicas.

Quanto à flora melífera, Costa (2005) realizou o levantamento florístico e fitossociológico no município de Castelo do Piauí, destacando a flora melífera da região, levantando um total de 173 espécies, incluindo ervas, hemiparasitas, subarbustos, arbustos, cipós e árvores. Aponta a região como possuidora de boas condições à implantação de projetos sociais de desenvolvimento local sustentável através da produção melífera; Sousa (2007) realizou levantamento da flora melitófila e himenofauna ocorrente no Parque Ambiental Paquetá, em Batalha-PI, listando 35 espécies vegetais, distribuídas em 19 famílias, destacado Leguminosae como a mais representativa, e Soares (2007) levantou a flora melitófila e melissofauna associada em área de cerrado na comunidade Pau-de-leite, Floriano-PI, identificando 40 espécies vegetais associadas às abelhas. A autora destaca que a alternância da florada entre componentes lenhosos e herbáceos garante recursos florais para a manutenção das colméias o ano inteiro, fato importante para a implantação econômica de produção de mel.

Em relação aos estudos que visem o levantamento do potencial da flora local, temos apenas o estudo de Chaves (2005), que catalogou 250 morfoespécies vegetais no município de Cocal-PI, com a finalidade de identificar a composição florística, o espectro biológico, as síndromes de dispersão e levantar as potencialidades da flora, as categorias e o valor de uso para as espécies citadas. Foram identificadas 60 etnoespécies com interesse econômico, distribuídas em seis categorias de uso: medicinal, madeireira, alimentícia, produção de energia, melífera e forrageira. Na categoria medicinal, detectou o uso no tratamento de inflamações nos ovários, útero, rins, fígado e estômago como os mais citados, destacando também o uso madeireiro, principalmente na construção de cercas e portões.

#### **2.4 Quilombolas no Piauí: participação na formação social do Estado e estudos etnobotânicos**

Durante o século XVII, e principalmente no século XVIII, a estrutura social do Piauí comportava dois grupos: um formado por pessoas livres e outro por escravos. Entre os primeiros encontravam-se os fazendeiros, os vaqueiros, os posseiros, os agregados e os sitiantes. O segundo grupo era composto por índios, negros e mestiços submetidos ao regime jurídico-social da escravidão.

Chaves (1988) cita que os escravos negros entraram no Piauí pela estrada que ligava a feira de gado de Capoame (Bahia) à Vila da Mocha (Piauí), sendo introduzidos por Domingos Afonso Mafrense e seus sobrinhos nas Fazendas Nacionais. Salienta, ainda, que o número de escravos nunca foi grande no Piauí. Até o fim da abolição do tráfico negreiro, em 1850, houve um crescimento do número de escravos negros, daí por diante passou a decrescer. Segundo Brandão (1999) o escravo no Piauí teve os mesmos perfis culturais, econômicos e sociais das demais regiões brasileiras, engajando-se, portanto, no quadro social piauiense. Com o desenvolvimento da sociedade, ocorreu a consolidação do regime de trabalho escravo no Estado; com isso, a escravidão, que já se apresentava como parte do sistema colonial das regiões produtoras para o grande comércio, impôs-se como elemento caracterizador da estrutura social que se estabeleceu. A conotação do escravismo no âmbito da economia estendeu-se ao social, concedendo ao proprietário de escravo a imagem de pessoa de projeção e prestígio, bem sucedido na vida, e do lado do escravo, a imagem de ser inferior, subordinado e incapaz.

Para Lima (2002) a situação da escravatura no Piauí não foi diferente dos demais Estados do Brasil e, mesmo o negro alcançando a igualdade jurídica com a abolição, mantinha-se não só a desigualdade econômica, mas também a social. Com o capitalismo, o negro, por não possuir qualificação, fica à margem do processo, ou é utilizado em serviços pesados nas indústrias. Essa situação se refletiu no nível econômico dos negros, que os levou a um processo de marginalização social.

De acordo com Martins et al. (2003) a escravatura serviu para estabelecer a pecuária piauiense, pois os escravos representavam junto com o gado, todo o capital investido nas fazendas de criações; no final do século do XVII a população negra era bem superior à população branca, mas ao final do século XVIII, a população livre já era bastante superior a população escrava, com o decréscimo dessa, influenciado por vários fatores.

Lima (2005) refere que a historiografia piauiense não é autêntica, pois mostra a vida nas fazendas públicas como um “paraíso” para os escravos, quando na verdade, eles sofriam bem mais que nas fazendas privadas, pois além de cuidarem da agricultura e pecuária, há relatos da participação desses escravos na construção da capital Teresina.

Boakari e Gomes (2006) realizaram um mapeamento e caracterização sociocultural em oito comunidades negras rurais do Piauí. Constataram que o histórico das comunidades, suas atividades socioculturais e a vida cotidiana são muito parecidos, cujo o ponto comum reside na dificuldade de acesso aos seus locais de residências, haja vista, muitas encontrarem-se escondidas em grotões, chapadas e vales, característica dos antigos quilombos. A atividade de destaque consistia da prática religiosa católica, além de danças como o reisado, futebol nos finais de tarde e as conversas nas portas das casas.

Ainda hoje, a população negra sofre com a herança do passado e com a falta de políticas que possam mudar essa situação. Gomes (2002), ao tratar das práticas pedagógicas inclusivas na educação, afirma que a ausência de estudos de aspectos da raça negra nos currículos escolares, concorre para a falta de identificação racial e cultural e conseqüentemente, para a inferiorização do povo negro e de seus descendentes; além disso, o preconceito racial acarreta problemas escolares como rejeição, baixa auto-estima, evasão e repetência escolar, dentre outros, que podem afetar a formação educacional e escolar da sociedade e de modo particular da população negra.

Estudos etnobotânicos em quilombos no Piauí, ainda são muito restritos. Foram realizados poucos trabalhos, contemplando apenas populações que vivem em áreas de cerrado, como veremos a seguir:

Abreu (2000) estudou o uso e a diversidade dos recursos vegetais utilizados pela Comunidade Quilombola Mimbó em Amarante-PI, verificando a utilização de 73 espécies, distribuídas em oito categorias de uso (medicinal, construção, tecnologia, alimento humano, alimento animal, combustível, místico/religiosa e venenosa). A autora conclui existir entre os Mimbós um apreciável nível de conhecimento sobre a utilidade das espécies vegetais do cerrado, os quais reconhecem dentro de seu território duas fitofisionomia distintas, a Chapada (cerradão) e o Baixão (cerradão/mata ciliar), de onde procedem a grande parte dos recursos por eles utilizados.

Franco (2005) verificou a diversidade etnobotânica no Quilombo Olho D'água dos Pires, em Esperantina-PI, reunindo informações sobre 177 etnoespécies, pertencentes a 57 famílias botânicas, agrupadas em doze categorias de uso: medicinal, alimentação, madeira, forrageira, ornamental, artesanal, veterinária, mágico-religiosa, comercial, fibra, higiene e energética. As etnoespécies indicadas pelos quilombolas estão presentes em área de vegetação nativa de transição entre o cerrado e a floresta decidual mista e em outros locais, como quintais, roças e capoeiras. Segundo a autora, a comunidade utiliza a vegetação nativa como fonte principal de aquisição de matéria-prima e o número de espécies úteis encontradas indica a importância dos recursos vegetais para a sobrevivência do quilombo; ressalta o alto nível de conhecimento que os membros mais antigos da comunidade detêm sobre o ambiente em que vivem, e considera a necessidade urgente o repasse de conhecimento aos membros mais jovens, para que o saber tradicional adquirido das gerações anteriores possam ser perpetuados e valorizados entre as gerações futuras.

Franco e Barros (2006a) identificaram 82 espécies, pertencentes a 69 gêneros e 41 famílias botânicas, utilizadas como medicinais pela Comunidade Quilombola Olho D'Água dos Pires, usadas principalmente para o tratamento de doenças respiratórias e infecções intestinais, na forma de chás, misturados em garrafadas e o restante como lambedores, sucos, banhos, macerações, dentre outros. As folhas e as cascas do tronco foram as partes mais utilizadas no preparo dos medicamentos e a janaguba (*Himatanthus sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson) foi a espécie mais citada, constando em 100% dos questionários aplicados, utilizada para cura de gripe, inflamação na garganta, tosse, como depurativo do sangue e inflamações gerais.

Franco e Barros (2006b) observaram que, das 33 famílias entrevistadas no Quilombo Olho D'Água dos Pires, apenas nove membros possuem o saber do uso e propriedades das plantas para diversos fins. Identificaram 177 etnoespécies, pertencentes a 58 famílias botânicas, sendo agrupadas em 12 categorias de uso, destacando-se pelo maior número de espécies citadas, a medicinal, alimentar e desdobramento em madeira. As autoras ressaltam a importância dos recursos vegetais para sobrevivência biológica dos quilombolas, assim como o nível de conhecimento que a comunidade detém sobre o ambiente em que vive.

Torquato (2006) realizou pesquisa na Comunidade Quilombola Olho D'água dos Pires, destacando o seu potencial melífero. Identificou 93 espécies vegetais, distribuídas em 74 gêneros e 34 famílias botânicas, visitadas por 31 espécies de abelhas, pertencentes à cinco famílias: Apidae (17 espécies), Anthophoridae e Megachilidae (4), Andrenidae e Halictidae (3). Concluiu, que a diversidade de espécies vegetais permitem picos de floração distintos, garantindo recursos florais às abelhas o ano inteiro.

Franco, Barros e Araújo (2007) levantaram 86 etnoespécies da vegetação de Cerrado, na Comunidade Quilombola Olho D'Água dos Pires, em Esperantina, destacando as famílias Leguminosae, Euphorbiaceae, Myrtaceae e Arecaceae como as mais representativas. Medicinal, madeireira e alimentação foram as categorias de uso mais citadas; e observaram que 65% das espécies estão inclusas em apenas uma categoria de uso.

### **3 METODOLOGIA GERAL**

#### **3.1 Descrição da Área**

O município de São Miguel do Tapuio está localizado a 220km de Teresina, com área total de 6.533km<sup>2</sup> (Figura 1), correspondendo a 2,61% da área do Estado, pertencendo a microrregião de Campo Maior, ocupando a 172ª posição no ranking estadual de exclusão social (CEPRO, 1992; LIMA, 2003). Segundo a CEPRO (1992), a formação vegetacional é de Cerrado e Cerradão. O clima é Tropical Semi-Árido Quente, com duração do período seco de seis meses.

A Comunidade Quilombola dos Macacos, situa-se a 26km da sede da cidade, em uma região de difícil acesso. Possui uma área de 2000ha aproximadamente, onde habitam 106 indivíduos, distribuídos em 27 famílias, que sobrevivem da agricultura de subsistência e criação extensiva de galinhas, porcos, cabras, bodes, carneiros, ovelhas e em menor escala bois e vacas.

Possui uma escola de ensino fundamental que leciona aulas da alfabetização a 4ª série, sendo que a partir da 5ª série, os alunos devem se deslocar para outra comunidade ou irem estudar na cidade de São Miguel do Tapuio. Neste último caso, permanecem a semana toda no Município, pois só tem transporte escolar nos finais de semana. O abastecimento de água é feito através de gravitação, onde as águas do brejo dos Macacos são represadas, passando a serem distribuídas através de encanação até as residências. A comunidade não dispõe de energia elétrica, porém assistem televisão (comunitária) abastecida por energia solar, captada através de placas e acumulada em baterias (INCRA, 2006).

A história da comunidade é marcada pela luta da posse da terra que se agravou, principalmente na década de 1990, quando o posseiro que se dizia dono das terras, tentou

expulsar uma família do local. Este fato desencadeou uma revolta nos moradores, que resolveram juntar forças para lutar pela retomada das terras, que segundo eles pertenceram aos seus antepassados. Apesar de possuírem o título de auto-reconhecimento de Comunidade Remanescente de Quilombo, expedido pela Fundação Palmares em maio de 2005, ainda espera o título de posse definitiva da terra expedido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

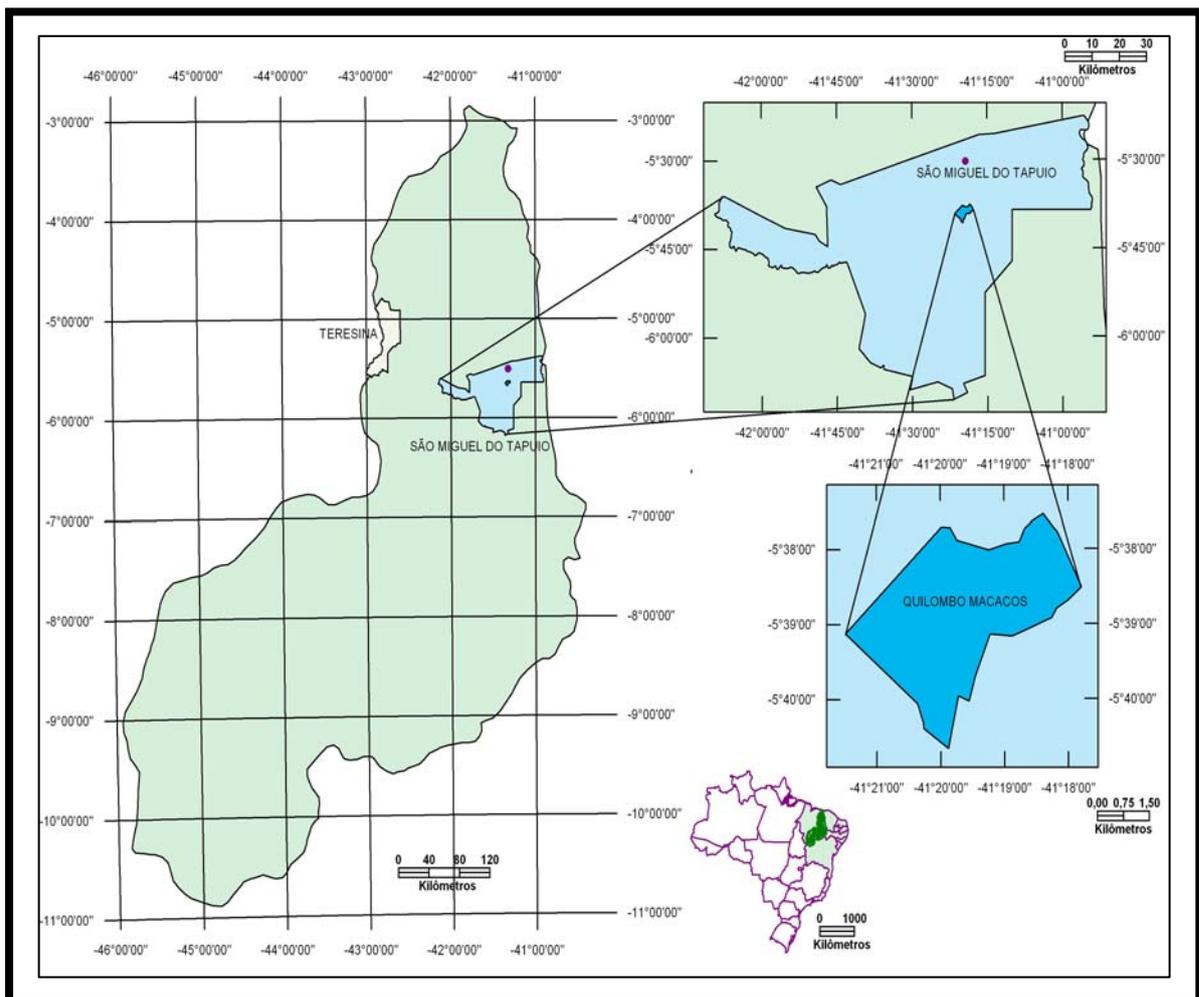


Figura 1: Localização da área de estudo, Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio-PI.

### 3.2 Coleta de dados

A população levantada é de 106 pessoas, distribuídas em 27 famílias, havendo a participação de todos os membros da casa, onde os entrevistados foram questionados inicialmente sobre perguntas de caráter sócio-econômico: idade, estado civil, renda,

moradia e saneamento. Em seguida, direcionou-se perguntas relativas ao uso e conhecimento das plantas úteis. Do total de habitantes, 20 foram indicados como conhecedores da vegetação local, bem como das suas finalidades e destes, cinco com informantes-chave, sendo três homens e duas mulheres: um na faixa etária de 30 a 45 anos, outro entre 46 e 60 e os demais acima de 60 anos que realizaram as turnês guiadas na vegetação local. Os dados foram coletados entre janeiro de 2006 e abril de 2007, com aplicação de formulários na comunidade quilombola, contendo levantamento de informações socioeconômicas, culturais e etnobotânicas, seguindo a metodologia de entrevista semi-estruturada, descrita por Albuquerque & Lucena (2004).

A coleta e herborização do material botânico foram realizadas segundo Mori et al. (1989), quinzenalmente no período chuvoso e mensalmente no seco. Todo o material foi incorporado ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí. As identificações das espécies foram feitas com base em bibliografia especializada, comparações com exsicatas identificadas e envio a especialistas. O sistema de classificação adotado foi o de Cronquist (1981), com exceção da família Leguminosae, que obedeceu a Judd et al. (1999). As abreviaturas dos nomes dos autores das espécies estão de acordo com Brummitt e Powell (1992), e nos sites MOBOT ([mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html](http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html)) e IPNI ([www.ipni.org](http://www.ipni.org)).

As indicações foram agrupadas com base nas categorias de uso propostas por Lima et al. (2000), com modificações, totalizando 13 categorias: alimentícia; alucinógena; artesanato e fibra, energética; forrageira; higiene e limpeza; madeireira; mágico-religiosa; medicinal; melífera; ornamental; tóxica e utensílios domésticos e de trabalho.

Para o cálculo do Valor de Uso atribuído as etnoespécies, utilizou-se a metodologia proposta por Phillips & Gentry (1993a;b) e Phillips *et al.* (1994), modificada por Rossato *et al.* (1999), sendo efetuado através da fórmula  $VU = \sum U/n$ , onde VU = valor de uso; U = número de citações da etnoespécie por informante e n = número total de informantes. As etnoespécies foram distribuídas em cinco classes: a primeira variando de 0,05 a 0,50; a segunda de 0,51 a 1,00; a terceira de 1,01 a 1,50; a quarta de 1,51 a 2,00 e a quinta classe variando de 2,01 a 2,50.

Para as espécies medicinais, a Importância Relativa (IR) de cada uma delas, foi calculada com base na proposta de Bennett e Prance (2000), onde o valor máximo do IR obtido por uma espécie será 2, através da fórmula  $IR = NSC + NP$ , onde NSC é igual ao

número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie (NSCE), dividido pelo número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV);

$$NSC = \frac{NSCE}{NSCEV}$$

NP coincide com a relação entre o número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE) e o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV).

$$NP = \frac{NPS}{NPEV}$$

As doenças citadas foram agrupadas em 15 categorias, com base na OMS (2000), sofrendo algumas modificações: transtornos do sistema respiratório; transtorno do sistema circulatório; transtorno do sistema nervoso; transtorno do sistema digestivo; transtorno do sistema genito-urinário; doenças do sistema osteomuscular; inflamações e dores em geral; doenças parasitárias; neoplasias; doenças do sangue; doenças de pele e tecido celular subcutâneo; impotência sexual; doenças das glândulas endócrinas e do metabolismo; transtornos do sistema sensorial (visão) e mordida de cobra.

Para cada categoria foi calculado o Fator de Consenso dos Informantes, através da fórmula adaptada de Trotter e Logan (1986), onde  $FCI = \frac{nar - na}{nar - 1}$ : nar = somatório de usos registrados por cada informante para uma categoria; e na = número de espécies indicadas na categoria. O valor máximo do FCI é 1, quando ocorre um consenso completo entre os informantes das plantas para uma doença em particular.

## **4 HISTÓRICO E PERFIL SÓCIOECONÔMICO E CULTURAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS MACACOS, SÃO MIGUEL DO TAPUIO, PIAUI**

### **4.1 Histórico**

Com base nos depoimentos de alguns moradores o nome da comunidade teve origem devido ao grande número de macacos que existiam na região, quando chegaram os primeiros habitantes. Pode-se afirmar que o quilombo tem raízes indígenas e africanas, tendo se formado há pelo menos 150 anos. Seus primeiros habitantes foram a índia Bonifácia e seu esposo Clementino. Bonifácia descobriu as terras ao se embrenhar em uma caçada a uma onça. Não se sabe ao certo qual cidade, povoado ou tribo a que ela pertencia, possivelmente aos Tapuias ou Tacarijus, presentes naquela época, na região. Desconhece-se como eles se encontraram e desta união nasceu Clara, que mais tarde se casou com o negro Marçonilo, que era escravo, provavelmente fugido de uma das fazendas de São Miguel do Tapuio; da união nasceu Maria Clara, que por sua vez casou-se com José Lúcio, filho de Francisco Firmino que era escravo, e Vicença, que era índia, diz-se que das mais bravas. Maria Clara e José Lúcio foram expulsos das terras do quilombo por volta de 1947 pelo Sr. Moisés Bajur, que era agrimensor e se apossou da área, vendendo mais tarde para o Sr. Gabriel Soares Campelo, que batizou o local como São Vicente, em uma missa celebrada pelo padre Cláudio, que era vigário da paróquia de São Miguel Arcanjo, em São Miguel do Tapuio.

Passados vários anos, mais precisamente em 1975, descendentes de Maria Clara e José Lúcio resolveram voltar a morar, no local agora conhecido como São Vicente, como arrendatários do Sr. Gabriel Campelo, trabalhando no plantio de cana e no feitiço de roças,

onde eram ressarcidos apenas com parte da produção. Posteriormente, vieram as outras duas famílias (Miranda e Justino) também descendentes diretos de Bonifácia e Clementino. Além de serem arrendatários do Sr. Gabriel Campelo, também eram submetidos à velha prática do coronelismo e o chamado voto de cabresto, onde todos teriam que votar em quem o patrão indicasse. Nos meados dos anos 1990, houve um grande desentendimento entre o Sr. Gabriel Campelo e o Sr. Manoel Félix (neto de Maria Clara e José Lúcio), conflito esse que é considerado o marco inicial para a retomada da posse da terra.

A partir do conflito, houve uma grande mobilização em torno da causa, vindo a juntar forças como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Miguel do Tapuio, a Federação de Trabalhadores em Agricultura do Piauí (FETAG), e posteriormente, o Movimento Quilombola.

Em 1999, foi fundada a Associação da Comunidade Quilombola Rural dos Macacos, com registro de CNPJ nº 03.834.697/0001-94, que mantém 38 famílias cadastradas, porém, apenas 27 residem no local, sendo integrada ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Miguel do Tapuio. O representante na Coordenação Quilombola do Piauí é o Sr. Manoel Félix. Atualmente, é realizada uma reunião mensal no terceiro sábado de cada mês, onde são discutidas as questões internas da comunidade e também o repasse dos informes do Movimento Quilombola no Piauí. Em 9 de maio de 2005, a Fundação Palmares expediu o Título de Auto-Reconhecimento para a comunidade, passando a ser considerada como remanescente de quilombo.

Ainda hoje, não se tem uma decisão final do processo. Essa luta conflituosa se acirrou nas últimas quatro décadas e perante o Estado brasileiro, consta como a última provocação formal da comunidade a título de requerimento de mediação e intervenção social, datado do mês de março de 2002, segundo o relatório do INCRA (2006). É quase certa a retomada da posse da terra; o INCRA, concluiu no final de 2007 a demarcação da área, restando agora a expedição do título da terra aos quilombolas, de acordo com o Decreto Lei Federal Nº 4.887 de 2003, que regulariza as terras remanescentes de quilombo.

#### **4.2 Perfil socioeconômico e cultural**

A comunidade está composta por um grupo de 27 famílias, com uma população total de 106 pessoas, distribuídas nas seguintes faixas etárias: 41 pessoas de 0 a 15 anos, sendo 28 homens e 13 mulheres; 30 pessoas de 16 a 30 anos (15 homens e 15 mulheres);

20 pessoas de 31 a 45 anos (12 homens e oito mulheres); nove pessoas de 46 a 60 anos (quatro homens e cinco mulheres) e seis pessoas acima de 60 anos (quatro homens e duas mulheres). Observa-se, que nas faixas etárias de 0 a 15; 31 a 45 e acima de 60 anos, há um predomínio do sexo masculino, enquanto que na faixa etária 46 a 60 anos, predomina o sexo feminino e na faixa etária de 16 a 30 anos, há uma equidade entre os sexos (Figura 2).

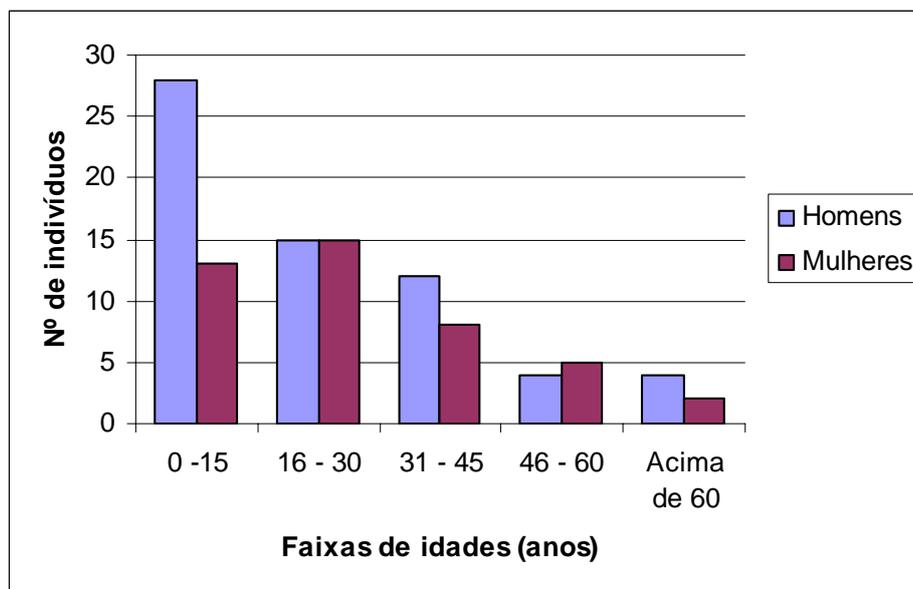


Figura 2: Composição da população por faixas etárias na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio/PI.

Existe uma escola na comunidade, que recebe o nome do Sr. José Félix de Almeida (Zé Félix), que é o morador de idade mais avançada (86 anos). Porém, o ensino oferecido só vai até a 4ª série do Ensino Fundamental, obrigando os jovens a deslocarem-se até a comunidade vizinha, denominada de Taboca ou irem estudar na escola agrícola da cidade de São Miguel do Tapuio, para complementação dos estudos. Observa-se que o nível de alfabetização é considerado bom para a região, pois 73,75% da população em idade escolar são alfabetizados, 12,50% semi-analfabeta e 13,75% analfabeta.

Quanto à organização familiar, a comunidade é basicamente composta por três famílias: Miranda, Félix e Justino, chefiadas pelos os indivíduos mais velhos, Antonio Miranda, José Félix e Antonio Justino, respectivamente. Destas três famílias se desdobram as demais, mantendo uma característica peculiar aos territórios de quilombo, que é o casamento entre parentes. Porém, observa-se que ocorreu a incorporação, através de casamentos, de pessoas vindas de outras regiões e não negras, fato observado também por

Boakari e Gomes (2006, p. 42), no mapeamento e caracterização sociocultural de oito comunidades negras rurais do Piauí:

Em tempos recentes, as novas gerações têm se casado com mulheres e homens não negros de fora da comunidade. Assim, hoje existem alguns indivíduos que não são negros em aparência física. O importante para os moradores é o fato de que estas pessoas que não nasceram na comunidade agora ajudam para manter a mesma.

As casas são construídas em regime de mutirão e em sua maioria são de tijolos, confeccionados pelos quilombolas, sendo que os utilizados na construção das paredes externas são cozidos em forno, e os usados nas paredes internas são crus. Existem na comunidade cinco casas erguidas em taipa (ripas de madeira preenchidas com barro). A cobertura das casas é feita com telhas produzidas em uma olaria dentro da comunidade. O piso geralmente é de chão batido, alguns com uma camada de argila deixando um aspecto encimentado, mas em algumas casas é encontrado o piso de cimento liso. Observa-se também a existência de calçadas somente na frente de algumas casas (Figura 3).

A comunidade sofre com a falta de energia elétrica, pois ainda não foram beneficiados com o Programa de Eletrificação Rural do Governo Federal, sendo necessário o uso de lamparinas à diesel ou querosene durante a noite.

O abastecimento de água ocorre através de gravitação, onde as águas do brejo dos Macacos são represadas, e distribuídas por meio de encanação até as residências; apenas uma casa não possui água encanada.

No final da tarde, os moradores se reúnem para assistir televisão comunitária abastecida por energia solar, localizada na região central da comunidade; assistem principalmente as novelas, programa preferido da grande maioria. Existem, ainda, quatro residências com aparelho de TV, também abastecidos por energia solar. Outra atividade muito freqüente entre os moradores é a tradicional conversa nas portas, onde são relatados os fatos do cotidiano e também dos antepassados, regadas ao velho e bom cafezinho. A criançada se diverte jogando bola nos campos improvisados, jogo de peteca (bolinha de gude) e recentemente, em rodas de capoeira. Além disso, aulas de capoeira são realizadas em parceria com a Coordenação Quilombola e com o Centro Piauiense de Ação Cultural (CEPAC).

As manifestações culturais estão presentes na comunidade e lhes confere identidade própria. O reisado é a manifestação mais forte, o qual é realizado em três ocasiões: no dia

de Santo Reis em janeiro, nas festas juninas e nos eventos promovidos pelas entidades quilombolas.



Figura 3: Olaria e tipos de construções no Quilombo dos Macacos, São Miguel do Tapuio – PI. **A** – parede construída de tijolos cozidos e tijolos crus. **B** – olaria da comunidade, **C** – piso de barro. **D** – piso de cimento. **E** – casa de taipa. **F** – casa de tijolo

A religiosidade é forte e todos os moradores se declaram católicos. Rezam novenas no dia de Santo Reis (janeiro) e Santa Luzia (dezembro), além de guardarem (não trabalharem) os dias santos, por exemplo: dia de São José, São Miguel Arcanjo, São João,

São Francisco, Santo Antonio, Todos os Santos e Senhora Santana. Aos domingos à tarde são realizados encontros de catecismo na escola da comunidade. Por dificuldade da presença regular de padres, são realizadas apenas duas missas por ano, geralmente nos meses de maio e outubro, variando de acordo com a disponibilidade do padre. Nestas oportunidades são celebrados em uma única cerimônia, batizados, casamentos, missa em intenção aos mortos e primeira eucaristia.

O linguajar é o habitual da região rural, com inclusão de palavras pouco conhecidas por habitantes da região das cidades, conforme descritas no quadro abaixo.

PALAVRAS	SIGNIFICADOS
Curinga	Chapéu
Surrão	Cofó; cesto
Ameiziando	Tratando
Catrevagem	Traquinagem
Emplial	Igual
Sujeição	Obrigaçãõ
Estilar	Expectorar
Discuncar	Quebrar a inflorescência
Lombudo	Sonolento
Corrimbo	Nariz grande
Taboqueiro	Local de colocar rapé
Estrepe	Espinho, farpa
Pixiringa	Ácaro de galinha
Amojada	Animal gestante
Furna	Caverna
Encastoar	Guiar
Simbereba	Suco de fruta nativa
Périca	Aborto espontâneo
Meizieira	Fazer remédio do mato
Dia aziague	Dia azarado
Burrego	Carneiro novo
Reis	Boi novo
Erado	Deixar ficar velho
Melaço	Espécie de mel a base de ervas

Quadro 1: Palavras utilizadas na linguagem habitual da Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI

O uso de rimas denominadas de “décimas”, são declamadas com freqüência nas rodas de conversas, principalmente pelo presidente da associação, dentre elas, as mais famosas são: a décima da cascavel, do jucá, do escravo, do vaga-lume e da cachaça, descritas a seguir.

**Décima da cascavel**

Cascavel se confia no veneno que conduz.  
 Quem for picado por ela pode apelar pra Jesus.  
 Encomendar quatro coisas:  
 Caixão, vela, cova e cruz.

**Décima do jucá**

Antonio de Juca Machado, de Deus é  
 abençoado.  
 A lenha serve pro fogo e a rama pro gado.  
 A casca pra medicina e o miolo pro mal criado.

**Décima do escravo**

Esse negro foi escravo e por isso muito  
 positivo.  
 Por que está no meio de brancos quer ser criado  
 e ativo.  
 Nego da canela seca, todo ele foi cativo.

**Décima do vaga-lume**

Pirilampo voador, para isso tem garantia.  
 Acende a lâmpada de noite e apaga durante o  
 dia.  
 Voa eletrificado sem pagar energia.

**Décima da cachaça**

Não gosto da cachaça, mode o efeito que faz.  
 Derruba o homem casado e desmoraliza o  
 rapaz.  
 A gente puxa pra diante e ela pra diante e pra  
 trás.

As crendices e superstições também estão presentes na comunidade; uma delas é o fato de existirem dois dias no ano em que ninguém trabalha, são denominados dias “aziague” (dia azarado), que são a primeira segunda feira de abril e de agosto. Nestes dias, ninguém vai à roça, pois pode ocorrer algum tipo de acidente ou coisa igual. Outro fato interessante é que todas as residências possuem um pé de pião-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), para espantar mal olhado. Apenas três moradores detêm o poder da reza e desfazem encanto de quebranto em crianças com galhos de vassourinha (*Scoparia dulcis* L.), arruda (*Ruta graveolens* L.), fedegoso (*Senna occidentalis* (L.) Link.) e pião-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), além de levantar as arcas caídas.

A atividade básica da maioria dos moradores é a agricultura com a prática de cultivos em roça. A grande maioria completam o sustento com rendas provenientes de aposentadorias e benefícios do Governo Federal; observa-se que 59,26% das famílias recebem o bolsa família, 11,11% tem aposentados, 7,41% recebem o bolsa família e tem aposentados e 22,22% não possuem nenhum tipo de benefício (Figura 4). Existe uma horta comunitária, onde são produzidas as hortaliças consumidas na comunidade, cujas espécies cultivadas são: cenoura (*Daucus carota* L.), pepino (*Cucumis sativus* L.), tomate (*Lycopersicon esculentum* Mill.), pimentão (*Capsicum annuum* L.), beterraba (*Beta vulgaris* L.), alface (*Lactuca sativa* L.), cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.), coentro (*Coriandrum sativum* L.), pimenta-malagueta (*Capsicum frutescens* Willd.) e espécies

medicinais como capim-santo (*Cymbopogon citratus* Stapf.), boldo (*Plectranthus barbatus* Andr.) e erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br.).

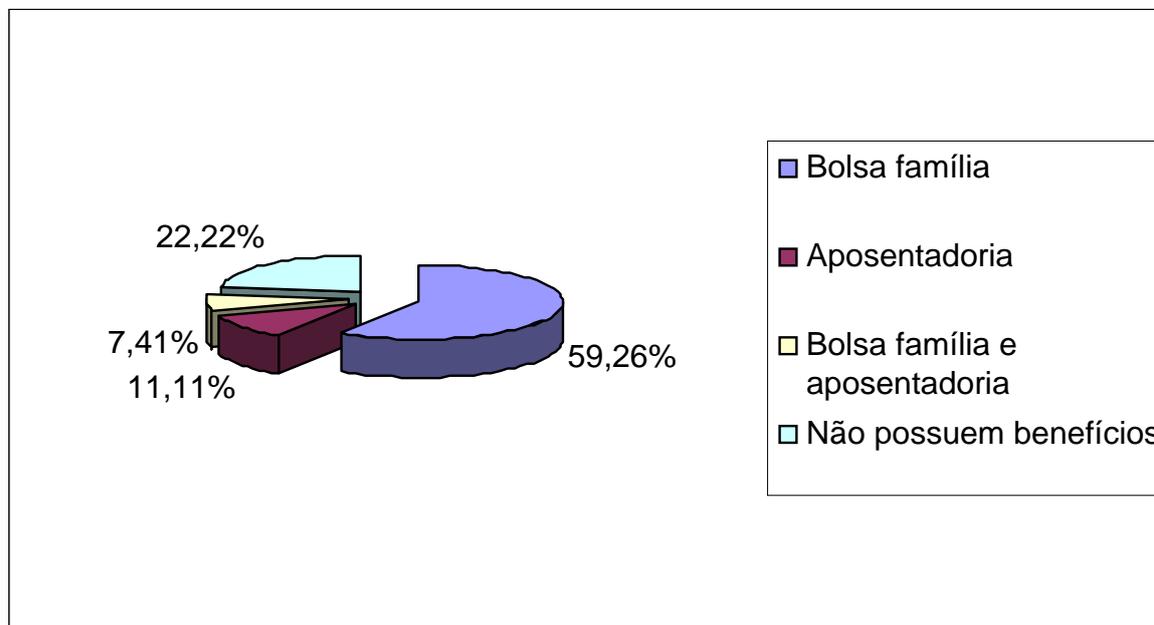


Figura 4: Percentual de famílias beneficiadas com auxílio do Governo Federal e aposentadorias, na Comunidade Quilombo dos Macacos, São Miguel do Tapuio, Piauí.

No sistema de roça adotado pelos quilombolas é utilizado tradicionalmente o corte e a queima para abertura do local, assim como descrito por Peroni (2006), onde, muitos agricultores, após o ciclo de cultivo que perfaz de dois a três anos, deixam suas roças em pousio de quatro a mais anos, aproveitando-se então das espécies que ocupam estas áreas como recursos, ao longo dos anos. As roças variam de tamanho, sendo a média de quatro tarefas (cerca de um hectare), cujos cultivares de maior frequência são o milho (*Zea mays* L.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) e mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), e em menor frequência, melancia (*Citrullus vulgaris* Schrad) e melão (*Cucumis melo* L.); o arroz (*Oryza sativa* L.) somente é plantado em uma pequena faixa nas proximidades do brejo denominado Macacos. A maioria da produção destina-se à própria alimentação, constituindo a agricultura de subsistência, porém, quando ocorre excedentes, são comercializados na cidade de São Miguel do Tapuio.

Observa-se nos quintais uma extensão dos cultivos, sendo o espaço aproveitado pelos moradores completando sua produção. Espécies exóticas são utilizadas como alimentícias, destacando-se: ata (*Annona squamosa* L.); siriguela (*Spondias purpurea* L.)

manga (*Mangifera indica* L.) e banana (*Musa paradisiaca* L.). Todos os quintais possuem algum tipo de cultivo, sendo o das hortaliças realizado em canteiros suspensos para que os animais não danifiquem as plantas, onde são semeadas a cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.) e o coentro (*Coriandrum sativum* L.). Neles também são realizadas as farinhadas (beneficiamento da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) em produtos como farinha, goma (povilho) e puba, geralmente, no período de junho a agosto, que ocorrem em regime de mutirão. Apenas três quintais possuem fornos para farinhadas.

Sendo assim, os quintais constituem-se em uma extensão das casas, contribuindo também para o estreitamento dos laços com os familiares e vizinhos e para manter vivas as tradições locais; é também um espaço de convivência, onde se reúne a família nos finais de tarde e onde os amigos são recebidos, fato comum em todo o Nordeste do Brasil e também relatado por Amorozo (2006) para as comunidades da região Norte do país. Assumem também, papel importante nas culturas permanentes que é dominada pelos cajueiros (*Anacardium occidentale* L.), devido ao alto valor econômico do fruto (castanha), que é comercializado na sede do município. Infelizmente, a comunidade não tem um destino rentável ao pseudofruto, pois grande parte da produção é destinada à alimentação dos porcos, enquanto poderia estar sendo aproveitada em outras formas, como doces, por exemplo.

A criação extensiva de animais está presente em pequena escala, pois todas as famílias possuem algum tipo de criação (Figura 4), as mais comuns são as de galinhas e porcos. A ovinocaprinocultura é desenvolvida por 20 famílias e a bovinocultura por apenas quatro.

No extrativismo animal observa-se a utilização das espécies na complementação da alimentação, destacando-se entre as preferidas o tatu (*Dasipus* sp), o peba (*Euphractus sexcinctus* Linnaeus, 1758), o mocó (*Kerodon rupestris* Wied, 1820) e o mambira (*Tamandua tetradactyla* Linnaeus, 1758); praticam também a caça de animais para uso medicinal, como é o caso do fel da paca (*Cuniculus paca* Linnaeus, 1766) e da banha do teju (*Tupinambis meriana* Duméril e Bibron, 1839), que são utilizados no tratamento de mordida de cobra; a banha de galinha (*Gallus gallus domesticus* Linnaeus, 1758) serve para aliviar a constipação e a banha de cascavel (*Crotalus durrisus* Linnaeus, 1758) é empregada no tratamento de reumatismo.

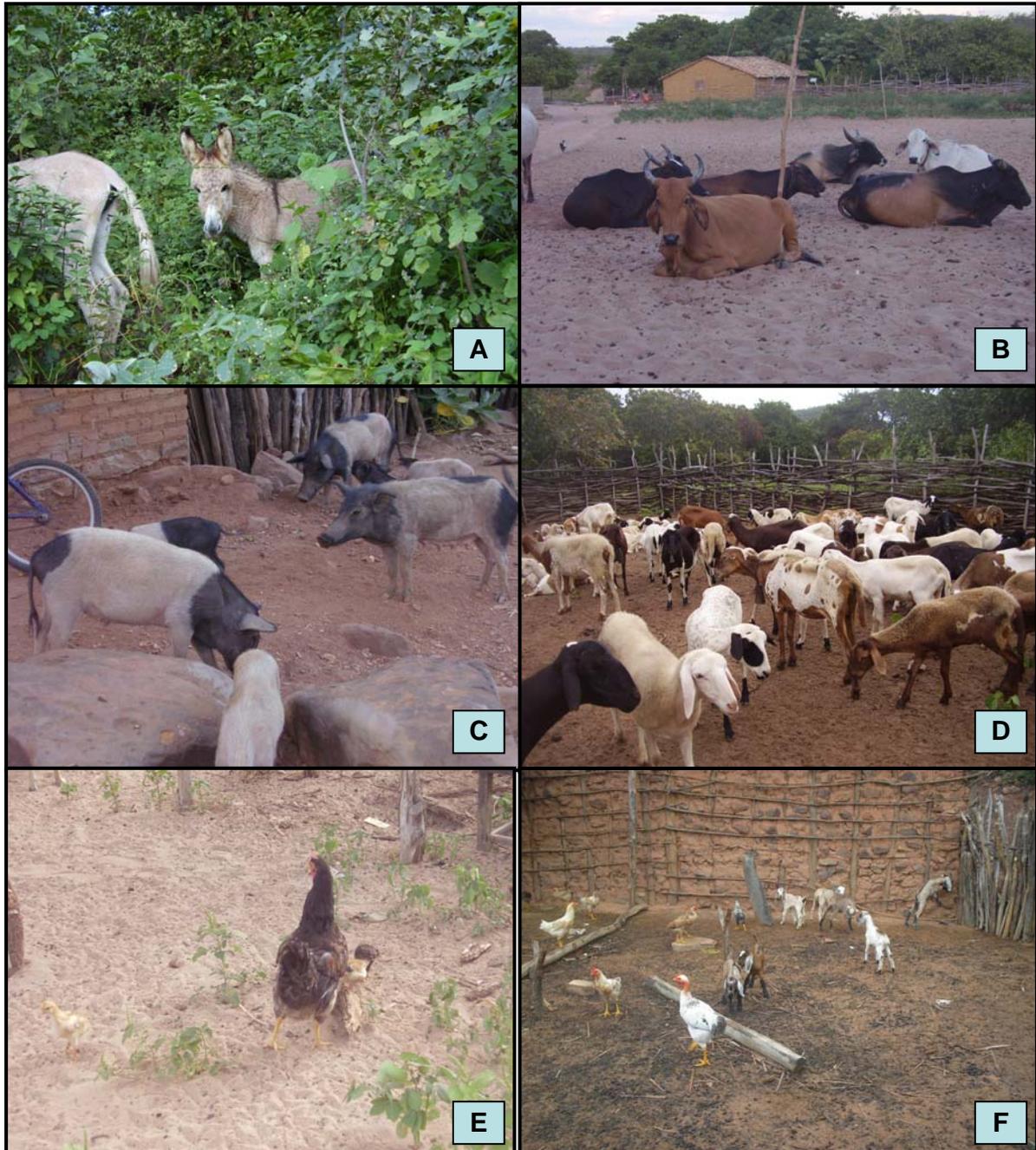


Figura 5: Criações de pequeno porte mantidas pela Comunidade Quilombola dos Macacos em São Miguel do Tapuio – PI. **A** – criação de jumento, utilizado no transporte de mandiocas na época de farinha; **B** – criação de vacas e bois, para produção de leite e carnes; **C** – criação de porcos, para consumo e venda; **D** – criação de ovelhas, para consumo e venda; **E** – criação de galinhas, para consumo e **F** – criação de galinhas e bodes, para consumo.

O extrativismo vegetal é de grande importância, pois toda a madeira utilizada na construção das casas é retirada de uma área de mata semidecídua, com árvores de médio a grande porte, sendo as espécies mais utilizadas: pereiro (*Aspidosperma pyrifolium* Mart.), amburana-de-cheiro (*Amburana cearensis* (Allemão) A. C. Sm.) e uma espécie não

identificada até o momento, denominada de birro (Leguminosae). No campo medicinal, destaca-se a janaguba (*Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel), aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão), pau-d'arco (*Tabebuia impetiginosa* (Mart. ex DC.) Standl) e batata-de-purga (*Operculina macrocarpa* (L.) Farw.). Como fonte de alimentação destacam-se o jatobá (*Hymenaea courbaril* L.), pirunga (*Erythroxylum bezerrae* T. Plowman) e pitomba (*Talisia esculenta* Raldk.). Uma espécie muito utilizada pelos quilombolas é a carnaúba (*Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore), cujo fruto serve como alimento, o caule é empregado na construção de casas ou canteiros, a raiz como medicinal e das folhas extrai-se o pó para produção de cera (tarefa esta, que é realizada por apenas um morador, redendo em média 450kg de pó) ou para a confecção de vassouras, além de ser um ótimo adubo.

Grande parte da madeira que é retirada da vegetação é utilizada para construções de cercas e portões, destacando-se: pereiro-branco (*Aspidosperma cuspa* (Kunth) Blake), marmeleiro (*Croton blanchetianus* Baill.) e unha-de-gato (*Mimosa caesalpinifolia* Benth.), sendo os tipos mais comuns as cercas de cama (confeccionadas com a madeira na horizontal) e faxinas (madeira na posição vertical), usadas no cercado das roças, hortas e quintais.

As doenças mais comuns entre os moradores são gripes, que são curadas na grande maioria por lambedores e chás, preparados com velame (*Croton* sp), bamburral (*Hyptis suaveolens* Poit.), hortelã-vick (*Mentha arvensis* L.) e erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br.), dentre outros. Nas dores de barriga é utilizando o chá da folha de goiaba (*Psidium guajava* L.) e no tratamento de hipertensão arterial, é ministrado chá de endro (*Anethum graveolens* L.), além dos remédios receitados pelo médico que compõe a equipe do Programa da Saúde Familiar (PSF) que atende a comunidade uma vez por mês. Quando são diagnosticados alguns casos de doenças que exigem um cuidado maior, as pessoas doentes são encaminhadas ao hospital da cidade. A equipe é formada por médico, dentista, enfermeira, auxiliar de enfermagem e agente comunitário. Dentre a equipe do PSF, a enfermeira tem experiência no tratamento de doenças com plantas de propriedades medicinais, como é o caso da semente de mufumbo (*Combretum leprosum* Mart.), empregado no tratamento de gastrite. São realizadas campanhas de vacinação periódicas para as crianças e idosos. Há também a vacinação de cães e gatos contra a raiva.

Observa-se um intenso processo de aculturação na Comunidade Quilombola dos Macacos, principalmente quando comparada com as comunidades quilombolas dos Mimbó estudada por Abreu (2000) e Olho D'água dos Pires por Franco (2005), ambas no Piauí.

Antigamente, por exemplo, segundo relato dos moradores, os alimentos eram guardados em jacás e balaios confeccionados pelos próprios quilombolas, porém hoje se usa garrafas “pet” e sacos plásticos. Não se planta mais o fumo (*Nicotiana tabacum* L.) e o consumo de cigarro de palha está dando lugar ao cigarro industrializado comprado na sede do município, e os inseticidas naturais estão sendo substituídos aos poucos por agrotóxicos.

Apesar da perda de elementos e incorporação de outros à cultura local, e do conhecimento tradicional está retido, principalmente, nas pessoas mais velhas da comunidade, ainda, observou-se o uso do mesmo dentro da comunidade, havendo uma preocupação com a manutenção da potencialidade dos recursos vegetais local, que podem contribuir na conservação da biodiversidade local, mas é preciso um estímulo aos membros mais jovens, para que possam absorver o conhecimento, que ainda existe entre os moradores, mantendo viva a tradição local.

## 5. REFERÊNCIAS

ABA – Associação Brasileira de Antropologia. **Terra de quilombos**. Rio de Janeiro: Decania CFCH/UFRJ, 1995.

ABREU, J. R. **Plantas medicinais comercializadas em mercados públicos e feiras livres na cidade de Teresina – PI**: atividades biológicas e banco de dados. Relatório/IC/CNPq/UFPI, 1996. 20p.

ABREU, J. R. **Diversidade de recursos vegetais do cerrado utilizado pelos quilombolas Mimbó (Amarante, Piauí, Brasil)**. Recife: UFPE, 2000. 68p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

AB'SABER, A. N. Os domínios morfoclimáticos da América do Sul: primeira aproximação. **Geomorfologia**, v. 2, p. 1-21, 1977.

ALBUQUERQUE, U. P. **Folhas sagradas**: as plantas litúrgicas e medicinais nos cultos afro-brasileiros. Ed. Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997.

ALBUQUERQUE, U. P. A etnobotânica no Nordeste brasileiro. In: CAVALCANTI, T. B. et al. (Orgs.) **Tópicos especiais em botânica**: palestra convidados do 51º Congresso Nacional de Botânica. Brasília: EMPRABA, 2000. p. 241-249

ALBUQUERQUE, U. P.; CHIAPPETTA, A. de A. Formas de uso de espécies vegetais utilizadas nos cultos afro-brasileiros. **Biológica Brasília**, v. 6, n. 1/2, p. 111-120, 1995.

\_\_\_\_\_. Contribuição etnobotânica para o universo ritual dos cultos afro-brasileiro. In: LIMA, T. (Org.). **Sincretismo religioso**: ritual afro. Recife: Massangana, p. 188-197, 1996.

\_\_\_\_\_. Levantamento das espécies empregadas nos cultos afro-brasileiros em Recife-PE. **Biológica Brasília**, v. 7, n. esp., p. 23-32, 1997.

ALBUQUERQUE, U. P. de.; ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica do gênero *Ocimum* L. (Lamiaceae) em lãs comunidades afrobrasileñas. **Anales Jardín Botánico de Madrid**, v. 56, n. 1, p. 107-118, 1998.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Métodos e técnicas para coleta de dados. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. (Orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido / NUPEEA, 2004.

ALMEIDA, A. W. B. Os quilombolas e as novas etnias. **Revista Palmares**, v. 5, 2000.

AMOROZO, M. C. de M. Agricultura tradicional, espaço de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P. et al. (Orgs.) **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. 2. ed. NUPEEA/SBEE: Recife, 2006. 151p.

ANDERSON, A. B.; POSEY, D. A. Manejo de Cerrado pelos índios Kayapó. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Botânica, v. 2, n. 1, 1985.

\_\_\_\_\_. Reflorestamento indígena. **Ciência Hoje**, v. 6, n. 31, p. 44-50, 1987.

ANDRADE-LIMA, D. Vegetação. In: LINS, R. C. **Bacia do Parnaíba**: aspectos fisiográficos. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978. p. 123-135. (Série Estudos e Pesquisas, 9).

\_\_\_\_\_. The caatinga dominium. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 4. p. 149-153, 1981.

\_\_\_\_\_. **Domínio das caatingas**. Recife: UFRPE / Fundação Ford. 1992. 48 p.

BENNETT, B. C.; PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. **Economic Botany**, v. 54, n. 1, p. 90-102, 2000.

BERG, M. E. van den. Aspectos botânicos do culto afro-brasileiro da Casa de Minas do Maranhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Botânica, v. 7, n. 2, p. 485-498, 1991a.

\_\_\_\_\_. Plantas de origem africana de valor sócio econômico atual na região Amazônica e no Meio-Norte do Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Botânica, v. 7, n. 2, p. 499-504, 1991b.

BOAKARI, F. M.; GOMES, A. B. S. **Comunidades negras rurais do Piauí**: mapeamento e caracterização sociocultural. EDUFPI: Teresina, 2006. 64p.

BRANDÃO, T. M. P. **O escravo na formação social do Piauí**: perspectivas históricas do século XVIII. EDUFPI: Teresina, 1999. 198p.

BRASIL. **Decreto Lei Federal nº 4.887 de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das Comunidades dos Quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/decreto/2003/D4887.htm>. Acessado em: 15 jun. 2007.

BRUMMITT, R. K.; POWELL, C. E. **Author of plant names**. London: Royal Botanic Gardens Key, 1992. 732p.

CAMARGO, M. T. L. A. **Contribuiciones a los estúdios etno-farmacobotánicos de especies vegetales usadas en los ritos afrobrasileiros**. Universidad Católica Andrés Bello, Caracas, 1988a.

\_\_\_\_\_. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiro I**. São Paulo: Almed, 1988b.

\_\_\_\_\_. Mirra, incenso e estoraque nos cultos afro-brasileiros. In: MOURA, C. E. M. (Ed.). **Meu sinal está no seu corpo**. São Paulo: Edicom/Edusp, 1989.

\_\_\_\_\_. **Trayectoria histórica de las plantas rituales en las religiones afro-brasileras**. Relaciones interculturales. **Montalbán**, v. 27, p. 151-183, 1994.

CAMPOS, M. G. V. **Caracterização de plantas medicinais cultivadas em algumas hortas comunitárias do município de Teresina-PI**. Teresina: UFPI, 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2004.

CARVALHO, M. C. P.; SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M. A. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, v. 10, Campinas, 2002.

CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas. **Perfil dos municípios**. Teresina: Fundação CEPRO, 1992. 420p.

CHAVES, M. **Obra completa**. Teresina: Fundação Cultural, 1988.

CHAVES, E. M. F. **Florística e potencialidades econômicas da vegetação de carrasco no município de Cocal, Piauí, Brasil**. Teresina: UFPI, 2005. 112p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

COELHO DE SOUZA, G.; KUBO, R. R. A perspectiva da etnobotânica sobre o extrativismo de produtos florestais não madeiráveis e a conservação. In: KUBO, R. R. et al. (Orgs.). **Atualidades em etnobotânica e etnoecologia**. vol. 03. Recife: NUPEEA/SBEE, 2006. p. 85-100.

COSTA, J. M. da. **Estudo fitossociológico e sócio-ambiental de uma área de cerrado com potencial melitófilo no município de Castelo do Piauí, Piauí, Brasil**. Teresina: UFPI, 2005. 106p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

CRONQUIST, A. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press, 1981. 1262p.

DIEGUES, A. C. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: HUCITEC, 2000. p. 1-46.

\_\_\_\_\_. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC/USP, 2001. 161p.

DIEGUES, A. C. S.; ARRUDA, R. S. V. (Orgs.) **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília, MMA série Biodiversidade (4), 2001. 176p.

FERNANDES, A.; BEZERRA, P. **Estudo fitogeográfico do Brasil**. Stylus Comunicação, Fortaleza, 1990. 205p.

FRANCO, E. A. P. **A etnobotânica e o desenvolvimento sustentável no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil**. Teresina: UFPI, 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

FRANCO, E. A. P. A.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006a.

FRANCO, E. A. P. A.; BARROS, R. F. M. Saber tradicional dos quilombolas de Olho D'Água dos Pires, Esperantina, Piauí. In: **Anais do II Simpósio Desenvolvimento do Trópico Ecotonal do Nordeste**. Teresina. 2006b. 17p.

FRANCO, E. A. P. A.; BARROS, R. F. M.; ARAÚJO, J. L. L. 2007. Uso e diversidade de plantas do cerrado utilizadas pelos quilombolas de Olho D'Água dos Pires, Esperantina, Piauí. Pp. 247-270. In: LOPES, W. G. R. et al. (Orgs.) **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 402 p.

FREITAS, F. O. Conservação *on farm* uma efetiva estratégia de conservação? In: ALBURQUERQUE, U. P. de; ALMEIDA, C. F. C. B. R. (Orgs.) **Tópicos em conservação e etnobotânica de plantas alimentícias**. Recife: NUPEEA, 2006. p. 09-24.

GOMES, A. B. S. Práticas pedagógicas inclusivas na educação escolar brasileira: a questão dos (as) negros (as). **Linguagem, Educação e Sociedade – Revista do Mestrado em Educação**, v. 7 p. 40-49, 2002.

GÓMES-POMPA, A. Possible papel de la vegetación em la evolución de la flora tropical. **Biotropica**, v. 3, n. 2, p. 125-135, 1971.

GONÇALVES, A.C.R. **Levantamento das plantas medicinais cultivadas em hortas comunitárias da zona norte de Teresina, PI**. Teresina: UFPI, 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2004.

GUEDES, R. R. et al. Plantas utilizadas em rituais afro-brasileiros no estado do Rio de Janeiro – um ensaio etnobotânico. **Rodriguésia**, v. 37, n. 63, p. 3-9. 1985.

HANAZAKI, N.; MAZZEO, R.; SOUZA, V. C. O conhecimento local e a diversidade de diversidades. In: KUBO, R. R. et al. (Orgs.). **Atualidades em etnobotânica e etnoecologia**. vol. 03. Recife: NUPEEA/SBEE, 2006. p. 199-209.

IBAMA. **Caracterização de ecossistemas e biomas**. Disponível em: <http://www.ibama.com.br/ecossistemas/biomas>. Acesso em: 20 fev.2007.

IBGE. **Atlas nacional do Brasil**. IBGE: Rio de Janeiro, 1985.

INCRA. **Relatório técnico circunstancial sobre a comunidade negra rural quilombola dos Macacos**. Teresina, 2006.

JENRICH, H. **Vegetação arbórea e arbustiva nos altiplanos das chapadas do Piauí central**: características, ocorrência e empregos. DNOSC- Eschborn: BMZ/GTZ: Teresina, 1989. 90p.

IPNI. International Plant Names Index. Disponível em <http://www.ipni.org>. Acessado em 15 jan. 2008.

JUDD, W. S. et al. **Plant systematics**: a phylogenetic approach. Sinauer associates, Sunderland, 1999. 462p.

LEMOS, J. R. Plantas da caatinga com potencial forrageiro, Parque Nacional Serra da Capivara, Estado do Piauí. **Revista Pesquisa em Foco**, v. 9, n. 14, p. 91-100, 2001.

LIMA, G. P. **Atlas da exclusão social no Piauí**: a herança deixada. CEPRO: Teresina, 2003. 230p.

LIMA, M. M. de M. A inserção do povo afro-brasileiro no Piauí. **Carta CEPRO**, Teresina, v. 21, n. 1, p. 31-41, jan-jun, 2002.

LIMA, R. X. et al. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba – Paraná – Brasil. **Etnoecologica**, v. 4, p. 33-54, 2000.

LIMA, S. O. **Braço forte**: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí: 1822-1871. UPF: Passo Fundo, 2005. 181p.

LÜHNING, A. As plantas brasileiras e seus parentes africanos. In: CAROSO, C.; BACELAR, J. (Eds.). **Faces da tradição afro-brasileira**: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Pallas, Rio de Janeiro, 1999. p. 303-318.

MARTINS, A. S. et al. **Piauí**: evolução, realidade e desenvolvimento. 3. ed.rev. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. 288p.

MOBOT. Missouri Botanical Garden. Disponível em: [mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html](http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html). Acesso em: 21 jan. 2008.

MORI, S. A. et al. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 2. ed. Ilhéus: CEPLAC, 1989. 104p.

NASCIMENTO, M. P. S. C. B. et al. **Forrageiras da bacia do Parnaíba: uso e composição química**. EMBRAPA/CPAMN/APNE: Recife, 1996. 86p. (EMBRAPA/CPAMN. Documento 19).

OLIVEIRA, M. E. A. **Vegetação e flora de uma área de transição caatinga-carrasco em Padre Marcos – Piauí**. 1995. 112p. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade Federal do Pernambuco. Recife, 1995.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PERONI, N. Manejo agrícola itinerante e domesticação de plantas neotropicais: o papel das capoeiras. In: ALBUQUERQUE, U. P. et al. (Orgs.) **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. 2. ed. NUPEEA/SBEE: Recife, 2006. 151p.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v. 47, n. 1, p. 15-32, 1993a.

\_\_\_\_\_. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional, hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**, v. 47, n. 1, p. 33-43, 1993b.

POSEY, D. A. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados. In: RIBEIRO, B. R. (Ed.) **Suma Etnológica Brasileira**. Vozes: Petrópolis, 1987. p. 174-185.

ROSSATO, S.C.; LEITÃO FILHO, H.F.; BEGOSSI, A. 1999. Ethnobotany of caíçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economic Botany**, v. 53, n. 4. p. 387-395.

SANTOS, L. G. P.; BARROS, R. F. M.; ARAÚJO, J. L. L.. Diversidade de plantas medicinais e forrageiras do cerrado de Monsenhor Gil, Piauí. In: W. G. R. et al.(orgs.) **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 402 p.

SANTILLI, J.; EMPERAIRE, L. Agrobiodiversidade e os direitos dos agricultores indígenas e tradicionais. In: KUBO, R. R. et al. (Orgs). **Atualidades em etnobotânica e etnoecologia**. vol. 03. Recife: NUPEEA/SBEE, 2006. p. 105-175.

SERRA, O. A etnobotânica do candomblé nagô da Bahia: cosmologia e estrutura básica do arranjo taxonômico. o modelo da liturgia. In: CAROSO, C.; BACELAR, J. (Eds.). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Palhas, Rio de Janeiro, 1999. p. 289-302.

SILVA, S. J. Quilombolas no Espírito Santo: identidade e territorialidade. **Anais da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Grupo de trabalho: lugares e redes: mediações e recomposições do rural, 2006.

SOARES, S. M. N. A. **Levantamento da flora melitófila e himenofauna associada no cerrado no município de Floriano, Piauí, Brasil**. 2007. Monografia. (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

SOUSA, L. S. **Flora melitófila e abelhas ocorrentes no Parque Ambiental Paquetá, município de Batalha, Piauí**. 2007. Monografia. (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

SOUZA, C. D.; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 1, p.135-142, 2006.

SOUTO, F. J. B. Sociobiodiversidade na pesca artesanal do litoral da Bahia. In: KUBO, R. R. et al. (Orgs). **Atualidades em etnobotânica e etnoecologia**. vol. 03. Recife: NUPEEA/SBEE, 2006. p. 259-274

STEENBOCK, W. Etnobotânica, conservação e desenvolvimento local: uma conexão necessária em políticas do público. In: KUBO, R. R. et al. (Orgs.). **Atualidades em etnobotânica e etnoecologia**. vol. 03. Recife: NUPEEA/SBEE, 2006. p. 65-84.

TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. da. Áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade do bioma Caatinga. In: ARAÚJO, E. L. et al. (Eds.). **Biodiversidade, conservação e uso sustentável da flora do Brasil**. Recife: UFRPE / Imprensa Universitária, 2002. p.47-52.

TORQUATO, T. G. M. **Potencial da vegetação melitófila e abelhas associadas da área Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil**. Teresina: UFPI, 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Teresina , 2006.

TROTTER, R.; LOGAN, M. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. In: **Indigenous medicine and diet: biobehavioural approaches**, Redgrave. Nova York, 1986. p. 91-11.

VELOSO, H. P.; GÓES-FILHO, L. Fitogeografia brasileira: classificação fisionômica-ecológica neotropical. **Boletim Técnico**. Projeto RADAMBRASIL. Vegetação. Salvador. n. 1. p. 1., dez. 1982.

## **6 MANUSCRITOS**

6.1 Uso e diversidade etnobotânica na Comunidade Quilombola dos Macacos, Piauí, Brasil. A ser enviado a Acta Botanica Brasilica

6.2 Plantas medicinais utilizadas na comunidade quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, Piauí. A ser enviado à Revista Brasileira de Plantas Mediciniais

**6.1 ARTIGO ENVIADO AO PERIÓDICO**

**ACTA BOTANICA BRASÍLICA**

**Uso e diversidade etnobotânica na comunidade quilombola dos Macacos, Piauí, Brasil**

**AUTORES**

FÁBIO JOSÉ VIEIRA

ROSELI FARIAS MELO DE BARROS

JOSÉ LUIS LOPES ARAÚJO

## Uso e diversidade etnobotânica na comunidade quilombola dos Macacos, Piauí, Brasil<sup>1</sup>

Fábio José Vieira<sup>2,5</sup>, Roseli Farias Melo de Barros<sup>3</sup> e José Luis Lopes Araújo<sup>4</sup>

**RESUMO** - (Uso e diversidade etnobotânica na comunidade quilombola dos Macacos, Piauí, Brasil). O estudo foi realizado na Comunidade Quilombola dos Macacos, em São Miguel do Tapuio, Piauí, composta por 27 famílias (106 pessoas) e está encravada numa área de transição, onde predomina a Caatinga, com elementos de Cerrado e Mata Semi-decídua. Objetivou-se resgatar o conhecimento tradicional existente na comunidade, apontando as etnoespécies preferidas da comunidade. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 20 membros e turnê guiada com cinco informantes-chave. O material botânico encontra-se incorporado no Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí. Identificou-se 225 etnoespécies, distribuídas em 13 categorias de uso, das quais medicinal (74), forrageira (62) e alimentação (58), obtiveram o maior número de citações. *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore (carnaúba) é considerada a mais versátil, estando incluída em seis categorias de uso. 162 espécies (72,85%) possuem Valor de Uso abaixo de 0,50 e apenas *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba) obteve Valor de Uso maior que 2,00 (2,40). Apesar da resistência dos membros mais jovens em absorver o conhecimento empírico, que estar retido, principalmente, nas pessoas mais velhas da comunidade e da perda de elementos da cultura local e aquisição de novos elementos, observou-se que ainda há o uso das práticas herdadas dos seus antepassados. Porém, é necessário urgentemente, um estímulo aos mais jovens para que possam, frente à modernidade, manter viva a tradição local.

**Palavras-chave:** Etnobotânica, quilombolas, categorias de uso, São Miguel do Tapuio, Piauí

**ABSTRACT** - (Ethnobotanical diversity and use in the Quilombola dos Macacos community of Piauí State - Brazil). The studies were carried out in the Quilombola dos Macacos Community in São Miguel do Tapuio-Piauí involving 27 families (106 persons). Located in a transitional area where its great predominance is the Caatinga, elements of the so-called Cerrado and Semi-deciduous Wood. It aimed to retrieve the existing traditional, placing emphasis on the best ethno-species of the community. The interviews were carried out in semi-structured ways with 20 members and a tour guided by five key informants. The botanical matter is at the Graziela Barroso Herbarium in the Universidade Federal do Piauí. 225 ethno-species were identified which were distributed into 13 categories of use,

<sup>1</sup> Parte da Dissertação de Mestrado do primeiro Autor.

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Av. Universitária, 1310, 64049-550 Ininga, Teresina, PI, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Piauí, Departamento de Biologia, Campus Universitário Ministro Petrônio Portella s/n, 64.049-550 Ininga, Teresina, PI, Brasil (rbarros.ufpi@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Universidade Federal do Piauí, Departamento de Geografia, Campus Universitário Ministro Petrônio Portella s/n, 64.049-550 Ininga, Teresina, PI, Brasil (jllaraujo@ufpi.br)

<sup>5</sup> Autor para correspondência: fjvieira@oi.com.br

in which, 74 are medicinal, 62 are forage, and 58 are provision, being the most frequently mentioned. *Copernicia Prunifera* (Mill.) H.E. Moore (carnaúba) is considered the most versatile being amongst the six categories of use. 162 species (72,85%) obtain use of value under 0,50 and only *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba) obtained use of value more than 2,00 (2,40). Despite the strength of the youngest members to absorb the empirical knowledge, to be retained, particularly in older people of the community and the loss of elements of local culture and acquisition of new elements, it was observed that there is still the use of practices inherited their ancestors. However, it is urgently necessary to stimulate the youth so that they can match modernity with the living local tradition.

**Key words:** ethnobotany, quilombolas, categories of use, São Miguel do Tapuio, Piauí State

## Introdução

A grande diversidade de plantas atualmente conhecidas e utilizadas pelo homem é resultante da coevolução ocorrida durante milênios, entre as populações nativas de todo o mundo e as diferentes formas com que têm usado, neste largo período, as espécies vegetais, suprimindo necessidades alimentícias, industriais, médicas ou mesmo ritualísticas (Lima & Santos 2006). Essas populações vêm sofrendo crescentes pressões econômicas e culturais da sociedade envolvente, com sérias conseqüências para as culturas tradicionais (Amorozo & Gély 1988).

As regiões mais ricas em espécies úteis são justamente as que se encontram sob grande pressão de destruição ambiental (Amorozo & Gély 1988). Este fator, aliado a inclusão de novos elementos às culturas tradicionais, ameaçam muito de perto o acervo de conhecimento tradicional das gerações futuras.

Neste contexto, a etnobotânica surge como mediadora dos diversos discursos culturais (Albuquerque 2000), compreendendo o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas (Fonseca-Kruel & Peixoto 2004).

A história da Comunidade Quilombola dos Macacos é marcada pela luta da posse da terra, que se agravou na década de 1990. Apesar de possuírem o título de auto-reconhecimento de comunidade remanescente de quilombo, expedido pela Fundação Palmares em maio de 2005, a Comunidade dos Macacos ainda espera o título de posse definitiva da terra que será expedido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Está localizada em uma área de transição vegetacional com elementos de Cerrado e Mata Semi-decídua e predominância de Caatinga. Bioma este, que segundo

Tabarelli & Vicente (2002) apresenta cerca de 60% de sua área degradada, aliado à insuficiência de conhecimentos científicos de suas espécies e ao número bastante reduzido de Unidades de Conservação em sua área de domínio, refletindo de forma inequívoca a ausência de políticas voltadas para a conservação da diversidade biológica e de seus demais recursos naturais.

No Piauí, foram desenvolvidos poucos trabalhos etnobotânicos em comunidades negras: Abreu (2000), na comunidade Mimbó em Amarante; Franco & Barros (2006 a;b), Torquato (2006) e Franco *et al.* (2007) no quilombo Olho D'água dos Pires em Esperantina, contemplando apenas áreas com vegetação de Cerrado.

Em vista do avançado estado de degradação ambiental da Caatinga e da inexistência de estudos com populações negras nesse ambiente no Piauí, objetivou-se resgatar o conhecimento tradicional existente na Comunidade dos Macacos, gerando subsídios para futuras pesquisas na área apontando as etnoespécies e famílias botânicas de preferência da comunidade.

## **Material e métodos**

### Descrição da Área

O município de São Miguel do Tapuio está localizado a 220 km de Teresina com área de 6.533 km<sup>2</sup> (Fig. 1), correspondendo a 2,61% da área total do Estado (CEPRO 1992), ocupando a 172<sup>o</sup> posição no ranking estadual de exclusão social (Lima 2003).

A Comunidade Quilombola dos Macacos, situa-se a 26 km da sede da cidade, em uma área de difícil acesso. O clima é classificado como Tropical Semi-Árido Quente, com duração do período seco de seis meses (CEPRO 1992). Possui uma área de 2000ha aproximadamente, onde habitam 106 indivíduos, distribuídos em 27 famílias, que sobrevivem da agricultura de subsistência e criação extensiva de animais, tais como: galinhas, porcos, cabras, bodes, carneiros, ovelhas e em menor escala bois e vacas.

Possui uma escola de ensino fundamental que leciona aulas da alfabetização a 4<sup>a</sup> série, sendo que a partir da 5<sup>a</sup> série, os alunos devem se deslocar para outra comunidade ou irem estudar na cidade de São Miguel do Tapuio. Neste último caso, permanecem a semana toda no Município, pois só tem transporte escolar nos finais de semana.

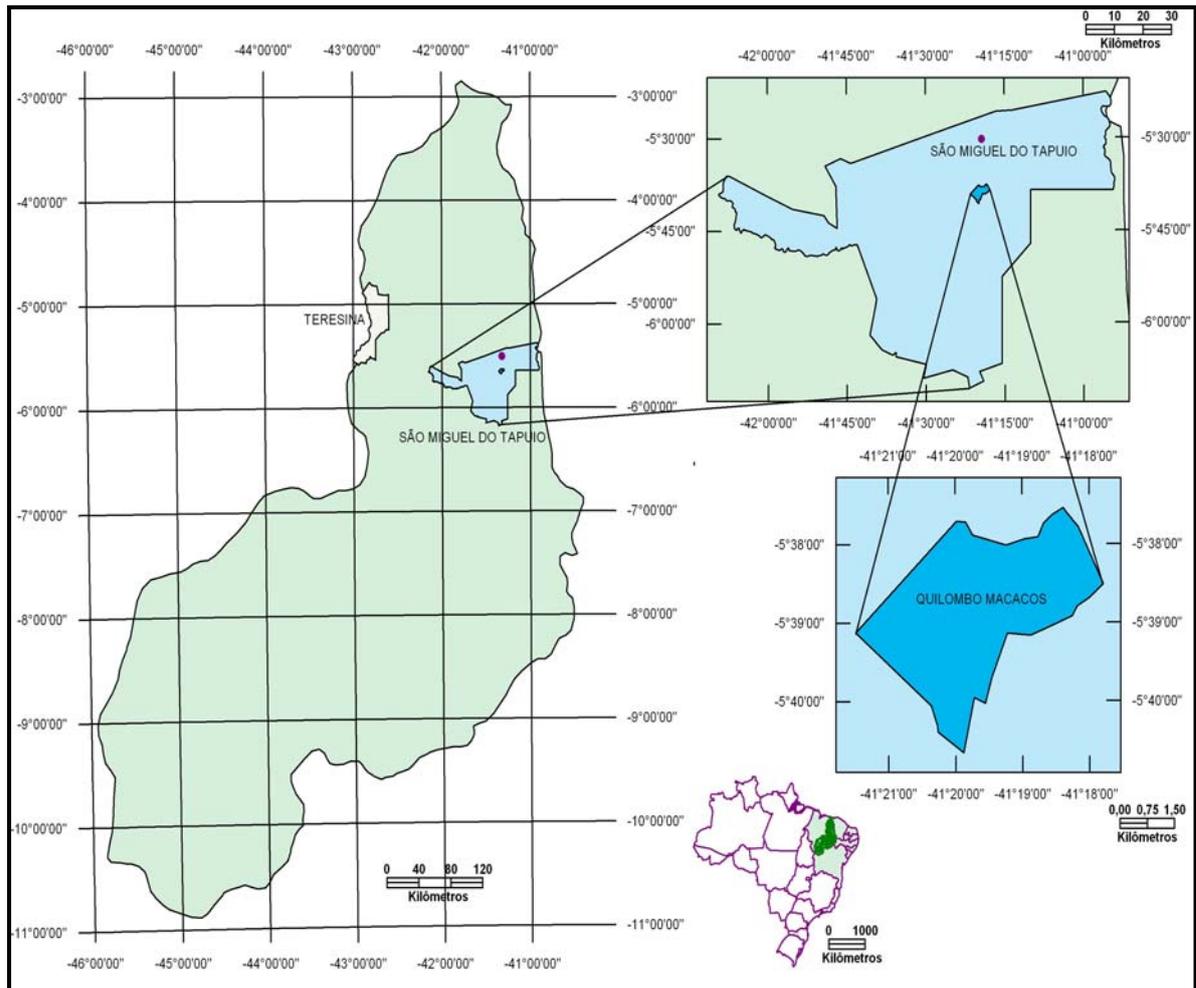


Figura 1: Localização da área de estudo, Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio-PI

#### Coleta de dados

Os dados foram coletados entre março de 2006 e abril de 2007, com aplicação de formulários na comunidade quilombola (27 famílias - 106 pessoas), contendo perguntas de caráter socioeconômico, cultural e etnobotânicos, seguindo a metodologia de entrevista semi-estruturada, descrita por Albuquerque & Lucena (2004), do total de habitantes, 20 foram indicados como conhecedores da vegetação local, bem como das suas finalidades e destes, cinco como informantes-chave, sendo três homens e duas mulheres: um na faixa etária de 30 a 45 anos, outro entre 46 e 60 e os demais acima de 60 anos, com os quais foi realizada a técnica de turnê guiada na vegetação local (Albuquerque & Lucena 2004).

A coleta e herborização do material botânico foram realizadas segundo a metodologia preconizada por Mori *et al.* (1989), quinzenalmente no período chuvoso e

mensalmente no seco. Após a herborização, todo o material foi incorporado ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí. As identificações das espécies foram feitas com base em bibliografia especializada, comparações com exsicatas identificadas e envio a especialistas. O sistema adotado foi o de Cronquist (1981), com exceção da família Leguminosae que obedeceu a Judd *et al.* (1999). As abreviaturas dos nomes dos autores e as grafias das espécies estão de acordo com Brummitt & Powell (1992), e dos sites do MOBOT ([mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html](http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html)) e IPNI ([www.ipni.org](http://www.ipni.org)).

As indicações foram agrupadas com base nas categorias de uso propostas por Lima *et al.* (2000), totalizando 13 categorias. No caso das medicinais, as doenças foram agrupadas em sistemas corporais, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS 2000), sofrendo algumas modificações: transtornos do sistema respiratório, transtorno do sistema circulatório, transtornos do sistema nervoso, transtornos do sistema digestivo, transtornos do sistema genito-urinário, doenças do sistema osteomuscular, inflamações e dores não definidas, doenças infecciosas, doenças parasitárias, neoplasias, doenças do sangue, doenças de pele e tecido celular sub-cutâneo, impotência sexual, doenças das glândulas endócrinas e do metabolismo e mordida de cobra.

Para o cálculo do Valor de Uso atribuído às etnoespécies, utilizou-se a metodologia proposta por Phillips & Gentry (1993a;b) e Phillips *et al.* (1994), modificada por Rossato *et al.* (1999), sendo efetuado através da fórmula  $VU = \sum U/n$ , onde VU = valor de uso; U = número de citações da etnoespécie por informante e n = número total de informantes. As etnoespécies foram distribuídas em cinco classes: a primeira variando de 0,05 a 0,50; a segunda de 0,51 a 1,00; a terceira de 1,01 a 1,50; a quarta de 1,51 a 2,00 e a quinta classe variando de 2,01 a 2,50.

## **Resultados e discussão**

A base econômica da Comunidade dos Macacos é a agricultura de subsistência que é complementada em algumas famílias por aposentadorias (11,11% dos indivíduos), por bolsas família (59,26%), e por aposentadorias/bolsas famílias (7,41%). Entretanto, 22,22% destas, não possuem nenhum tipo de benefício concedido pelo Governo.

Em termo de alimentos, a produção é diversificada e varia de acordo com a estação do ano, fato também observado por Noda (2006), na região do Alto Solimões - PA. Quando ocorre excedente da produção, este é comercializado na cidade de São Miguel do Tapuio.

Observa-se que as mulheres têm um maior domínio das espécies exóticas cultivadas em quintais ou com as que ocorrem espontaneamente próximo às residências, utilizadas principalmente como medicinais e os homens possuem maior conhecimento sobre as plantas nativas.

Foram levantadas 225 etnoespécies, distribuídas em 62 famílias botânicas, sendo Leguminosae (38 espécies), Euphorbiaceae e Poaceae (15), Apocynaceae (9), Bignoniaceae e Convolvulaceae (8), Cucurbitaceae, Lamiaceae e Malvaceae (7), Anacardiaceae e Combretaceae (6) as famílias mais representativas (Fig. 2). Dados semelhantes foram obtidos por Abreu (2000) na comunidade Mimbó, que identificou 57 espécies vegetais, citando as famílias Leguminosae (17 espécies), Combretaceae (5), Apocynaceae e Anacardiaceae (4), com maior número de espécies úteis e Franco & Barros (2006b), na comunidade Olho D'água dos Pires, que registraram o uso de 179 espécies, destacando-se as famílias Leguminosae (27 espécies), Euphorbiaceae (10), Anacardiaceae, Cucurbitaceae (7), com maior número de espécies.

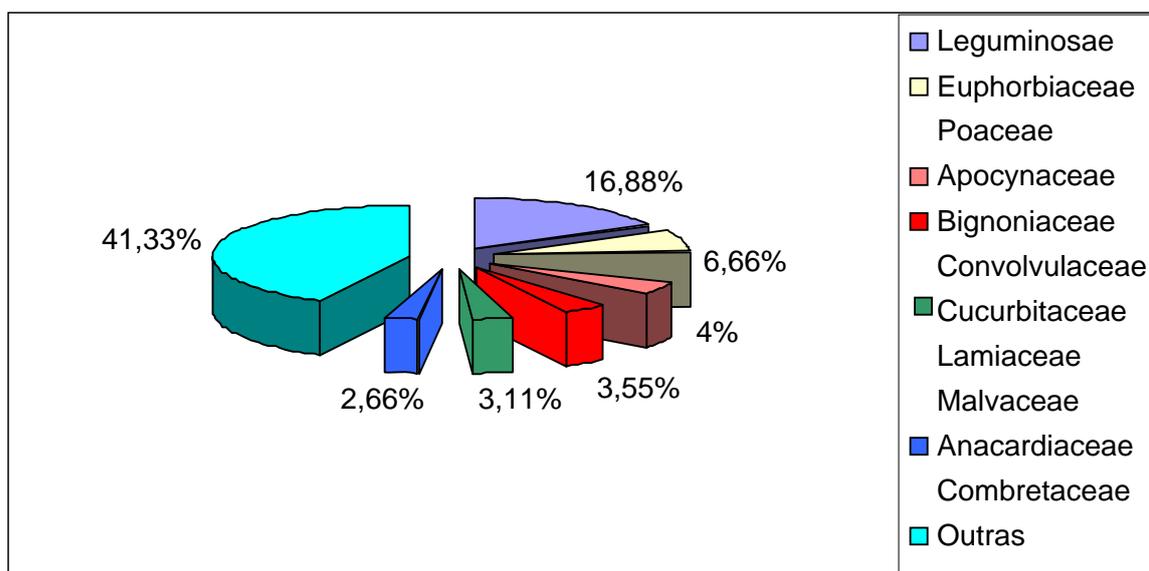


Figura 2: Famílias botânicas mais representativas na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, Piauí.

As etnoespécies ocorrem como ervas, ervas escandentes, subarbustos, arbustos, arbustos escandentes e árvores (Tab. 1). Do total, 70,87% são nativas e 29,13% são

exóticas, encontradas em diversos ambientes, tais como: capoeiras e quintais. Estes últimos aparecem como centro de importância elevada, pois são utilizados no cultivo de plantas medicinais, ornamentais e, principalmente, complementa o suprimento alimentar das unidades familiares. A mesma observação foi feita por Florentino *et al.* (2007) nos quintais do município de Caruaru – PE, onde se observa a presença considerável de espécies nativas das regiões tropicais úmidas e áridas, porém há dominância de espécies exóticas e por Souza & Felfili (2006) em Alto Paraíso de Goiás – GO.

Os quintais, além de serem utilizados em algum tipo de cultivo, representam uma extensão das casas, contribuindo para o estreitamento dos laços com os familiares, onde se reúnem nos finais de tardes e onde os amigos são recebidos.

Tabela 1: Lista das etnoespécies utilizadas na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI. Legenda: NC = número de coletor FV (Fábio Vieira) (il - identificada no local, não coletada); NI = número de informantes; VU = valor de uso; Categorias de Uso: alc = alucinógena; med = medicinal; alm = alimentícia; orn = ornamental; art = artesanal e fibras; mag = mágico-religiosa; for = forrageira; eng = energética; mad = madeireira; mel = melífera; hig = higiene e limpeza; tox = tóxica; ute = utensílios; Hábito: erv = erva; sub = subarbusto; arb = arbusto; arv = árvore; trep = trepadeira.

Família/Espécie	Nome vulgar	Hábito	NC	VU	Categorias de uso
<b>Acanthaceae</b>					
<i>Anisacanthus ramosissimus</i> (Moric.) V.M.Baum	caninana	sub	180	0,15	for; mel
<b>Anacardiaceae</b>					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	caju	arv	348	0,80	alm; mel; for
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	gonçalo-alves	arv	353	0,25	for; mad
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	arv	il	0,50	alm; mel
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	aroeira	arv	349	1,80	mad; med
<i>Spondias purpurea</i> L.	siriguela	arv	347	0,15	alm
<i>S. tuberosa</i> Arr. Cam.	umbu	arv	il	0,55	alm
<b>Annonaceae</b>					
<i>Annona squamosa</i> L.	ata	arb	373	0,15	alm
<i>Rollinia</i> sp	bananinha	arb	98	0,10	alm; ute
<b>Apiaceae</b>					
<i>Anethum graveolens</i> L.	endro	erv	358	1,10	med
<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro	erv	359	1,25	alm; med
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura	erv	il	0,45	alm
<b>Apocynaceae</b>					
<i>Allamanda blanchetti</i> A.DC.	pente-de-macaco	arb	155	0,60	orn
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	pereiro	arv	363	0,75	mad; mel
<i>A. parvifolium</i> A.DC.	pequiá-branco	arv	378	0,50	mad
<i>A. multiflorum</i> DC.	pequiá-preto	arv	377	0,55	mad
<i>A. riedelii</i> Mull. Arg.	pequiá-rasteiro	arb	387	0,40	mad
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don	boa-noite	sub	294	0,35	orn
<i>Himatanthus drasticus</i> (Mart.) Plumel	janaguba	arb	122	2,40	med
<i>Plumeria rubra</i> L.	jasmim-manga	arb	298	0,20	orn
<i>Tabernamontana histrix</i> Steud.	burra-leiteira	arb	389	0,15	mad

*Continua*

Tabela 1 (Continuação)

Família/Espécie	Nome vulgar	Hábito	NC	VU	Categorias de uso
<b>Araceae</b>					
<i>Tacarum peregrinum</i> L.	milho-de-cobra	erv	432	0,20	mag
<b>Arecaceae</b>					
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	tucum	arv	il	0,80	art; for
<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng	babaçu		il	0,10	alm; for
<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E.Moore	carnaúba	arv	il	1,95	alm; mad; med; lim; art; for
<i>Mauritia flexuosa</i> L.	buriti	arv	il	1,00	alm; art; med
<b>Asclepiadaceae</b>					
<i>Blepharodon</i> sp	maria-da-costa	trep	265	0,75	tox
<b>Asteraceae</b>					
<i>Blainvillea acmella</i> (L.) Philipson	orelha-de-onça	sub	207	0,05	for
<i>B. lanceolata</i> Baker	orelha-de-onça	sub	252	0,05	for
<i>Wedelia</i> aff. <i>villosa</i> Gardn.	camará	sub	112	0,15	for; mel; med; ute
<b>Bignoniaceae</b>					
<i>Cuspidaria argentea</i> (Wawra) Sand.	cipó-roxo	erv	103	0,05	mel
<i>Godmania</i> sp	sete-folhinha	arb	384	0,10	for; ute
<i>Jacaranda brasiliiana</i> Pers.	caroba	arv	352	0,10	mad; ute
<i>J. jasminoides</i> (Thurb.) Sand.	caroba-branca	arb	77	0,05	ute
<i>Jacaranda</i> sp	caroba-preta	arb	75	0,05	mel
<i>Mansoa hirtusa</i> DC.	cipó-de-alho	trep	263	0,60	med
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl	pau-d'arco-roxo	arv	333	1,45	mad; med; for
<i>Tabebuia</i> sp	pau-d'arco-amarelo	arv		0,60	mad; for
<b>Bixaceae</b>					
<i>Bixa orellana</i> L.	urucum	arb	299	0,50	alm
<b>Boraginaceae</b>					
<i>Cordia leucocephala</i> Moric.	guazuma-preta	arb	115	0,05	mel
<i>C. rufescens</i> DC.	grão-de-galo	arb	221	0,10	alm; for
<i>C. tricotoma</i> Vell.	frejorge	arv	318	0,15	mad; mel; ute
<i>Heliotropium indicum</i> L.	crista-de-galo	sub	345	0,25	med
<b>Bromeliaceae</b>					
<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arr. Cam.) Mez	croá	erv	89	0,45	art; med
<b>Burseraceae</b>					
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) Gillet	imburana-de-espinho	arv	63	0,90	med; mad
<b>Cactaceae</b>					
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	mandacaru	arb	144	0,20	med
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	coroa-de-frade	erv	427	0,05	med
<i>Pereskia grandiflora</i> Haw.	rosa-madeira	arb	416	0,55	orn
<i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C. Weber) Byles & Rowley	xique-xique	arb	65	0,10	mel
<b>Cochlospermaceae</b>					
<i>Cochlospermum vitifolium</i> Spreng.	algodoeiro	arb	317	0,05	mel
<b>Capparaceae</b>					
<i>Capparis flexuosa</i> L.	feijão-bravo	arb	66	0,25	for
<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	mussambê	sub	271	0,15	med
<b>Caricaceae</b>					
<i>Carica papaya</i> L.	mamão		il.	0,55	alm
<b>Cecropiaceae</b>					
<i>Cecropia pachystacha</i> Trécul	torém	arb	426	0,30	med
<b>Chenopodiaceae</b>					
<i>Beta vulgaris</i> L.	beterraba	erv	il	0,85	alm; med

Continua

Tabela 1 (Continuação)

Família/Espécie	Nome vulgar	Hábito	NC	VU	Categorias de uso
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mastruz	erv	296	1,25	med
<b>Combretaceae</b>					
<i>Combretum duarceanum</i> Cambess.	catinga-branca	arb	391	0,35	eng; mad
<i>C. leprosum</i> Mart.	mufumbo	arb	116	0,85	med; mel
<i>C. mellifluum</i> Eichler	mufumbinho	arb	220	0,80	for; mel
<i>Terminalia actinophylla</i> Mart.	chapada-lisa	arv	192	0,10	mad
<i>T. catappa</i> L.	amendoa	arv	il	0,15	alm
<i>T. fagifolia</i> Mart.	chapada	arv	366	0,65	mad; mel
<b>Convolvulaceae</b>					
<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem & Schult	salsa	erv	417	0,10	med
<i>I. carnea</i> Jacq.	moça-pobre	sub	156	0,25	orn
<i>I. quamoclit</i> L.	primavera	erv	418	0,10	orn
<i>I. purpurea</i> (L.) Roth	jetirana-branca	erv	214	0,10	for
<i>I. subincana</i> (Choisy) Meisn.	batata-de-porco	erv	95	0,35	for; mel
<i>Merremia aegyptia</i> (L.) Urb.	jetirana-peluda	erv	272	0,05	for
<i>M. tuberosa</i> Rendle	jetirana-amarela	erv	240	0,05	for
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Farw.	batata-de-purga	erv	277	0,60	med
<b>Cucurbitaceae</b>					
<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad	melancia	erv	il	0,35	alm; med
<i>Cucumis anguria</i> L.	maxixe	erv	il	0,25	alm
<i>C. melo</i> L.	melão	erv	il	0,40	alm
<i>C. sativus</i> L.	pepino	erv	il	0,45	alm
<i>Cucurbita lagenaria</i> L.	cabaça	erv	il	0,15	ute
<i>C. pepo</i> L.	abóbora	erv	il	0,25	alm; med
<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	erv	398	0,25	med
<b>Cyperaceae</b>					
<i>Cyperus flaves</i> (Vahl.) Nees.	capim-tiririca	erv	189	0,05	for
<b>Erythroxylaceae</b>					
<i>Erythroxylum bezerrae</i> T. Plowman	pirunga	arb	86	1,55	alm; eng; mad; alc
<i>E. stipulosum</i> T. Plowman	pirunga-brava	arb	379	0,15	eng
<b>Euphorbiaceae</b>					
<i>Chamaesyce hyssopifolia</i> (L.) Small.	erva-santa	erv	150	0,05	med
<i>Croton adamantinus</i> Mull. Arg.	velame	sub	85	0,05	mel
<i>C. blanchetianus</i> Baill.	marmeleiro	arb	59	0,90	mad
<i>C. cf. gardnerianus</i> Baill.	marmeleiro-de-periquito	arb	131	0,10	eng; mad
<i>C. grawioides</i> Baill.	canelinha	arb	82	0,15	med
<i>C. heliotropiifolius</i> Kunth	velame	sub	60	0,20	med; mel
<i>C. lobatus</i> (L.) Mull. Arg.	ervanço	sub	410	0,05	for
<i>Croton</i> sp	velame-da-serra	arb	79	0,05	mel
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	cachorra-pelada	sub	414	0,25	med; orn
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pião-roxo	arb	431	1,15	med; mag; tox
<i>J. mollissima</i> (Pohl.) Baill.	pião-bravo	sub	174	0,05	mel
<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	mandioca	il	il	1,10	alm; tox
<i>M. catingae</i> Ule	maniçoba	arb	120	0,15	for; tox
<i>Tragia</i> sp	urtiga	erv	80	0,05	mel
<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	arb	il	0,20	med
<b>Iridaceae</b>					
<i>C. paludosa</i> Aubl.	alho-de-peba	erv	182	0,05	for
<i>Cipura xanthomelas</i> Mart. ex Klatt	alho-de-peba	erv	132	0,05	for

Continua

Tabela 1 (Continuação)

Família/Espécie	Nome vulgar	Hábito	NC	VU	Categorias de uso
<b>Lamiaceae</b>					
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	erv	il.	0,40	med
<i>Hyptis brevipes</i> Poit.	bamburral	sub	323	0,05	mel
<i>H. suaveolens</i> Poit.	bamburral	sub	203	0,85	med; mel
<i>Mentha arvensis</i> L.	hortelã-vick	erv	422	0,50	med
<i>Ocimum americanum</i> L.	esturaque	sub	419	0,25	med
<i>O. gratissimum</i> L.	mão-de-vaca	sub	420	0,05	med
<i>Rhaphiodon echinus</i> (Nees & Mart.) Schauer	bentônica-de-brejo	sub	109	0,05	med
<b>Leguminosae</b>					
<b>Caesalpinioideae</b>					
<i>Bauhinia dubia</i> Benth.	mororó	arb	94	1,15	mad; mel; ute
<i>B. pulchella</i> Benth.	mirorozim-fino	arb	266	0,60	for
<i>B. subclavata</i> Benth.	mororó-de-carrasco	arb	183	0,90	mad; mel
<i>Caesalpinia bracteosa</i> Tul.	catingueira	arb		0,40	med
<i>C. ferrea</i> Mart ex Tul.	pau-ferro	arv	102	0,70	mad; med
<i>Copaifera luetzelburgii</i> Harms	podói	arv	154	1,60	eng; for; mad; med
<i>Delonix regia</i> (Boj. ex Hook) Raf.	flamboyant	arv	371	0,35	orn
<i>Hymenaea martiana</i> Ducke	jatobá-de-porco	arv	399	1,65	alm; med
<i>H. eriogyne</i> Benth.	jatobá-batinga	arv	395	1,15	alm
<i>H. velutina</i> Ducke	jatobá-de-veia	arb	383	0,30	alm
<i>Martiodendron mediterraneum</i> (Mart. ex Benth.) Koeppen	pau-de-pedra	arv	196	1,20	mad; mel
<i>Parkinsonia aculeata</i> L.	xila	arb	286	0,35	mel; orn
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	mata-pasto	sub	409	0,40	for; mel; med; mag
<i>S. lechriosperma</i> Irwin & Barneby	besourinho	arb	211	0,35	for
<i>S. trachypus</i> (Benth.) Irwin & Barneby	besourinho	arb	213	0,50	for; mel
<b>Faboideae</b>					
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.	imburana-de-cheiro	arv	423	1,75	mad; med
<i>Canavalia brasiliensis</i> Mart. ex Benth.	fava-de-boi	trep	209	0,10	for
<i>Chaetocalyx scandens</i> (L.) Urban	amendoim-brabo	erv	243	0,15	for
<i>Crotalaria</i> sp	anil-da-serra	sub	187	0,05	for
<i>Cratylia mollis</i> Benth.	camaratuba	arb	324	0,05	for
<i>Dalbergia cearensis</i> Ducke	violete	arv	400	0,75	mad
<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex Benth.	mucunã	arb esc	96	0,95	alm; art; mel
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	anil-brabo	sub	152	0,20	med
<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	rabuja	arv	403	1,05	eng; mad
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	feijão	erv	il	1,00	alm
<i>Pterodon abruptus</i> (Moric.) Benth.	pau-liso	arv	406	0,45	mad
<i>Swartzia flaemingii</i> Rad.	jacarandá	arv	235	0,55	alm; for; mad
<b>Mimosoideae</b>					
<i>Acacia polyphylla</i> DC.	espinheiro	arb	280	0,25	eng; for; mel
<i>Acacia</i> sp <sup>1</sup>	angico-carasquento	arv	370	0,35	mad; mel; tox
<i>Acacia</i> sp <sup>2</sup>	amorosa	arb	380	0,05	mad
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morohg	tamboril	arv	360	0,45	for; mad; tox
<i>Mimosa caesalpinifolia</i> Benth.	unha-de-gato	arb	110	1,40	for; mad; mel
<i>M. filipes</i> Mart.	jureminha-de-campestre	erv	146	0,05	for
<i>M. malacocentra</i> Mart.	calumbizeira	arb	374	0,05	for
<i>M. tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	jurema-preta-sem-espinho	arb	258	0,25	for; mad

Continua

Tabela 1 (Continuação)

Família/Espécie	Nome vulgar	Hábito	NC	VU	Categorias de uso
<i>Parkia platycephala</i> Benth.	faveira-de-bolota	arv	343	0,60	for
<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	candeia	arv	367	0,55	mad; mel
<i>Piptadenia moniliformis</i> Benth.	angico-rama-de-bezerro	arv	101	0,65	eng; mad; med; mel
<b>Liliaceae</b>					
<i>Allium cepa</i> L.	cebola	erv	il	0,10	alm
<i>A. sativum</i> L.	alho	erv	il	0,60	alm; med
<i>A. schoenoprasum</i> L.	cebolinha	erv	il.	0,35	alm; med
<b>Limnocharitaceae</b>					
<i>Limnocharis flava</i> (L.) Buchenau	água-pé	erv	327	0,05	mel
<b>Malpighiaceae</b>					
<i>Banisteriopsis</i> sp	cipó-manso	trep	342	0,10	art
<i>Byrsonima gardneriana</i> A. Juss.	murici-rasteiro	arb	186	0,30	for
<i>Byrsonima</i> sp	murici-verdadeiro	arb	397	0,25	alm; med
<i>Malpighia glabra</i> L.	acerola	arb	il.	0,85	alm
<i>Peixotoa jussieuana</i> A. Juss.	cipó-peludo	arb esc	219	0,15	for
<b>Malvaceae</b>					
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	quiabo	sub	il	0,15	alm; med
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	margarida	arb	il	0,15	orn
<i>H. sabdariffa</i> L.	vinagreira	sub	292	0,30	alm
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	algodão	arb	297	0,35	med
<i>Malva sylvestris</i> L.	malva-do-reino	erv	il	0,15	med
<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.	barba-de-veado	erv	241	0,10	for
<i>Sida carpinifolia</i> L.F.	relógio	sub	273	0,15	mel; lim; for
<b>Meliaceae</b>					
<i>Carapa</i> sp	marinheiro	arv	73	0,05	mel
<b>Menyanthaceae</b>					
<i>Nymphoides indica</i> (L.) Kuntze	água-pé	erv	233	0,10	for; mel
<b>Moraceae</b>					
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul.	inharé	arv	344	1,10	alm; for; med; mad
<b>Musaceae</b>					
<i>Musa paradisiaca</i> L.	banana		il	0,45	alm; med
<b>Myrtaceae</b>					
<i>Eugenia aurata</i> O. Berg.	murta	arb	396	0,15	mad
<i>E. piauiensis</i> O. Berg.	murta	arb	334	0,20	mad
<i>Myrcia tomentosa</i> Aublet	goiaba-braba	arb	381	0,10	mad
<i>M. splendens</i> DC.	araçá-brabo	arb	354	0,25	mad
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	arb	il	0,85	alm; med
<b>Nyctaginaceae</b>					
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	pega-pinto	erv	412	0,35	med
<i>Guapira graciliflora</i> (Mart. ex Schmidt) Lundell	pau-piranha	arb	428	0,60	mad; med; ute
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	bunina	sub	111	0,25	orn
<b>Olacaceae</b>					
<i>Ximenia americana</i> L.	ameixa	arb	356	1,25	alm; med
<b>Onagraceae</b>					
<i>Ludwigia octovalvis</i> P. H. Raven	canela-de-veado	sub	340	0,05	mel
<b>Passifloraceae</b>					
<i>Passiflora edulis</i> Sims.	maracujá	trep	il	0,45	alm; med
<i>P. foetida</i> L.	maracujá-de-estalo	trep	67	0,10	alm; mel
<i>Passiflora</i> sp	maracujá-do-mato	trep	236	0,05	alm
<b>Pedaliaceae</b>					
<i>Sesamum indicum</i> L.	gergelim	sub	421	0,65	med

Continua

Tabela 1 (Continuação)

Família/Espécie	Nome vulgar	Hábito	NC	VU	Categorias de uso
<b>Poaceae</b>					
<i>Bambusa</i> sp	bambu		429	0,15	art
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim-de-cheiro ou santo	erv	il	0,50	med
<i>Dactyloctenium aegyptiacum</i> (L.) Willd.	capim-pé-de-galinha	erv	173	0,15	for
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaerth	pé-de-galinha	erv	281	0,05	for
<i>Eragrostis ciliaris</i> (L.) R.Br.	capim	erv	282	0,05	for
<i>E. pilosa</i> (L.) P. Beano	capim-fino	erv	175	0,05	for
<i>Guadua</i> sp	taboquinha	erv	181	0,10	for
<i>Oplismenus histellus</i> (L.) P.Beano	capim	erv	278	0,05	for
<i>Oryza sativa</i> L.	arroz	erv	il.	0,85	alm
<i>Panicum scutatum</i> Ness. ex. Trim	milhã-peluda	erv	188	0,15	for
<i>Rhynchelytrum repens</i> (Willd.) C.E. Hubb.	capim-cedinha	erv	176	0,05	for
<i>Saccharum officinarum</i> Roxb.	cana-de-açúcar	erv	il.	0,20	alm
<i>Steirachne diandra</i> Ekman	capim	erv	242	0,05	for
<i>Streptostachys asperifolia</i> Desv.	capim-folha-larga	erv	133	0,05	for
<i>Zea mays</i> L.	milho	erv	il.	1,50	alm; for
<b>Pontederiaceae</b>					
<i>Heteranthera limosa</i> (Sw.) Willd.	água-pé	erv	234	0,10	for; mel
<b>Polygonaceae</b>					
<i>Triplaris</i> sp	pajeú	arv	328	0,10	ute
<b>Rhamnaceae</b>					
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juá	arv	404	0,65	alm; lim; med
<b>Rubiaceae</b>					
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum	quina-quina	arb	312	0,15	med
<i>Genipa americana</i> L.	jenipapo	arv	362	0,15	alm
<i>Guettarda viburnoides</i> Cham & Schlecht	grão-de-soim	arb	92	0,40	alm; eng; for
<i>Spermacoce verticillata</i> L.		sub	166	0,05	mel
<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. K. Schfld.) K.Schum	jenipapinho	arb	74	0,15	med
<b>Rutaceae</b>					
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranja	arb	il	0,60	alm; med
<i>C. limonum</i> Risso	limão	arb	il	0,50	alm; med
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	sub	il	0,40	mag; med
<b>Sapindaceae</b>					
<i>Magonia pubescens</i> A.St-Hil.	tingui-de-bola	arv	338	1,55	lim; mad; tox
<i>Paullinia pinnata</i> L.	mata-fome	arb esc	68	0,15	alm
<i>Talisia esculenta</i> Radlk.	pitomba	arv	372	0,45	alm; mel
<b>Scrophulariaceae</b>					
<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassourinha	erv	408	0,75	mag; med
<b>Sellaginaceae</b>					
<i>Sellaginella</i> sp	gericó-de-bolo	erv	136	0,10	for
<b>Simaroubaceae</b>					
<i>Simarouba versicolor</i> A. St-Hil.	praíba	arv	337	0,10	mad
<b>Smilacaceae</b>					
<i>Smilax campestris</i> Griseb.	japicanga	erv	425	0,50	med
<b>Solanaceae</b>					
<i>Capsicum annuum</i> L.	pimentão	sub	il	0,25	alm
<i>C. frutescens</i> Willd.	pimenta-malagueta	sub	il	0,15	alm
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	tomate	sub	il	0,40	alm
<i>Physalis angulata</i> L.	canapu	sub	407	0,10	alm
<i>Solanum</i> sp	jurubeba	arb	56	0,05	mel
<b>Sterculiaceae</b>					
<i>Helicteres sacarolha</i> A. St-Hil.	saca-trapo	arb	81	0,35	for; med; mel

Continua

Tabela 1 (Continuação)

Família/Espécie	Nome vulgar	Hábito	NC	VU	Categorias de uso
<b>Turneraceae</b>					
<i>Piriqueta</i> sp	amarelinho	arb	69	0,05	med; mad
<i>Turnera ulmifolia</i> L.	tira-estrepo	sub	415	0,25	med
<b>Verbenaceae</b>					
<i>Clerodendron</i> sp	alecrim	sub	385	0,20	med
<i>Lantana camara</i> L.	chumbinho	sub	149	0,15	for
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	erva-cidreira	sub	il	0,35	med
<b>Violaceae</b>					
<i>Hybanthus ipepacuanha</i> Baill.	pepaconha	erv	208	0,25	med
<b>Vochysiaceae</b>					
<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	capitão-de-campo	arv	424	0,10	mad
<i>Qualea parviflora</i> Mart.	pau-terra-da-folha-miúda	arv	357	0,05	med
<b>Zingiberaceae</b>					
<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão	erv	il	0,55	alm; med
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	erv	il	0,75	alm; med

As espécies foram agrupadas em 13 categorias de uso, destacando-se medicinal (74 citações), forrageira (62), alimentícia (58), melífera (47) e madeireira (45). Tóxica (7), mágico-religiosa (5) e higiene e limpeza (5) foram as categorias de menor citação (Fig. 1). Albuquerque *et al.* (2005) e Florentino *et al.* (2007), também destacam as categorias medicinal, alimentícia e madeireira, como as mais citadas em área de Caatinga, no estado de Pernambuco. Lima *et al.* (2000) e Fonseca-Kruel & Peixoto (2004) citam as mesmas categorias entre as mais citadas em áreas de Mata atlântica, nas comunidades continentais da APA Guaraqueçaba – PR e na RESEX marinha de Arraial do Cabo – RJ. Rodrigues *et al.* (2002) e Botrel *et al.* (2003) além das categorias medicinal e madeireira, citam o uso para lenha como mais utilizado nos municípios de Luminárias e Ingaí – MG.

Medicinal - As plantas medicinais constituem elemento forte na cultura das comunidades tradicionais, e a comunidade dos Macacos não foge a regra, pois a categoria medicinal foi a que obteve maior número de citações, com 74 espécies, totalizando 32,88% das espécies úteis. As famílias Leguminosae (8 espécies), Euphorbiaceae (6) e Lamiaceae (6), foram as que tiveram maior número de espécies citadas. Almeida & Albuquerque (2002) e Lima & Santos (2006), também citam as famílias Lamiaceae e Euphorbiaceae entre as que contribuíram com o maior número de espécies medicinais no levantamento de uso e conservação de plantas medicinais no estado de Pernambuco e no aspecto etnobotânico da medicina popular no município de Buritis – RO, respectivamente.

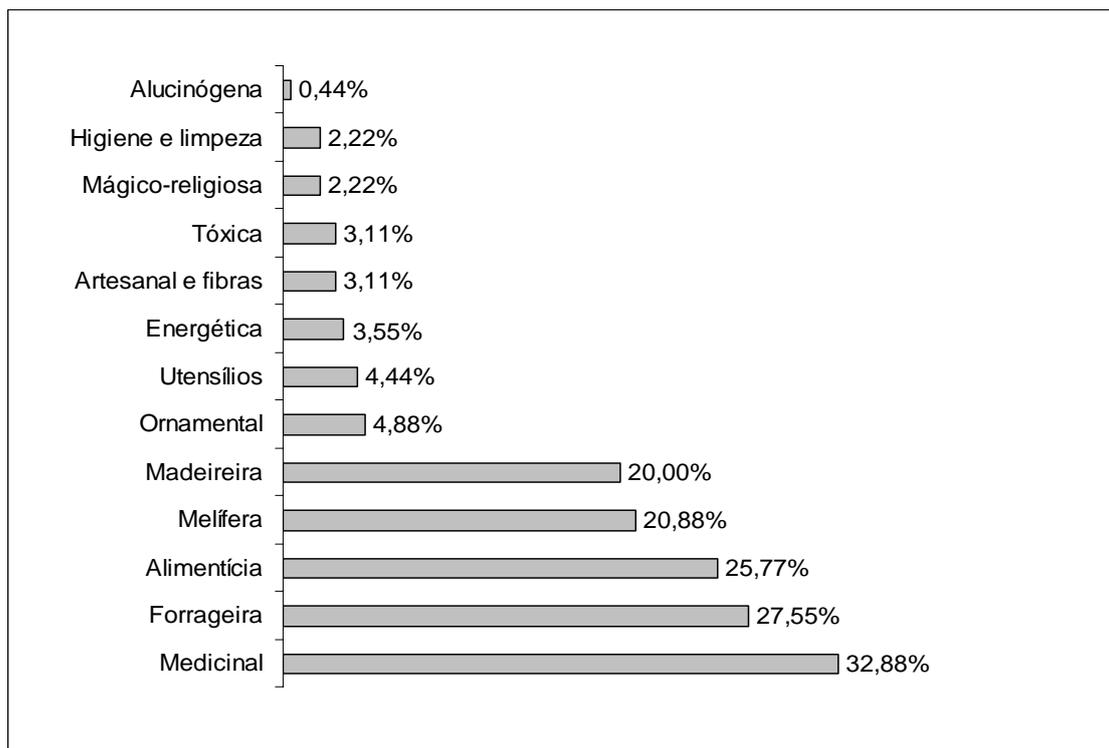


Figura 3: Distribuição das espécies vegetais em categorias de uso na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuí, Piauí.

A espécie *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba) revelou-se a mais versátil entre as medicinais utilizadas no quilombo dos Macacos, caráter também conferido por Franco & Barros (2006a) na comunidade quilombola Olho d'água dos Pires, em Esperantina-PI, onde outra espécie popularmente denominada de janaguba (*H. sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson) é utilizada no trato de gripes, inflamações na garganta, tosse, como depurativo do sangue e para inflamações em geral.

Outras espécies também obtiveram elevado número de citações, como é o caso da *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira), utilizada no tratamento de gastrite, inflamação no útero, resto de parto e úlcera; *Chenopodium ambrosioides* L. (mastruz), no tratamento de verminose, dor na coluna e ossos; *Operculina macrocarpa* (L.) Farw. (batata-de-purga), utilizada no combate a amebíase, prisão de ventre e utilizada também como expectorante; *Caesalpinia ferrea* Mart. ex Tul (pau-ferro), bastante utilizada como calmante e no tratamento de gripe e dor nos rins; *Copaifera luetzelburgii* Harms (pódoi), utilizada no tratamento de anemia, dor nos rins, gastrite, mordida de cobra e úlcera; *Amburana cearensis* (Allemão) A.C.Sm. (imburana-de-cheiro), utilizada do tratamento de gripe e *Ximenia americana* L. (ameixa), com propriedades anti-inflamatória e cicatrizante.

Há uma grande preferência no uso na forma de chá (decocto e infusão), que obteve 53,42% das indicações, seguida pela garrafada (16,43%), emplastos (10,96%), sumo (8,22%) e xarope (5,48%). Parente & Rosa (2001) ao levantar as plantas medicinais comercializadas no município de Barra do Piraí – RJ e Pinto et al. (2006) no estudo com as comunidades rurais, em Itacaré – BA, encontraram resultados semelhantes.

Observa-se que a grande parte (68,5%) das espécies citadas como medicinal no quilombo dos Macacos crescem em ambientes naturais ou antropicamente modificados. Dados semelhantes são referidos por Schardong & Cervi (2000) ao estudarem as plantas medicinais e místicas na comunidade de São Benedito, Campo Grande - MS, onde identificaram 122 espécies, destas 73 eram nativas e 49 exóticas e Amorozo (2002) em Santo Antonio do Leverger - MT, que levantou 228 espécies medicinais, sendo 56% crescendo em ambientes naturais e 41% cultivadas localmente e o restante adquirido por compras. Em contraponto a esses dados, Parente & Rosa (2001) citam que no estudo das plantas medicinais comercializadas no município de Barra do Piraí - RJ, 44% são cultivadas, 31% ruderais e 25% das espécies extraídas da mata. Fonseca-Kruel & Peixoto (2004) fazem a mesma constatação na RESEX marinha de Arraial do Cabo - RJ, onde apenas 22,2% das espécies utilizadas são nativas da restinga, sendo o restante exótica.

Forrageira – Destaca-se como a segunda mais citada com 27,55%, provavelmente devido ao costume local da criação de bois, vacas, carneiros, bodes e ovelhas, desenvolvidas por boa parte dos moradores. Ferraz *et al.* (2006), em seu estudo com a vegetação lenhosa às margens do riacho do Navio, no município de Floresta – PE, destacam a categoria forrageira com o maior número de citação, explicado pela forte tradição na criação de animais de pastoreio.

As famílias Leguminosae e Poaceae foram as mais citadas, com 17 e 11 espécies, respectivamente. Lemos (2001) e Ferraz *et al.* (2006), destacam a família Leguminosae como a maior número de espécies forrageiras, nos estudos realizado em áreas de caatinga no Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato – PI e no município de Floresta – PE, respectivamente e Santos *et al.* (2007), também destacam a família com o maior número de espécies forrageiras em áreas de cerrado, no município de Monsenhor Gil – PI. Costa *et al.* (2002) levantaram o potencial forrageiro das leguminosas no sertão da Bahia, e destacam duas espécies que também foram citadas na Comunidade dos Macacos.

Vale ressaltar que as espécies são consumidas pelos animais diretamente no ambiente, não ocorrendo armazenamento das folhas e flores que são as partes preferidas

pelos animais. Santos *et al.* (2007), em seu estudo com comunidades rurais no município de Monsenhor Gil – PI, encontraram resultados semelhantes, principalmente, quanto à preferência pelas flores.

Dentre as espécies com potencial forrageiro, *Tabebuia* sp (pau-d'arco-amarelo), *Capparis flexuosa* L. (feijão-bravo), *Combretum mellifluum* Eichler (mufumbinho), *Bauhinia pulchella* Benth. (mirorozim-fino), *Senna trachypus* (Benth.) Irwin & Barneby (besourinho), *Swartzia flaemingii* Rad. (jacarandá), *Mimosa caesalpinifolia* Benth. (unha-de-gato), *Parkia platycephala* Benth. (faveira-de-bolota), foram as que obtiveram o maior número de citação.

Alimentícia – Essa categoria obteve 25,77% das citações, destacando-se as famílias Anacardiaceae, Cucurbitaceae, Liliaceae e Solanaceae, como as mais representativas, e as espécies exóticas representaram a grande maioria e são cultivadas, principalmente, nos quintais. Cita-se como exemplos *Allium cepa* L. (cebola); *A. sativum* L. (alho) e *A. schoenoprasum* L. (cebolinha). Dentre as nativas, destacam-se *Spondias tuberosa* Arr. Cam. (umbu) e *Anacardium occidentale* L. (caju). *Paullinia pinnata* L. (mata-fome), foi citada como ótimo alimento, fato também observado por Beck (1990), ao realizar levantamento dos usos do gênero *Paullinia* L., que também a referiu como medicinal. *Musa paradisiaca* L. (banana) e *Manihot esculenta* Crantz. (mandioca), são espécies amplamente cultivadas pela comunidade e são comuns na grande maioria das comunidades estudadas no Brasil. Em comparação ao estudo realizado por Fonseca-Kruel & Peixoto (2004) na RESEX marinha de Arraial do Cabo - RJ, apenas o caju (*Anacardium occidentale* L.) foi a espécie em comum com as referidas na comunidade dos Macacos.

As espécies *Phaseolus vulgaris* L. (feijão), *M. esculenta* e *Zea mays* L. (milho) estão entre os principais cultivos. O beneficiamento da mandioca é feito de forma doméstica e artesanal, com produção em pequena escala, principalmente de farinha, para o consumo familiar. Dados semelhantes foram reportados para diferentes regiões do país, como por exemplo: Lima *et al.* (2000) nas comunidades continentais da APA de Guaraqueçaba – PR, Amorozo (2002) em Santo Antônio do Leverger - MT e Pasa *et al.* (2005) na comunidade rural de Conceição-Açu - MT.

Melífera - A categoria melífera obteve 20,88% das citações, e *A. occidentale*, *Combretum leprosum* Mart. (mufumbo), *C. mellifluum* Eicher (mufumbinho), *Dioclea grandiflora* Mart. ex Benth. (mucunã), *Hyptis suaveolens* Poit. (bamburral), *Martiodendron mediterraneum* (Mart. ex Benth.) Koeppen (pau-de-pedra), *Mimosa*

*caesalpinifolia* Benth. (unha-de-gato) e *Plathymenia reticulata* Benth. (candeia) foram as mais citadas. As espécies melíferas floram em épocas distintas garantindo, assim, recursos o ano inteiro para as abelhas. Os dados obtidos por Torquato (2006) e Viana *et al.* (2006) são semelhantes aos encontrados na Comunidade Macacos, pois mais de 50% das espécies florescem por período superior a seis meses.

Apenas um morador possui duas colméias e praticamente toda a produção de mel é proveniente da mata, e sendo comercializada no mercado público de São Miguel do Tapuio ou a populares da região; o restante da produção é utilizado na alimentação e, também na medicina dos moradores.

Madeira – Esta categoria abrange as espécies utilizadas nas construções de casas, cercas e móveis categoria madeira e obteve 20% das citações. A família Leguminosae aparece como a que mais contribuiu com número de espécies, seguida pelas famílias Apocynaceae, Combretaceae e Euphorbiaceae. Para construção de casas as espécies mais citadas foram: *Aspidosperma pyrifolium* Mart. (pereiro), *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore (carnaúba) e *Plathymenia reticulata* Benth. (candeia), que são utilizadas como linhas, caibros e ripas. Na construção de cercas as espécies mais utilizadas são: *Aspidosperma cuspa* (Kunth) Blake (pereiro-branco), *Croton blanchetianus* Baill. (marmeleiro) e *Mimosa caesalpinifolia* Benth. (unha-de-gato), sendo os tipos mais comuns as cercas de cama (madeira organizada na horizontal) e faxina (madeira organizada na vertical). Não foi observado o uso de cercas vivas na Comunidade dos Macacos. As espécies *A. pyrifolium*, *Tabebuia* sp (pau-d'arco-amarelo) e *Amburana cearensis* Allemão (imburana-de-cheiro) devido sua durabilidade, peso e beleza, são as mais utilizadas na confecção de portas, janelas e móveis, como estantes, e principalmente bileiras (suporte de potes e copos), confeccionados por dois moradores do quilombo.

A categoria madeira é uma das mais citadas nos estudos etnobotânicos. Franco & Barros (2006b) descrevem como a terceira em citações de etnoespécies na Comunidade Quilombola Olho D'água dos Pires e Abreu (2000) como a mais representativa entre os quilombolas Mimbó, fato também observado por Ferraz *et al.* (2006) no município de Floresta-PE. Hanazaki *et al.* (2006) ao realizarem estudos junto aos populares rurais próximos ao Parque Estadual Carlos Botelho - SP, citam a categoria com 24% do total das espécies úteis, sendo utilizadas nas construções de casas, canoas, dentre outros. Rodrigues *et al.* (2002), em estudo realizado em Luminárias - MG, observam que, além da utilização na confecção de gamelas, colheres de pau e carro de bois, a população local ressalta que a

época do corte da planta pode interferir na qualidade da madeira, que para ter uma maior durabilidade, sem rachaduras e nem caruche, deve ser retirada na lua minguante. Botrel *et al.* (2003) corroboram com os resultados obtidos na Comunidade Quilombola dos Macacos, ao ressaltar que beleza, resistência e peso reduzido, são as principais qualidades necessárias para que uma espécie seja considerada boa madeireira pelos moradores de Ingaí-MG, para construção de casas e fabricação de móveis.

Ornamental - O costume de utilizar plantas para ornamentar os ambientes domésticos, se tornou usual na Comunidade dos Macacos. Foram identificadas 11 espécies nesta categoria, totalizando 4,88% das citações. *Allamanda blanchetti* A. DC. (pente-de-macaco), *Catharanthus roseus* (L.) G. Don (boa-noite), *Delonix regia* (Boj. ex Hook) Raf. (flamboyant), *Hibiscus rosa-sinensis* L. (margarida), *Plumeria rubra* L. (jasmim), *Ipomoea carnea* Jacq. (moça-pobre), *I. quamoclit* L. (primavera), *Euphorbia tirucalli* L. (cachorra-pelada), *Parkinsonia aculeata* L. (xila), *Pereskia grandiflora* Haw. (rosa-madeira) e *Mirabilis jalapa* L. (bunina) são as espécies utilizadas na comunidade. Estas plantas são cultivadas principalmente nos quintais, fato observado também por Florentino *et al.* (2007) no município de Caruaru-PE. Pasa *et al.* (2005), destacam a categoria, como sendo a segunda mais citada na comunidade de Conceição-Açu, acrescentando ainda, que mais da metade das espécies ornamentais, estão inclusas na categoria alimentar. Silva & Andrade (2005), citam as espécies *C. roseus* e *H. rosa-sinensis*, como ornamentais, só que inclusas dentro da categoria outros.

Utensílios - Nessa categoria são agrupa as espécies utilizadas na confecção de artefatos domésticos e de trabalho, como é o caso da colher de pau, cabo de enxada, coice (cabo) de espingarda, dentre outros. Esta categoria totaliza 4,44% das espécies úteis, destacando *Jacaranda brasiliana* Pers. (caroba), *J. jasminoides* (Thurb.) Sand. (caroba-branca), *Cordia tricotoma* Vell. (frejorge) e *Curcubita lagenaria* L. (cabaça), como as mais utilizadas. Fonseca-Kruel & Peixoto (2004), Silva & Andrade (2005) e Ferraz *et al.* (2006), em seus estudos incluem as espécies utilizadas na fabricação de utensílio doméstico e de trabalho, dentro da categoria tecnologia.

Energética - Nesta categoria é referida oito espécies com bom potencial energético, totalizando 3,55% das espécies, que são utilizadas na forma de lenha ou carvão vegetal, que é fabricado a partir das árvores caídas ou de espécies que fornecem carvão de qualidade, ou seja, que prolonguem a queima e que não emitam muita fumaça e nem estralem (pipoquem), são elas: *Acacia polyphylla* DC. (espinheiro), *Combretum*

*duarteanum* Cambess. (catinga-branca), *Copaifera luetzeburguii* Harms (podói), *Croton* cf. *gardnerianus* Baill. (marmeleiro-de-periquito), *Erythroxylum bezerrae* T. Plowman (pirunga), *E. stipulosum* T. Plowman (pirunga-brava), *Guettarda viburnoides* Cham & Schlecht (grão-de-soim) e *Piptadenia moniliformis* Benth. (angico-rama-de-bezerra). Estes resultados diferem muito do observado por Franco & Barros (2006b) no quilombo Olho D'água dos Pires em Esperantina, Piauí, onde os quilombolas preferem o carvão produzido da casca do fruto de *Attalea speciosa* Mart. ex Spreng (babaçu); presumisse que a diferença pode estar relacionada ao fato, que no quilombo dos Macacos existem apenas dois indivíduos da referida palmeira.

No quilombo dos Macacos a maior parte das residências possui fogão a gás, porém o combustível preferido dos quilombolas continua sendo a lenha e principalmente o carvão vegetal, esta preferência é justificada pela economia do dinheiro na compra do botijão de gás e, por considerarem os alimentos feitos no fogão a lenha, bem mais saborosos. Observação semelhante é feita por Rodrigues *et al.* (2002) que trabalharam com comunidades estabelecidas no município de Luminária – MG.

Artesanal e fibras - Foram incluídas nesta categoria sete espécies, sendo citadas as palmeiras *Astrocaryum vulgare* Mart. (tucum), *Mauritia flexuosa* L. (buriti) e *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore (carnaúba), além de *Bambusa* sp (bambu), *Banisteriopsis* sp (cipó-manso), *Dioclea grandiflora* Mart. ex Benth. (mucunã) e *Neoglaziovia variegata* (Arr. Cam.) Mez (croá), totalizando 3,11% das citações. *A. vulgare* e *N. variegata* são citadas como ótimas matérias-primas para confecção de tucum, um tipo de rede de descanso. *M. flexuosa* foi apontada como fornecedora de matéria-prima para confecção de porta-escovas. Vilhena-Potiguara *et al.* (1987), referem que o buriti é utilizado como fornecedor de fibras para confecção de gaiolas para passarinhos, cordas e objetos de decoração na microrregião do Salgado – PA, sendo também referida por Figueiredo *et al.* (2006) como fornecedora de fibras para artesanato juntamente, com o capim dourado, na região do Jalapão - TO. As espécies *A. vulgare* e *M. flexuosa*, também são citadas por Rocha & Silva (2005) no município de Bragança (PA), sendo o uso de *M. flexuosa* mais freqüente no artesanato que o *A. vulgare*.

Tóxica - As espécies com propriedades tóxicas constituem 3,11% do total. A única espécie que está exclusivamente nesta categoria é *Blepharodon* sp (maria-da-costa), sendo citada por quase todos os informantes. As demais também são citadas em outras categorias, como é o caso da *Manihot catingae* Ule. (maniçoba) e *Enterolobium*

*contortisiliquum* (Vell.) Morong (tamboril), utilizadas como forrageiras; *Acacia* sp (angico-carasquento), *Magonia pubescens* A. St-Hil. (tingui), como madeiras; *Manihot esculenta* Crantz (mandioca), na alimentação e *Jatropha gossypifolia* L. (pinhão-roxo) como mágico-religiosa. Albuquerque & Andrade (2002), referem esta categoria como veneno, em estudo realizado no agreste pernambucano.

Mágico-religiosa - Categoria representada por cinco espécies (2,22% do total): *Ruta graveolens* L. (arruda), *Scoparia dulcis* L. (vassourinha) e *Senna occidentale* (L.) Link (mata-pasto) são utilizadas em benzeduras, para levantar as arcas caídas e contra quebrante; *J. gossypifolia*, plantada na frente de quase todas as residências, é usada para evitar mal olhado. *Tacarum peregrinum* L. (milho-de-cobra) é muito utilizada em simpatia para saber se o inverno será ruim ou bom, se a espiga nascer bem cheia é sinal que o inverno será intenso, caso a espiga nasça com falhas é sinal de inverno fraco, esta prática é também difundida na Comunidade Quilombola Olho D'água dos Pires, em Esperantina – PI (Franco & Barros 2006b). Silva & Andrade (2002) relatam a utilização de plantas em rituais místicos entre os índios Xucuru, em Pernambuco, porém, apenas a espécie *R. graveolens* foi comum ao estudo desenvolvido na Comunidade dos Macacos, sendo utilizada para espantar mal olhado. Silva & Andrade (2005), ao realizarem estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na zona do litoral de Pernambuco, citam a categoria mágica com 28 espécies, sendo que, *J. gossypifolia*, *R. graveolens* e *S. dulcis*, foram comuns ao estudo na Comunidade dos Macacos.

Embora com poucas espécies citadas, a prática de uso de plantas na categoria mágico-religiosa é bastante difundida na Comunidade Quilombola dos Macacos, fato também observado por Lima *et al.* (2000), no litoral norte do Paraná.

Higiene e limpeza – Categoria representada também por cinco espécies contabilizando 2,22% das citações. Nesta categoria enquadram-se espécies utilizadas na higiene humana e higiene em geral, ou seja, na limpeza de utensílios, das casas e dos quintais. As espécies *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore (carnaúba), *Scoparia dulcis* L. (vassourinha) e *Sida carpinifolia* L. F. (relógio), são utilizadas na confecção de vassouras; *Ziziphus joazeiro* Mart. (juá) na higiene bucal e *Magonia pubescens* A. St-Hil. (tingui) na confecção de sabão, atividade pouco desenvolvida na comunidade. Abreu (2000) também cita o uso de *M. pubescens*, na fabricação de sabão, só que refere esse uso na categoria tecnologia.

Alucinógena - A categoria obteve apenas a citação de uma espécie, (0,44% das citações), *Erythroxylum bezerrae* T. Plowman (pirunga), que com os frutos é produzido um suco natural, denominado simbereba ou cambica, que quando ingerido em grande quantidade, produz um estado de embriaguez, sendo consumido em substituição ao aguardente de cana. Não foi encontrado em literatura citação desse uso para a referida espécie, porém, Loiola *et al.* (2007) citam o gênero *Erythroxylum* P.Browne, caracteriza-se quimicamente, pela presença de alcalóides do grupo tropano, dentre os quais destaca-se a cocaína, um alcalóide natural produzido por *Erythroxylum coca* Lam., que foi empregado como anestésico local em pequenas cirurgias, entretanto, a cocaína ganhou notoriedade por sua atividade psicoativa no Sistema Nervoso Central (SNC).

Várias espécies citadas como úteis no quilombo dos Macacos foram enquadradas em mais de uma categoria de uso, com destaque para *Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore (carnaúba) em cinco categorias e *Brosimum gaudichaudii* Trécul. em quatro. Fato também constatado por Fonseca-Kruel & Peixoto (2004) na RESEX marinha de Arraial do Cabo - RJ e por Pasa *et al.* (2005) na comunidade rural de Conceição-Açu - MT, enquanto Florentino *et al.* (2007) relatam que dentre todas as espécies consideradas úteis no município de Caruaru-PE, só uma pequena parcela é utilizada para mais de uma finalidade.

Valor de uso - *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba) obteve o maior valor de uso (2,40) na comunidade estudada e resultado semelhante foi referido por Franco & Barros (2006b) que citam outra espécie reconhecida popularmente por janaguba (*H. sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson) com valor de uso relativamente alto. Pasa *et al.* (2005) encontraram três espécies com o maior valor de uso muito parecido com o obtido na Comunidade dos Macacos (2,50), porém o menor valor (1,00), difere muito do encontrado nesta pesquisa; este fato pode ser devido ao uso de fórmulas diferentes utilizadas para este cálculo.

As espécies *Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore (carnaúba) (1,95), *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira) (1,80), *Amburana cearensis* (Allemão) A.C.Sm. (imburana-de-cheiro) (1,75), *Hymenaea martiana* Ducke (jatobá-de-porco) (1,65), *Copaifera luetzelburgii* Harms. (pódoi) (1,60) e *Erythroxylum bezerrae* T. Plowman (1,55), também destacaram-se com valor de uso relativamente alto, sendo consideradas fontes importantes de recursos madeireiros e principalmente, medicinais. A espécie *M. urundeuva* é também referida por Albuquerque *et al.* (2005), com valor de uso

superior a um, destacando sua importância para os moradores do município de Alagoinha – PE.

A Fig. 4 mostra a distribuição das espécies por classe de valor de uso, destacando que a grande maioria encontram-se na classe 1, que abrange os valores de uso 0,05 a 0,50, compreendendo 161 espécies (72,85%) e apenas uma espécie na classe 5, que abrange os valores de 2,00 a 2,50. Resultados semelhantes são citados por Ferraz *et al.* (2006) ao estudarem a vegetação das margens do riacho do Navio (PE) e por Lucena *et al.* (2007) com os valores de uso variando de 0,08 a 6,44, destacando as espécies *M.urundeuva* e *Schinopsis brasiliensis* Engl.

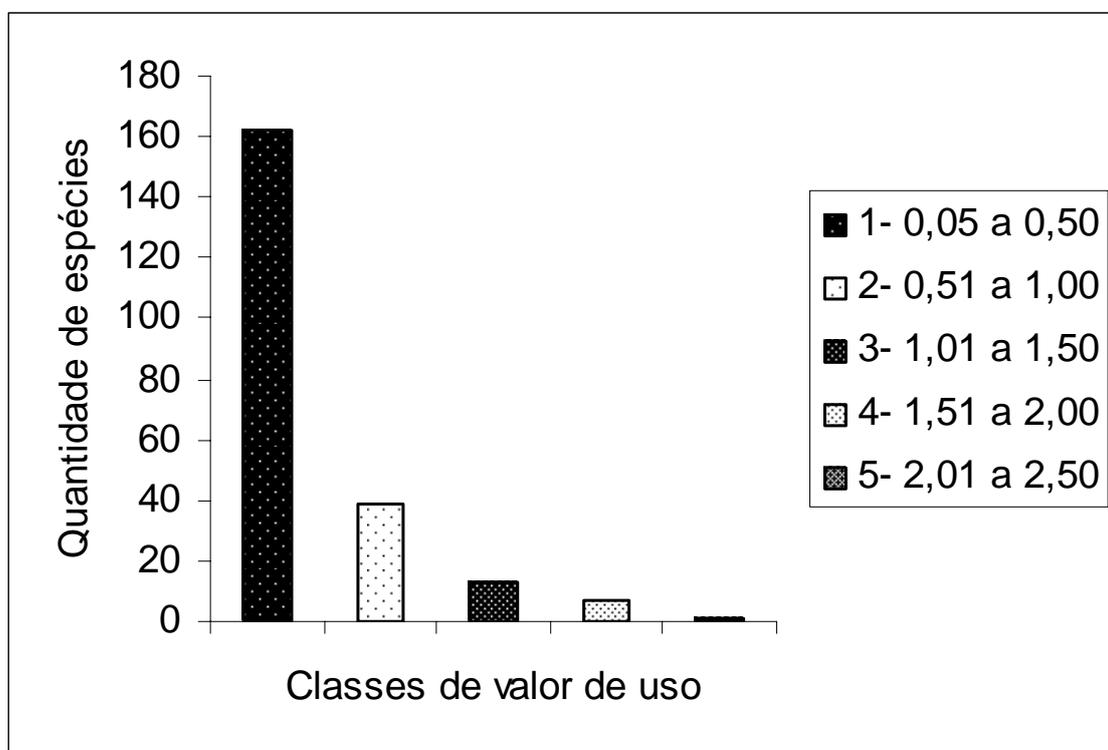


Figura 4: Distribuição em classes de valor de uso das espécies utilizadas pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI.

Observa-se uma preocupação por parte dos moradores em preservar determinadas espécies, por considerarem importantes na manutenção da tradição e, por conseguinte, entre elas estão duas que aparecem na lista do IBAMA, na categoria vulnerável: *M. urundeuva* e *Astronium fraxinifolium* Schott (gonçalo-alves); outra espécie que vem recebendo atenção por parte dos quilombolas é a *A. cearensis*, por considerarem uma espécie com alto valor, principalmente madeireira e medicinal. Esta preocupação é

também verificada na utilização das espécies que crescem nas áreas de pousio e de galhos caídos, para o uso como lenha e fabricação de carvão vegetal.

Comparando os resultados obtidos neste estudo, com Abreu (2000) e Franco *et al.* (2007) que também realizaram estudos em comunidades quilombolas no Piauí, observa-se que, embora tenham sido realizados em biomas diferentes, as três comunidades tem em comum, a vegetação local, como uma fonte de recurso muito importante para a sobrevivência das mesmas.

Observou-se que está havendo uma perda de alguns elementos da cultura local, como por exemplo: a confecção de cestos e jacás, utilizados na colheita e armazenamento da produção agrícola, atividade esta, que foi substituída pela utilização de sacos plásticos, para colheita e garrafas do tipo “pet”, para o armazenamento da produção. Porém, ainda há o uso das práticas tradicionais, na Comunidade dos Macacos, principalmente, pelos mais velhos, que são os detentores do conhecimento. Contudo, para a perpetuação deste conhecimento, torna-se urgente, o desenvolvimento de meios para que, a população mais jovem tenha interesse em absorver este conhecimento, mantendo viva, frente a modernidade, a tradição local.

### **Agradecimentos**

Aos moradores da Comunidade Quilombola dos Macacos, pela receptividade e colaboração na realização deste estudo; ao Diretório Alemão DAAD, pela bolsa de estudo concedida ao primeiro autor; aos especialistas, pela disponibilidade na identificação do material botânico, em especial a Maria Bernadete Costa e Silva do Herbário IPA; à Lúcia Gomes e aos estagiários do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí, pelo auxílio na herborização e incorporação do material botânico.

### **Referências bibliográficas**

Abreu, J.R. **Diversidade de recursos vegetais do cerrado utilizados pelos quilombolas Mimbó (Amarante, Piauí, Brasil)**. Recife: UFPE, 2000. 68p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

- Albuquerque, U. P. 2000. A etnobotânica no Nordeste brasileiro. Pp. 241-249. In: T. B. Cavalcanti & B. M. T. Walter (orgs.) **Tópicos especiais em botânica: palestras convidadas do 51º Congresso Nacional de Botânica**. Brasília: EMBRAPA.
- Albuquerque, U.P. & Lucena, R.F.P. 2004. Métodos e técnicas para coleta de dados. Pp. 37-65. In: U.P. Albuquerque & R.F.P. Lucena (orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: LivroRápido / NUPEEA.
- Albuquerque, U.P. & Andrade, L.H.C. 2002. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciencia** **27**(7): 336-346.
- Albuquerque, U.P.; Andrade, L.H.C. & Silva, A.C.O. 2005. Use of plant resources in a seasonal dry forest (Northeastern Brazil). **Acta Botanica Brasilica** **19**(1): 27-38.
- Albuquerque, U.P.; Andrade, L.H.C. & Caballero, J. 2005. Structure and floristic of homegardens in Northeastern Brazil. **Journal of Arid Environments** **62**: 491-506.
- Almeida, C.F.C.B.R. & Albuquerque, U.P. 2002. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciencia** **27**(6): 276-285.
- Amorozo, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** **16**(2): 189-203.
- Amoroso, M.C.M & Gély, A. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barbacena, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** **4**(1): 47-131.
- Beck, H.T. 1990. A survey of the useful species of *Paullinia* L. (Sapindaceae). In: G.T. Prance & M.J. Balick (eds.) **New directions in the study of plants and people: research contributions from the Institute of Economic Botany**. Advances in economic botany v. 8, New York.
- Botrel, R.T.; Rodrigues, L.A.; Gomes L.J; Carvalho, D.A. & Fontes, M.A.L. 2003. Espécies vegetais nativas usadas pela população local em Ingaí, MG. **Boletim Agropecuário** **59**:1-36.
- Brummitt, R.K. & Powell, C.E. 1992. **Author of plant names**. London: Royal Botanic Gardens Kew. 732p.
- Costa, J.A.S.; Nunes, T.S.; Ferreira, A.P.L.; Stradmann, M.T.S. & Queiroz, L.P. 2002. **Leguminosas forrageiras da caatinga: espécies importantes para as comunidades rurais do sertão da Bahia**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, SASOP. 112p.
- CEPRO – Fundação Centro de Pesquisa Econômicas e Sociais. 1992. **Perfil dos municípios**. Teresina: Fundação CEPRO, 420p.

- Cronquist, A. 1981. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press. 1262p.
- Ferraz, J.S.F.; Albuquerque, U.P. & Meunier, I.M.J. 2006. Valor de uso e estrutura de vegetação lenhosa às margens do riacho do Navio, Floresta, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20(1): 125-134.
- Florentino, A.T.N.; Araújo, E.L. & Albuquerque, U.P. 2007. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 21(1): 37-47.
- Fonseca-Kruel, V.S. & Peixoto, A.L. 2004. Etnobotânica na reserva extrativista marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 18(1): 177-190.
- Franco, E.A.P.A. & Barros, R.F.M. 2006a. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 8(3): 78-88.
- Franco, E.A.P.A. & Barros, R.F.M. 2006b. Saber tradicional dos quilombolas de Olho D'Água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Anais do II Simpósio Desenvolvimento do Trópico Ecotonal do Nordeste**. Teresina.
- Franco, E.A.P.A.; Barros, R. F. M. & Araújo, J.L.L. 2007. Uso e diversidade de plantas do cerrado utilizadas pelos quilombolas de Olho D'Água dos Pires, Esperantina, Piauí. Pp. 247-270. In: W.G.R. Lopes; A.C.A. Lopes; J.M.A. Gomes; J.M. Moita-Neto; L.F.C. Leite; P.W.G.N. Teixeira & R.F.M. Barros (orgs.) **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 402 p.
- Figueiredo, I.B.; Schmidt, I.B. & Sampaio, M.B. 2006. Manejo sustentável de capim dourado e buriti no Jalapão, TO: importância do envolvimento de múltiplos atores. Pp. 101-103. In: R. R. Kubo; J. B. Bassi; G.Coelho de Sousa; N.L.Alencar; P.M.Medeiros & U.P. Albuquerque (orgs.). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. v. 3. Recife: Nupeea/SBEE.
- Hanazaki, N.; Souza, V.C. & Rodrigues, R.R. 2006. Ethnobotany of rural people from the boundaries of Carlos Botelho state park, São Paulo state, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20(4): 887-898.
- IPNI. The International Plant Names Index. **Search plant names**. Disponível em <<http://www.ipni.org/index.html>>. Acessado em 15 jan. 2008.
- Judd, W.S.; Campbell, C.S.; Kellogg, E.A. & Stevens, P. F. 1999. **Plant systematics: a phylogenetic approach**. Sunderland: Sinauer Associates. 464 p.
- Lemos, J. R. 2001. Plantas da caatinga com potencial forrageiro, Parque Nacional Serra da Capivara, estado do Piauí. **Revista Pesquisa em Foco** 9(14): 91-100.

- Lima, R.X.; Silva, S.M.; Kuniyoshi, Y.S. & Silva, L.B. 2000. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba – Paraná – Brasil. **Etnoecologica** 4: 33-54.
- Lima, G.P. 2003. **Atlas da exclusão social no Piauí: a herança deixada**. CEPRO: Teresina, 230p.
- Lima, M.R. & Santos, M.R.A. 2006. Aspectos etnobotânicos da medicina popular no município de Buritis, Rondônia. **Revista Fitos** 2(2): 36-41.
- Loiola, M.I.B.; Agra, M.F.; Baracho, G.S. & Queiroz, R.T. 2007. Flora da Paraíba, Brasil: Erythroxylaceae Kunth. **Acta Botanica Brasilica** 21(2): 473-487.
- Lucena, R.F.P.; Albuquerque, U.P.; Monteiro, J. M.; Almeida, C.F.C.B.R; Florentino, A.T.N. & Ferraz, J.S.F. 2007. Useful plants of the semi-arid Northeastern Region of Brazil – a look at their conservation an sustainable use. **Environ Monit Assess** 125: 281-290.
- MOBOT. Missouri Botanical Garden. **W3 tropicos**. Disponível em: <<http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html>>. Acesso do em: 21 jan. 2008.
- Mori, S.A.; Silva, L.A.M.; Lisboa, G. & Coradin, L. 1989. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 2. ed. CEPLAC: Ilhéus, 104p.
- Noda, H. 2006. Conservação dos recursos genéticos hortícolas amazônicos por agricultores tradicionais do Alto Solimões, Amazonas. Pp. 133-145. In: U. P. Albuquerque; A.G.C. Alves; A.C.B.L. Silva & V.A. Silva (orgs.) **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. v. 1. Recife: NUPEEA / SBEE.
- OMS - Organização Mundial da Saúde. 2000. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Parente, C.E.T. & Rosa, M.M.T. 2001. Plantas comercializadas como medicinais no município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia** 52: 47-59.
- Pasa, M.C.; Soares, J.J. & Neto, G.G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica** 19(2): 195-207.
- Phillips, O. & Gentry, A.H. 1993a. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. **Economic Botany** 47(1): 15-32.
- Phillips, O. & Gentry, A.H. 1993b. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional, hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany** 47(1): 33-43.
- Phillips, O.; Gentry, A.H.; Reynel, C.; Wilkin, P. & Gálvez-Durand, C. 1994. Quantitative ethnobotany and amazonian conservation. **Conservation Biology** 8 (1): 225-248.

- Pinto, E.P.P. ; Amorozo, M.C.M. & Furlan, A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20(4): 751-762.
- Rocha, A.E.S. & Silva, M.F.F. 2005. Aspectos fitossociológicos, florísticos e etnobotânicos das palmeiras (Arecaceae) de floresta secundária no município de Bragança, PA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 19(3): 657-667.
- Rodrigues, L.A.; Carvalho, D.A.; Gomes, L.J. & Botrel, R.T. 2002. Espécies vegetais nativas usadas pela população local em Luminárias-MG. **Boletim Agropecuário** 52: 1-34.
- Rossato, S.C.; Leitão Filho, H.F. & Begossi, A. 1999. Ethnobotany of caíças of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economic Botany** 53(4): 387-395.
- Santos, L.G.P.; Barros, R.F.M. & Araújo, J.L.L.. Diversidade de plantas medicinais e forrageiras do cerrado de Monsenhor Gil, Piauí. Pp. 299-318. In: W.G.R. Lopes; A.C.A. Lopes; J.M.A. Gomes; J.M. Moita-Neto; L.F.C. Leite; P.W.G.N. Teixeira & R.F.M. Barros (orgs.) **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 402 p.
- Schardong, R.M.F. & Cervi, A.C. 2000. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biologica Paranaense** 29(1, 2, 3, 4): 187-217.
- Silva, A.J.R & Andrade, L.H.C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 19(1): 45-60.
- Silva, V.A. & Andrade, L.H.C. 2002. Etnobotânica Xuxuru: espécies místicas. **Biotemas** 15(1): 45-57.
- Souza, C.D. & Felfili, J.M. 2006. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20(1): 135-142.
- Tabarelli, M. & Vicente, A. 2002. Lacunas de conhecimento sobre as plantas lenhosas da Caatinga. Pp. 25-40. In: E.V.S.B. Sampaio; A.M. Giulietti; J. Virgílio & C.F.L. Gamarra-Rojas (orgs.). **Caatinga: vegetação e flora**. Recife, APNE/CNIP.
- Torquato, T.G.M. **Potencial da vegetação melitófila e abelhas associadas da área Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil**. Teresina: UFPI, 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí.
- Viana, B.F.; Silva, F.O. & Kleinert, A.M.P. 2006. A flora apícola de uma área restrita de dunas litorâneas, Abaeté, Salvador, Bahia. **Revista Brasileira de Botânica** 29(1): 13-25.

Vilhena-Potiguara, R.C.; Almeida, S.S.; Oliveira, J.; Lobato, L.C.B. & Lins, A.L.F.A.  
1987. Plantas fibrosas – I: levantamento botânico na microrregião do Salgado (Pará,  
Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** 3: 279-301.

**6.2 ARTIGO A SER ENVIADO AO PERIÓDICO**

**REVISTA BRASILEIRA DE PLANTAS MEDICINAIS**

Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do  
Tapuio, Piauí

**AUTORES**

FÁBIO JOSÉ VIEIRA

ROSELI FARIAS MELO DE BARROS

JOSÉ LUIS LOPES ARAÚJO

Plantas medicinais utilizadas na comunidade quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuí, Piauí

VIEIRA, F. J.<sup>1</sup>; BARROS, R. F. M.<sup>2</sup>; ARAÚJO, J. L. L.<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí. Rua Piauí, 431, Matinha, CEP: 64.003-240, Teresina – PI. ([fjvieira@oi.com.br](mailto:fjvieira@oi.com.br)). Autor para correspondência; <sup>2</sup>Departamento de Biologia, Universidade Federal do Piauí, Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga, Teresina/PI, CEP: 64.049-550 ([rbarros.ufpi@yahoo.com.br](mailto:rbarros.ufpi@yahoo.com.br)); <sup>3</sup>Departamento de Geografia, Universidade Federal do Piauí, Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga, Teresina / PI, CEP: 64.049-550

**RESUMO:** A Comunidade Quilombola dos Macacos está localizada no município de São Miguel do Tapuí, Piauí. Objetivou-se levantar informações socioeconômicas e sobre as espécies medicinais utilizadas pela comunidade, identificando as formas de usos e indicações terapêuticas atribuídas pelos quilombolas às etnoespécies. Dos 106 habitantes da comunidade, 20 foram indicados como conhecedores da vegetação local, bem como suas finalidades, com os quais foram realizadas entrevistas semi-estruturadas; destes, cinco foram os informantes-chave, e com eles foi realizada a técnica de turnê guiada. A pesquisa de campo foi procedida entre janeiro de 2006 e abril de 2007. Calculou-se a Importância Relativa (IR) de cada espécie citada, e determinou-se o Fator de Consenso dos Informantes (FCI). Todo o material coletado encontra-se depositado no Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Foram identificadas 74 espécies com propriedades medicinais, distribuídas em 40 famílias botânicas. Leguminosae (10,29%), Euphorbiaceae (8,82%) e Lamiaceae (7,35%), obtiveram maior número de espécies. *Copaifera luetzeulburgii* Harms. (pódoí), *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba) e *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira), obtiveram os maiores valores de IR: 2,00; 1,80 e 1,75, respectivamente. Houve maior consenso entre os informantes, para as plantas indicadas no tratamento de impotência sexual e neoplasias (FCI 0,80). As folhas (36,98%) e chás (53,42%), foram a parte e a forma de preparo mais utilizadas pelos moradores do quilombo. Apesar da distribuição de remédios industrializados, pela equipe do PSF, observou-se a preferência pela plantas medicinais adquiridas, principalmente na vegetação nativa.

**Palavras-chave:** plantas medicinais, etnobotânica quantitativa, quilombo, São Miguel do Tapuí, Piauí.

**ABSTRACT: Medicinal plants utilized in the Quilombola dos Macacos Community, São Miguel do Tapuí City, Piauí State.** The Quilombola dos Macacos Community is located in São Miguel do Tapuí city, Piauí State. This paper aimed to get information about some medicinal species that utilized by the community, identifying uses and therapeutical indications made by the Quilombolas to ethno-species. Among 106 inhabitants of this community, 20 of them have the knowledge of the local vegetation, as well as their use, with whom some semi-structured interviews were carried out. Among them, only five persons have a significant knowledge, and only with these persons the

guided tour technique was applied. The ground survey was held from January 2006 to March 2007. The Relative Importance (RI) of each species was assessed and the Factor of Consensus of the Informants (FCI) determined. All the material collected is at the Graziela Barroso Herbarium (TEPB) of the Universidade Federal do Piauí. We listed 74 species with medicinal properties, distributed among 40 botanical families. Leguminosae (10,29%), Euphorbiaceae (8,82%) and Lamiaceae (7,35%), obtained the great number of species. *Copaifera luetzeulburgii* Harms (podói), *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba) e *Myracrodruon urundeuva*, Allemão (aroeira), obtained the great amount of RI: 2,00; and, respectively 1,75 and 1,80. There was more consensus among the informants for plants indicated for the treatment of sexual impotence and neoplasias (FCI 0,80). The leaves (36,98%) and teas (53,42%) were the most utilized part and form used by the inhabitants of the quilombo. Despite the distribution of medicines industrialized, by the team of PSF, there was a preference for herbal acquired, mostly in native vegetation.

**Key words:** medicinal plants, ethnobotany, quilombo, São Miguel do Tapuio, Piauí State.

## INTRODUÇÃO

O uso de plantas com fins medicinais, para tratamento, cura ou prevenção de doenças, é uma das mais antigas formas de práticas da medicina. Durante as duas últimas décadas, o interesse pelos sistemas de medicinas tradicionais, intensificou-se como um assunto de importância mundial (Agra et al., 2005).

Muitas sociedades tradicionais ou autóctones possuem uma vasta farmacopéia natural, em boa parte proveniente dos recursos vegetais encontrados nos ambientes naturais ocupados por estas populações, ou cultivados em ambientes antropicamente alterados (Amorozo, 2002). Portanto, resgatar este conhecimento e suas técnicas terapêuticas, contribui para a valorização da medicina popular, além de gerar informações sobre a saúde da comunidade local (Pilla et al., 2006), como também pode fornecer dados para novas fontes de princípios ativos.

Embora a pesquisa científica sobre plantas medicinais utilizadas por comunidades tradicionais brasileiras ser recente (Pinto et al., 2006), vários pesquisadores têm desenvolvido pesquisas nesta linha, como: Amorozo & Gély (1988); Milliken & Albert (1996); Gonçalves & Martins (1998); Rêgo (1998); Castellucci et al. (2000); Rodrigues & Carvalho (2001); Amorozo (2002); Coutinho et al. (2002); Franco & Fontana (2002);

Medeiros et al. (2004); Souza & Felfili (2005); Almeida et al. (2006); Borba & Macedo (2006); Pinto et al. (2006) e Leão et al. (2007).

Para o Piauí, no campo das plantas medicinais, registramos os trabalhos de Berg & Silva (1985); Santos et al. (2007) e apenas Franco & Barros (2006) desenvolveram pesquisa em comunidades tradicionais no Estado.

A transmissão oral do conhecimento sobre o uso de plantas pelas comunidades tradicionais é praticada há gerações, porém o processo de aculturação, onde as novas gerações incorporam os meios modernos de comunicação, causam a perda desta tão valiosa transmissão oral (Medeiros et al., 2004), aliado a isso, tem a degradação ambiental e a desagregação dos sistemas de vida tradicional que ameaçam, além de um acervo de conhecimento empírico, um patrimônio genético de valor inestimável para as gerações futuras (Amorozo & Gély, 1988).

Diante do exposto desenvolvemos o estudo na Comunidade Quilombola dos Macacos em São Miguel do Tapuio, Piauí, com o objetivo de levantar informações sobre as etnoespécies utilizadas como medicinais, identificando seus modos de preparos, indicações terapêuticas, bem como, proceder suas identificações botânicas, verificar a Importância Relativa (IR) e Fator de Consenso dos Informantes (FCI).

## **MATERIAL E MÉTODO**

### **Descrição da Área**

O município de São Miguel do Tapuio situa-se a 260km de Teresina, e ocupa uma área de 6.533km<sup>2</sup>, correspondente a 2,61% do total do Estado. Está situada na mesorregião Centro Piauiense e microrregião de Campo Maior e ocupa a 172<sup>o</sup> posição no ranking estadual de exclusão social (CEPRO, 1992; Lima, 2003). Possui segundo a CEPRO (1992) um clima classificado como Tropical Semi-Árido Quente, com duração do período seco de seis meses e uma vegetação de Cerrado e Cerradão.

A Comunidade Quilombola dos Macacos situa-se a 26km ao sul da cidade (Figura 1), com uma área de 2000 ha aproximadamente, onde habitam 106 indivíduos, distribuídos em 27 famílias, que sobrevivem da agricultura de subsistência e da criação extensiva de galinhas, porcos, bodes, carneiros, bois e vacas, com renda familiar na grande maioria

complementada com auxílios do Governo Federal, como aposentadorias e bolsas família. Possui uma escola de ensino fundamental que leciona da alfabetização à 4ª série, e a partir da 5ª série os alunos se deslocam para outra comunidade ou vão estudar na cidade de São Miguel do Tapuio; neste último caso, permanecem a semana toda na cidade, pois só tem transporte escolar nos finais de semana.

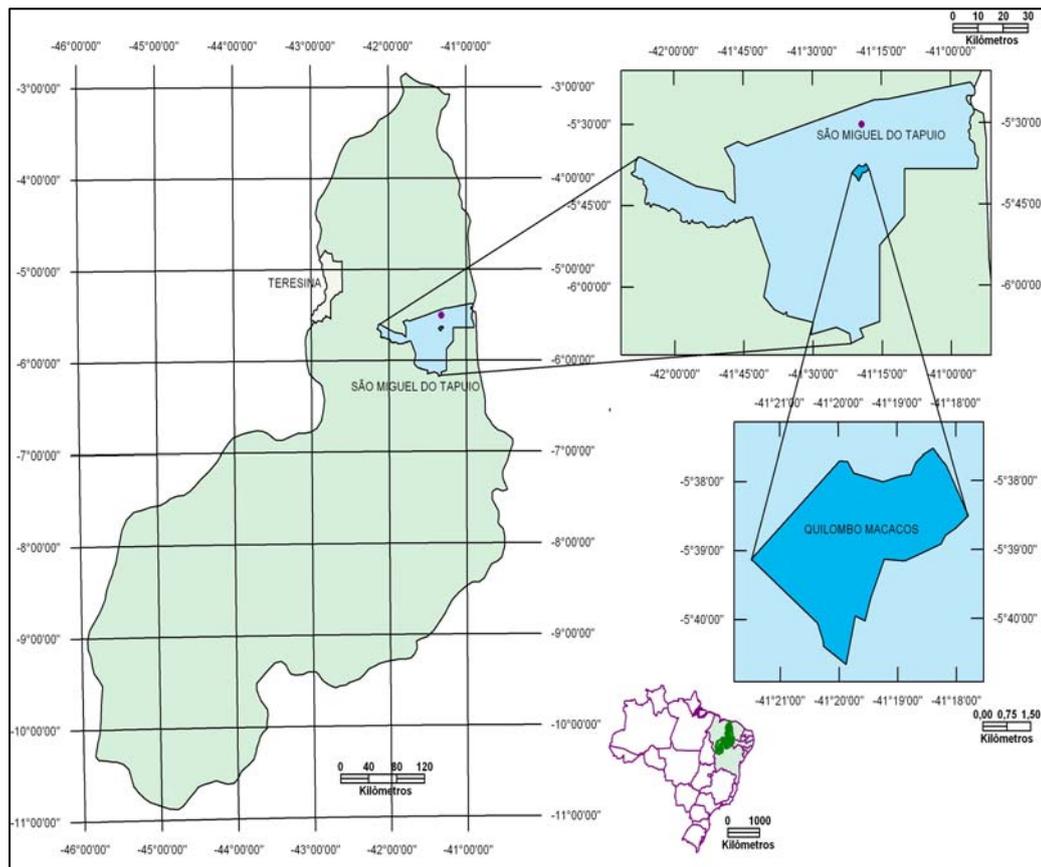


Figura 1: Localização da Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio-PI.

A história da comunidade é marcada pela luta da posse da terra que se agravou, principalmente na década de 1990, quando o posseiro que se dizia dono das terras tentou expulsar uma das famílias. Este fato desencadeou uma revolta dentro da comunidade, que resolveu juntar forças para lutar pela retomada das terras, que segundo eles pertenceram aos seus antepassados (INCRA, 2006). Apesar de possuírem o título de auto-reconhecimento de Comunidade remanescente de quilombo, expedido pela Fundação Palmares em maio de 2005, esperam o título de posse definitiva da terra, expedido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

### Coleta de dados

A coleta de dados etnobotânicos e sócio-econômicos visou o conhecimento das plantas medicinais utilizadas pelos quilombolas, bem como a realidade vivida pelos mesmos. Foram aplicados questionários com as 27 famílias da comunidade, havendo a participação de todos os membros da casa, onde os entrevistados foram questionados inicialmente sobre informações de caráter sócio-econômico: idade, estado civil, renda, moradia e saneamento. Em seguida, direcionou-se perguntas relativas ao uso e conhecimento das plantas utilizadas como medicinais. Dos 106 habitantes da comunidade, 20 foram indicados como conhecedores da vegetação e suas finalidades, destes, cinco como informantes-chave, com os quais foi desenvolvida a técnica de turnê guiada (Albuquerque & Lucena, 2004). A pesquisa de campo foi realizada entre janeiro de 2006 e abril de 2007.

Para coleta e herborização de material botânico, utilizou-se a metodologia de Mori et al. (1989), quinzenalmente no período chuvoso e mensalmente no seco. O material testemunho encontra-se incorporado ao acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí. As identificações das espécies foram feitas com base em bibliografia especializada, comparações com exsicatas identificadas e envio de material a especialistas. O sistema adotado foi o de Cronquist (1981), com exceção da família Leguminosae que obedeceu a Judd et al. (1999). As abreviaturas dos nomes dos autores das espécies estão de acordo com Brummitt & Powell (1992), e pelos sites do IPNI ([www.ipni.org](http://www.ipni.org)) e MOBOT ([mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html](http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html)).

### Análise quali-quantitativa dos dados

A Importância Relativa (IR) de cada espécie, foi calculada com base na proposta de Bennett & Prance (2000), onde o valor máximo do IR obtido por uma espécie será 2, através da fórmula  $IR = NSC + NP$ , onde NSC é igual ao número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie (NSCE), dividido pelo número total de sistemas corporais, tratados pela espécie mais versátil (NSCEV); NP coincide com a relação entre o número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE) e o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV).

O Fator de Consenso dos Informantes (FCI) foi calculado através da fórmula adaptada de Trotter & Logan (1986), onde  $FCI = \frac{na - n}{na - 1}$ ;  $na$  = somatório de usos registrados por cada informante para uma categoria; e  $n$  = número de espécies indicadas na categoria. O valor máximo do FCI é 1, quando ocorre um consenso completo entre os informantes de plantas para uma doença em particular.

As doenças citadas foram agrupadas em 15 categorias, com base na OMS (2000), sofrendo algumas modificações: transtornos do sistema respiratório; transtornos do sistema circulatório; transtornos do sistema nervoso; transtornos do sistema digestivo; transtornos do sistema genito-urinário; doenças do sistema osteomuscular; inflamações e dores em geral; doenças parasitárias; neoplasias; doenças do sangue; doenças de pele e tecido celular sub-cutâneo; impotência sexual; doenças das glândulas endócrinas e do metabolismo; transtornos do sistema sensorial (visão) e mordida de cobra.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

### Dados socioeconômicos da Comunidade Quilombola dos Macacos

A base econômica da Comunidade dos Macacos é a agricultura de subsistência que é complementada em algumas famílias por aposentadorias (11,11% dos indivíduos), por bolsas família (59,26%), e por aposentadorias/bolsas famílias (7,41%). Entretanto, 22,22% destas, não possuem nenhum tipo de benefício concedido pelo Governo.

O nível de alfabetização dos integrantes da Comunidade Quilombola dos Macacos é considerado bom para a região, pois 73,75% dos indivíduos são alfabetizados; o saneamento básico é inexistente, pois não observa-se fossas sépticas em nenhuma das residências e a destinação do lixo, na sua grande maioria é deixada a céu aberto. O abastecimento de água é feito através de gravitação, onde as águas do brejo dos Macacos são represadas, passando a serem distribuídas através de encanação até as residências. Não há energia elétrica.

Uma equipe do Programa Saúde da Família (PSF) atende a comunidade, visitando-os uma vez por mês; quando diagnosticados casos mais sérios de doenças, estes são encaminhados para a sede do município ou para Teresina, dependendo da gravidade. Apesar do atendimento do PSF, com a indicação de remédios industrializados, observou-se ainda, um intenso uso da medicina popular.

### Etnobotânica qualitativa

A vegetação encontrada na região foi de transição, com predominância do bioma Caatinga e elementos de Cerrado e Mata Semi-decídua, diferentemente da citada na CEPRO (1992).

O conhecimento tradicional está em poder dos mais velhos, pois dos cinco informantes-chave, indicados pela própria comunidade, três estavam na faixa etária de mais de 60 anos, uma entre 45 e 60 e um na de 30 a 45 anos. Fato este, comum na maiorias das comunidades estudadas, como verificado por Abreu (2000), no Quilombo Mimbó, Amarante – PI, Lima *et al.* (2000) nas comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba – PR, Franco & Barros (2006), na Comunidade Quilombola Olho D'Água dos Pires, Esperantina – PI, Almeida *et al.* (2006) na região de Xingó no semi-árido nordestino e Albuquerque & Albuquerque (2005) na comunidade de Vila Velha – PE.

As espécies indicadas pelos informantes foram coletadas em quintais, roças, capoeiras, hortas, e nas áreas de vegetação nativa. A maior parte das espécies utilizadas como medicinais (68,5%), cresce espontaneamente em ambientes naturais ou antropicamente modificados, sendo as demais (31,5%), cultivadas em canteiros nos quintais e também na horta comunitária. Dados semelhantes foram encontrados por Abreu (2000) no quilombo Mimbó, em Amarante – PI, em uma área de transição vegetacional de cerrado e mata ciliar e, por Franco & Barros (2006) numa área de transição de cerrado e floresta decidual mista, na Comunidade Quilombola Olho D'água dos Pires, em Esperantina - PI.

Observa-se que as mulheres têm o maior conhecimento sobre uso das plantas cultivadas nos quintais e locais próximos as residências e com as plantas utilizadas no trato de doenças relacionadas ao sistema reprodutor feminino. Amorozo & Gély (1988) no Baixo Amazonas, em Barcarena – PA, corroboram com o observado na Comunidade dos Macacos.

Um total de 74 etnoespécies foram identificadas e citadas como medicinais, distribuídas em 69 gêneros e 40 famílias botânicas (Tabela 1). Leguminosae (10,29%), Euphorbiaceae (8,82%) e Lamiaceae (7,35%), são as famílias mais representativas em número de espécies. Almeida & Albuquerque (2002), também incluem estas famílias entre as que contribuíram com o maior número de espécies medicinais no levantamento de uso e

conservação de plantas e animais medicinais no agreste Pernambucano. Franco & Barros (2006) também citam as famílias Leguminosae e Euphorbiaceae, como as mais representativas.

A família Cactaceae está representada por duas espécies com potencial medicinal: *Cereus jamacaru* DC. (mandacaru), utilizada no tratamento de inflamação em geral e inchaço e *Melocactus zehntneri* Britton & Rose (coroa-de-frade), no tratamento de gripe. Estas duas espécies aparecem no estudo realizado por Andrade et al. (2006), com Cactáceas medicinais utilizadas por sertanejos baianos, e *M. zehntneri* é indicada no tratamento de gripe, um uso similar a indicação verificada na Comunidade dos Macacos.

Ao contrário do que se tem observado em outros trabalhos, tais como: Silva & Corrêa (1995), Schardong & Cervi (2000), Amorozo (2002) e Leão et al. (2007), a família Asteraceae aparece apenas com uma espécie citada, mostrando que a família é pouco utilizada na Comunidade dos Macacos.

Tabela 1: Lista das etnoespécies citadas como medicinais pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuí, Piauí. NC = número de coletor (FV = Fábio Vieira) ; il - identificada no local-não coletada; PU = parte usada; IR = importância relativa; FP = forma de preparo.

<b>Família/espécie/nome vulgar</b>	<b>NC</b>	<b>PU</b>	<b>IR</b>	<b>Indicação de uso</b>	<b>FP</b>
<b>Anacardiaceae</b>					
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão (aroeira)	349	casca do tronco	1,75	gastrite; úlcera; inflamação do útero; resto de parto; torção	garrafada
<b>Apiaceae</b>					
<i>Anethum graveolens</i> L. (endro)	358	sementes	0,90	depressão; hipertensão; febre; cólicas	chá
<i>Coriandrum sativum</i> L. (coentro)	359	sementes	0,45	calmante; cólicas	chá
<b>Apocynaceae</b>					
<i>Himatanthus drasticus</i> (Mart.) Plumel (janaguba)	122	casca do tronco; látex	1,80	inflamação em geral; câncer; úlcera; menstruação irregular	garrafada e látex
<b>Arecaceae</b>					
<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H. E. Moore (carnaúba)	il	raiz	0,65	menstruação irregular; impotência sexual	garrafada
<i>Mauritia flexuosa</i> L. (buriti)	il	sementes	0,45	queimaduras	óleo
<b>Asteraceae</b>					
<i>Wedelia</i> aff. <i>villosa</i> Gardn. (camara)	112	folhas	0,45	pneumonia	chá
<b>Bignoniaceae</b>					
<i>Mansoa hirtusa</i> DC. (cipó-de-alho)	263	raiz	0,25	gripe	chá

## Continuação

<b>Família/espécie/nome vulgar</b>	<b>NC</b>	<b>P U</b>	<b>IR</b>	<b>Indicação de uso</b>	<b>F P</b>
<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl (pau-d'arco-roxo)	333	casca do tronco	1,10	gastrite; úlcera; dor na coluna	garrafada
<b>Boraginaceae</b>					
<i>Heliotropium indicum</i> L. (crista-de-galo)	345	raiz	0,45	inflamação em geral	chá
<b>Bromeliaceae</b>					
<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arr. Cam.) Mez (croá)	89	folhas	0,45	mordida de cobra	sumo
<b>Burseraceae</b>					
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) Gillet. (imburana-de-espinho)	63	casca do tronco	0,45	hemorragia	chá
<b>Cactaceae</b>					
<i>Cereus jamacaru</i> DC. (mandacaru)	144	caule	0,90	inflamação em geral; inchaço em geral	sumo
<i>Melocactus zehntneri</i> Britton & Rose (coroa-de-frade)	427	flores	0,45	gripe	xarope
<b>Capparaceae</b>					
<i>Cleome spinosa</i> Jacq. (mussambê)	271	raiz	0,45	gripe	chá
<b>Cecropiaceae</b>					
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul. (torém)	426	folhas	0,45	mestruação irregular	chá
<b>Chenopodiaceae</b>					
<i>Beta vulgaris</i> L. (beterraba)	il	caule	0,45	gripe	xarope
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L. (mastruz)	296	parte aérea da planta	1,10	verminose; dor na coluna e ossos	sumo; emplastro
<b>Combretaceae</b>					
<i>Combretum leprosum</i> Mart. (mufumbo)	116	casca do tronco; semente	1,35	inflamação em geral; sangramento; dor de barriga	chá; garrafada
<b>Convolvulaceae</b>					
<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem & Schult (salsa)	417	folhas novas	0,45	supurar tumores	emplastro
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Farw. (batata-de-purga)	277	raiz	1,55	amebíase; prisão de ventre; expectorante	mingau
<b>Cucurbitaceae</b>					
<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad (melancia)	il	sementes	1,10	gripe; febre; intestino	sumo
<i>Curcubita pepo</i> L. (abóbora)	il	sementes	0,45	gripe	sumo
<i>Momordica charantia</i> L. (melão-de-são-caetano)	398	folhas	0,65	impigem; erisipele	uso tópico
<b>Euphorbiaceae</b>					
<i>Chamaesyce hyssopifolia</i> (L.) Small. (erva-santa)	150	planta inteira	0,45	menstruação irregular	chá
<i>Croton grawioides</i> Baill. (canelinha)	82	folhas	0,65	gripe; constipação	banho
<i>C. heliotropiifolius</i> Kunth. (velame)	60	folhas	1,25	gripe; arrancar farpa	chá

## Continuação

<b>Família/espécie/nome vulgar</b>	<b>NC</b>	<b>P U</b>	<b>IR</b>	<b>Indicação de uso</b>	<b>F P</b>
<i>Euphorbia tirucalli</i> L. (cachorra-pelada)	414	látex	0,45	câncer	látex
<i>Jatropha gossypifolia</i> L. (pião-roxo)	431	látex	0,45	visão	látex
<i>Ricinus communis</i> L. (mamona)	il	sementes	0,45	resto de parto; picada de cobra	óleo
<b>Lamiaceae</b>					
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews (boldo)	il	folhas	0,90	infecção intestinal; ressaca	chá
<i>Hyptis suaveolens</i> Poit. (bamburral)	203	folhas e flores	0,45	gripe	chá
<i>Mentha arvensis</i> L. (hortelã-vick)	422	folhas	0,45	gripe	chá
<i>Ocimum americanum</i> L. (esturarque)	419	parte aérea	0,90	gripe; dor de barriga	banho; chá
<i>O. gratissimum</i> L. (mão-de-vaca)	420	folhas	0,45	gripe	chá
<i>Rhaphiodon echinus</i> (Nees & Mart.) Schauer (betônica-de-brejo)	109	folhas	0,45	enxaqueca	chá
<b>Leguminosae</b>					
<b>Caesalpinioideae</b>					
<i>Caesalpinia bracteosa</i> Tul. (catingueira)	142	casca do tronco	1,35	amebíase; dor nos rins; gastrite	chá; garrafada
<i>C. ferrea</i> Mart. ex Tul. (jucá)	102	casca do tronco; fruto	1,35	calmante; gripe; dor nos rins	chá; garrafada
<i>Copaifera luetzelburgii</i> Harms. (podói)	154	casca do tronco; óleo	2,00	anemia; gastrite; dor nos rins; úlcera; mordida de cobra	garrafada; emplastro; óleo
<i>Hymenaea martiana</i> Ducke (jatobá)	399	casca do tronco	0,75	úlcera; dor de barriga	chá; garrafada
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link (fedegoso)	409	folhas	0,45	expectorante	xarope
<b>Mimosoideae</b>					
<i>Piptadenia moniliformis</i> Benth. (angico-rama-de-bezerra)	101	casca do tronco	0,45	infecção intestinal	chá
<b>Papilionoideae</b>					
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm. (imburana-de-cheiro)	423	casca do tronco	0,45	gripe	banho
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill. (anil-brabo)	152	folhas	0,25	impigem	uso tópico
<b>Liliaceae</b>					
<i>Allium sativum</i> L. (alho)	il	bulbo	0,45	gripe	chá
<i>A. schoenoprasum</i> L. (cebolinha)	il	planta inteira	0,45	expectorante	xarope
<b>Malpighiaceae</b>					
<i>Byrsonima</i> sp (murici-verdadeiro)	397	casca do tronco	0,90	úlcera; gastrite; dente infeccionado	chá
<b>Malvaceae</b>					
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench (quiabo)	il	sementes	0,25	verminose	chá
<i>Gossypium herbaceum</i> L. (algodão)	297	folhas e sementes	1,80	amigdalite; infecção intestinal; dentição; próstata	chá

## Continuação

<b>Família/espécie/nome vulgar</b>	<b>NC</b>	<b>P U</b>	<b>IR</b>	<b>Indicação de uso</b>	<b>F P</b>
<i>Malva sylvestris</i> L. (malva-do-reino)	il	folhas	0,45	gripe	chá
<b>Moraceae</b>					
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul (inharé)	344	casca do tronco; folhas	1,10	vítiligo; depurativo do sangue	chá
<b>Myrtaceae</b>					
<i>Psidium guajava</i> L. (goiaba)	il	folhas novas	1,35	infecção intestinal; dentição de criança; amigdalite	chá
<b>Musaceae</b>					
<i>Musa paradisiaca</i> L. (banana)	il	parte da inflorescência (brácteas)	0,45	expectorante	chá
<b>Nyctaginaceae</b>					
<i>Boerhavia diffusa</i> L. (pega-pinto)	412	raiz	1,35	gripe; depurativo sangue; menstruação irregular	chá; garrafada
<i>Guapira graciliflora</i> (Mart. ex J. A. Schimidt) Lundel (pau-piranha)	428	casca do tronco	0,80	inflamação da próstata; dor nos rins	garrafada
<b>Olacaceae</b>					
<i>Ximenia americana</i> L. (ameixa)	356	casca do tronco	1,55	úlceras; gastrite; feridas; inflamação do útero	garrafada; emplastro
<b>Passifloraceae</b>					
<i>Passiflora edulis</i> Sims (maracujá)	il	fruto	0,45	calmante	suco
<b>Pedaliaceae</b>					
<i>Sesamum indicum</i> L. (gergelim)	421	sementes	0,90	febre; gripe	sumo
<b>Poaceae</b>					
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf. (capim-santo)	il	folhas	0,90	febre; calmante	chá
<b>Rhamnaceae</b>					
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart. (juá)	404	casca do tronco	0,45	feridas	emplastro
<b>Rubiaceae</b>					
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum (quina-quina)	312	casca do tronco	0,45	feridas	emplastro
<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. K. Schlfld.) K. Schum (jenipapinho)	74	casca do tronco	0,45	torção	emplastro
<b>Rutaceae</b>					
<i>Citrus aurantium</i> L. (laranja)	il	folhas	0,45	gripe	chá
<i>C. limonum</i> Risso (limão)	il	folhas e frutos	0,90	gripe; hipertensão	chá
<i>Ruta graveolens</i> L. (arruda)	il	folhas	0,45	gases	chá
<b>Scrophulariaceae</b>					
<i>Scoparia dulcis</i> L. (vassourinha)	408	raiz e folhas	0,90	feridas; infecção urinária	chá
<b>Smilacaceae</b>					
<i>Smilax campestris</i> Griseb. (japacanga)	425	raiz	0,65	impotência sexual; inflamação no útero	garrafada

Continuação					
Família/espécie/nome vulgar	NC	P U	IR	Indicação de uso	F P
<b>Sterculiaceae</b>					
<i>Helicteres sacarolha</i> A. St-Hil. (saca-trapo)	81	raiz	0,45	dor de barriga	chá
<b>Turneraceae</b>					
<i>Turnera ulmifolia</i> L. (tira-estrepo)	415	folhas	0,45	arrancar farpas	emplastro
<b>Verbenaceae</b>					
<i>Clerodendron</i> sp (alecrim)	83	folhas e flores	0,45	gripe	chá; banho
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br. (erva-cidreira)	il	folhas	0,45	calmante	chá
<b>Violaceae</b>					
<i>Hybanthus ipepacuanha</i> Baill. (pepaconha)	208	folhas e flores	0,45	dentição de criança	chá
<b>Zingiberaceae</b>					
<i>Curcuma longa</i> L. (açafrão)	il	bulbo	0,65	gripe; rouquidão	chá
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe. (gengibre)	il	bulbo	0,90	dor em geral; garganta inflamada	chá

Quanto aos sistemas tratados com as plantas medicinais, na comunidade estudada o que obteve o maior destaque foi o sistema respiratório (36,76% das espécies), seguido pelos sistema digestivo (22,06%) e genito-urinário (13,23%). Almeida & Albuquerque (2002), Albuquerque & Andrade (2002) e Franco & Barros (2006) encontraram resultados semelhantes nos estudos realizados no estado de Pernambuco e na Comunidade quilombola Olho D'Água dos Pires, em Esperantina – PI, respectivamente. Entretanto, no Quilombo Mimbó, em Amarante – PI, Abreu (2000) relata que as doenças relacionadas ao aparelho reprodutor feminino são as mais citadas pelos moradores do quilombo, seguida pelas doenças do aparelho digestivo. Pilla et al. (2006) no distrito de Martim Francisco, município de Mogi-Mirim – SP e Chaves (2005) no município de Cocal – PI, citam as afecções relacionadas ao sistema digestivo, seguido pelo respiratório no levantamento das plantas medicinais utilizadas nessas regiões.

Observou-se, que há certo equilíbrio quanto a indicação de uso, pois 52, 05% das espécies possui apenas um uso e 47, 95% possuem dois ou mais. Dados semelhantes foram obtidos por Franco & Barros (2006), no quilombo Olho D'Água dos Pires, em Esperantina-PI.

Partes usadas e formas de uso - Quanto à parte usada da planta no preparo dos remédios, destaca-se as folhas (36,98%), cascas (23,28%), sementes e raízes (13,70%), seguidas por flores (5,48%), fruto, látex e bulbo (4,10%), parte aérea e planta inteira (2,74%) e inflorescência 1,36%. Resultados semelhantes foram encontrados por Franco & Barros (2006), no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina – PI. Costa-Neto &

Oliveira (2000), Amorozo (2002) e Coelho et al. (2005) também citam as folhas como a parte mais usada por moradores das comunidades em Santo Antônio do Leverger – MT, Tanquinho – BA, e na comunidade Mumbuca, no Jalapão – TO, respectivamente. Por sua vez, Albuquerque & Andrade (2002) ao realizarem estudo em uma área de Caatinga no estado do Pernambuco, citam que a preferência nestas áreas é pelas cascas, por estarem disponíveis o ano todo, em função da caducifolia das folhas na época seca. Coutinho et al. (2002) também citam as cascas como recurso mais utilizado pelos indígenas do Maranhão.

Em relação à indicação de uso, o chá (decocto e infusão) obteve 53,42% das indicações, seguida pela garrafada (16,43%), emplastos (10,96%), sumo (8,22%), xarope (5,48%), banho e óleo (4,10%), uso tópico (2,74%) e mingau (1,36%). Dados semelhantes foram obtidos por Parente & Rosa (2001) ao levantar as plantas medicinais comercializadas no município de Barra do Piraí – RJ e Pinto et al. (2006) nas comunidades rurais, em Itacaré – BA.

Na preparação de alguns remédios, há o uso combinado de mais de uma espécie, principalmente no preparo das garrafadas e xaropes. Está prática é bastante difundida nas comunidades rurais, como observado por Pinto et al. (2006), em Itacaré – BA; Franco & Barros (2006) no Quilombo Olho D'Água dos Pires, em Esperantina – PI e Silva et al. (2006) no povoado Colônia Treze, em Lagarto – SE.

#### Etnobotânica quantitativa

Importância Relativa - Dezesesseis espécies (21,62% do total), atingiram IR superior a 1, indicadas para até 12 sistemas corporais. Em valores relativos, estes resultados são parecidos aos obtidos por Almeida et al. (2006) na região de Xingó, onde 16% das espécies utilizadas obtiveram os mesmos valores, sendo indicadas para até nove sistemas corporais. Na Comunidade Quilombola dos Macacos, a grande maioria das espécies são nativas e encontradas em áreas de vegetação densa, a exemplo de *Myracrodruon urundeuva* (aroeira), referida para o tratamento de três sistemas corporais e *Himatanthus drasticus* (janaguba), para quatro.

A espécie que obteve o maior IR (2,00) foi *Copaifera luetzelburgii* (podói), bastante difundida no tratamento de anemia, gastrite, dor nos rins, úlcera e mordida de cobra, utilizada na forma de garrafada, emplastro e óleo. *Himatanthus drasticus* (janaguba) usada no tratamento de inflamações em geral, câncer, úlcera e menstruação irregular, e

*Gossypium herbaceum* L, no tratamento de amigdalite, infecção intestinal, dentição de criança, próstata e gripe, aparecem com o segundo maior IR (1,80). Franco & Barros (2006) citam uma espécie de janaguba (*Himatanthus sukuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson) como mais versátil no levantamento de plantas medicinais no quilombo Olho D'Água dos Pires, em Esperantina-PI.

Outras espécies que obtiveram destaque foram: *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira), com IR de 1,75, *Operculina macrocarpa* (L.) Farw. (batata-de-purga) e *Ximenia americana* L. (ameixa) (1,55), *Boerhavia diffusa* L. (pega-pinto), *Caesalpinia bracteosa* Tul.(catingueira), *Caesalpinia ferrea* Mart. ex Tul. (jucá), *Combretum leprosum* Mart. (mufumbo) e *Psidium guajava* L. (goiaba) (1,35), indicando a importância destas plantas para a comunidade. Almeida et al. (2005) citam a *C. ferrea* Mart., com valor de uso acima de 1, em estudo realizado junto as comunidades da região do Xingó. A espécies *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira), também é citada com IR superior a 1, nos estudos de Almeida & Albuquerque (2002), Silva & Albuquerque (2005) e Albuquerque et al. (2006), indicando também a importância da espécie, para outras comunidades no Nordeste brasileiro.

As espécies *Abelmoschus esculentus* (L.) Moench (quiabo), *Indigofera suffruticosa* Mill. (anil-bravo) e *Mansoa hirsuta* DC. (cipó-de-alho) apresentaram o menor IR (0,25), sendo indicadas no tratamento de verminose, impigem e gripe, respectivamente.

Fator de Consenso dos Informantes - As categorias onde se encontrou maior consenso de uso entre os informantes na Comunidade dos Macacos foram impotência sexual e neoplasias (FCI 0,80), seguidos pelos transtornos do sistema digestivo (0,76), doenças parasitárias (0,75) e transtornos do sistema nervoso (0,73) (Tabela 2), demonstrando que essas categorias são culturalmente importantes para a Comunidade. Almeida & Albuquerque (2002), referem que o maior Fator de Consenso foi verificado na categoria de transtornos do sistema sensorial (ouvido), seguida por transtornos do sistema respiratório, impotência sexual, transtornos do sistema genito-urinário e transtornos do sistema nervoso. Almeida et al. (2006) na região de Xingó, encontraram valores de FCI relativamente baixos; a categoria que obteve maior FCI foi a de problemas do aparelho respiratório (0,35), seguida por problemas digestivos (0,21) e doenças infecciosas (0,17).

Transtorno do sistema sensorial (visão) foi a categoria em que não houve consenso entre os informantes. Almeida & Albuquerque (2002) no estudo realizado em Caruaru , também citam categorias que não houve consenso entre os informantes, no caso: doenças

do sangue e dos órgãos hematopoéticos e neoplasias. Almeida et al. (2006) na região de Xingó, destacam oito categorias em que não houve consenso entre os informantes, totalizando metade das mesmas.

Tabela 2: Fator de Consenso dos Informantes sobre as plantas utilizadas como medicinais na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI. FCI = fator de consenso dos informantes.

Categorias	FCI	Nº de espécies	Nº de citações Reportadas
Impotência sexual	0,80	2	6
Neoplasias	0,80	2	6
Transtorno do sistema digestivo	0,76	16	65
Doenças parasitárias	0,75	3	5
Transtorno do sistema nervoso	0,73	7	20
Transtorno do sistema genito-urinário	0,71	14	47
Transtornos do sistema respiratório	0,69	26	75
Mordida de cobra	0,66	2	4
Transtorno do sistema circulatório	0,66	2	4
Doenças do sistema osteomuscular	0,57	7	15
Doenças das glândulas endócrinas e do metabolismo	0,50	2	3
Inflamações e dores em geral	0,45	7	12
Doenças de pele e tecido celular sub-cutâneo	0,41	8	13
Doenças do sangue	0,33	3	4
Transtornos do sistema sensorial (visão)	0,00	1	1

A perda de espécies de valor terapêutico e informações sobre elas vêm da junção de vários fatores, dentre eles estão o processo de aculturação, que as comunidades tradicionais sofrem ao longo dos anos e, o desinteresse dos membros mais jovens em manter vivo o conhecimento tradicional, o qual se encontra, principalmente, em poder dos mais velhos. Entretanto, mesmo com a presença periódica da equipe do PSF, observou-se que a prática da medicina popular ainda é bastante difundida entre os moradores da Comunidade Quilombola dos Macacos, em São Miguel do Tapuio – PI. Portanto, torna-se necessário o compartilhamento do conhecimento entre as gerações mais jovens para a manutenção do saber tradicional na comunidade.

## AGRADECIMENTO

À Comunidade Quilombola dos Macacos, pela recepção e disponibilidade em colaborar nas entrevistas e coleta de material; ao Diretório Alemão DAAD, pela concessão de bolsa de estudo concedida ao primeiro autor; aos especialistas pela disponibilidade em confirmar ou identificar o material botânico; aos estagiários do herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí, pelo apoio incondicional.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABREU, J. R. **Diversidade de recursos vegetais do cerrado utilizados pelos quilombolas Mimbó (Amarante, Piauí, Brasil)**. Recife: UFPE, 2000. 68p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- AGRA, M. F. et al. Mediciniais e produtoras de princípios ativos. In: SAMPAIO, E. S. B. et al. (Eds.). **Espécies da flora nordestina de importância econômica potencial**. Recife: APNE, 2005. p. 135-198.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais na caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciencia**, v.27, n.7, p. 336-346, 2002.
- ALBUQUERQUE, C. A.; ALBUQUERQUE, U. P. Perceptions towards biological conservation in the community of Vila Velha, Pernambuco, Brazil. **Interciencia** v.30, n.8, p. 460-465, 2005.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Métodos e técnicas para coleta de dados. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. (Orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido / NUPEEA, 2004.
- ALBUQUERQUE, U. P. et al. Evaluating two quantitative ethnobotanical techniques. **Ethnobotany Research & Applications**, v. 4, p. 51-60, 2006.
- ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciencia**, v. 27, n. 6, p. 276-285, 2002.
- ALMEIDA, C. F. C. B. R. et al. Life strategy and chemical composition as predictors of the selection of medicinal plants from the caatinga (Northeast Brazil). **Journal of Arid Environments**, v. 62, p. 127-142, 2005. Disponível em: <http://www.elsevier.com/locate/jnlabr/yjare>. Acessado em: 15 mai. 2007.

ALMEIDA, C. F. C. B. R. et al. Medicinal plants popularly used in the Xingó region – a semi-arid location in Northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.2, n.15. 2006.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n. 2, p. 189-203, 2002.

AMOROSO, M. C. de M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barbacena, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.

ANDRADE, C. T. S. et al. Utilização medicinal de cactáceas por sertanejos baianos. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 8, n. 3, p. 36-42, 2006.

BENNETT, B. C.; PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. **Economic Botany**, v. 54, p. 90-102, 2000.

BERG, M. E. van den.; SILVA, M. H. L. Contribuição ao conhecimento da flora medicinal do Piauí. In: ANAIS DA VIII REUNIÃO NORDESTINA DE BOTÂNICA, 1985, Recife. **Anais...** Recife: Sociedade Botânica do Brasil - Seccional Pernambuco, 1985, p. 151-164.

BORBA, A. M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 771-782, 2006.

BRUMMITT, R. K.; POWELL, C. E. **Author of plant names**. London: Royal Botanic Gardens Key, 1992. 732p.

CASTELLUCCI, S. et al. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luis Antonio – SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 3 n. 1, p. 51-60, 2000.

CEPRO - Fundação Centro de Pesquisa Econômicas e Sociais. **Perfil dos municípios**. Teresina: Fundação CEPRO, 1992. 420p.

CHAVES, E. M. F. **Florística e potencialidades econômicas da vegetação de carrasco no município de Cocal, Piauí, Brasil**. Teresina: UFPI, 2005. 112p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

COELHO, F. B. R. et al. Levantamento etnofarmacológico realizado na comunidade Mumbuca localizada no Jalapão – TO. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 2, n. 2, p. 52-55, 2005. Disponível em [http://www.farmacia.ufg.br/revista/vol2\\_2/capa.htm](http://www.farmacia.ufg.br/revista/vol2_2/capa.htm). Acessado em 16 set. 2007.

COSTA-NETO, E. M.; OLIVEIRA, M. V. M. The use of medicinal plants in the country of Tanquinho, state of Bahia, North-eastern Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2000.

COUTINHO, D. F. et al. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no estado do Maranhão – Brasil. **Visão Acadêmica**, v. 3, n. 1, p. 7-12, 2002.

CRONQUIST, A. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press, 1981. 1262p.

FRANCO, E. A. P. A.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006.

FRANCO, I. J.; FONTANA, V. L. **Ervas & plantas: a medicina dos simples**. Edelbra: Erexim, 2002. 246p.

GONÇALVES, M. I. A.; MARTINS, D. T. O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 79, n. ¾, p. 10-25, 1998.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Relatório técnico circunstancial sobre a comunidade negra rural quilombola dos Macacos**. Teresina, 2006.

IPNI - The International Plant Names Index. **Search plant names**. Disponível em <<http://www.ipni.org/index.html>>. Acessado em 15 jan. 2008.

JUDD, W. S. et al. **Plant systematics: a phylogenetic approach**. Sinauer associates, Sunderland, 1999. 462p.

LEÃO, R. B. A. et al. Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 88, n.1, p. 21-25, 2007. Disponível em: <http://www.abf.org.br/RevistaOnLine.html>. Acesso em: 21 set. 2007.

LIMA, G. P. **Atlas da exclusão social no Piauí: a herança deixada**. CEPRO: Teresina, 2003. 230p.

MEDEIROS, M. F. T. et al. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba. **Acta Botanica Brasilica**, v.18, n. 2, p.391-399, 2004.

MILLIKEN, W.; ALBERT, B. The use of medicinal plants by the Yanomamy Indians of Brazil. **Economic Botany**, v.50, n 1, p.10-25, 1996.

MOBOT - Missouri Botanical Garden. **W3 tropicos**. Disponível em: <<http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html>>. Acessa do em: 21 jan. 2008.

MORI, S. A. et al. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 2. ed. CEPLAC: Ilhéus, 1989. 104p.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PARENTE, C. E. T.; ROSA, M. M. T. Plantas comercializadas como medicinais no município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia**, v. 52, p. 47-59, 2001.

PILLA, M. A. C. et al. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.20, n. 4, p. 789-802, 2006.

PINTO, E. P. P. et al. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.20, n 4, p. 751-762, 2006.

RÊGO, T. J. A. S. Levantamento de plantas medicinais na baixada maranhense. **Acta Amazonica**, v. 18, n. 1-2, p. 75-88, 1998.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio cerrado na região do Alto Rio Grande – Minas Gerais. **Ciência Agrotécnica**, v. 25, n. 1, p. 102-123, 2001.

SANTOS, L. G. P.; BARROS, R. F. M.; ARAÚJO, J. L. L. Diversidade de plantas medicinais e forrageiras do cerrado de Monsenhor Gil, Piauí. In: LOPES, W. G. R. et al. (Orgs.) **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar**. Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente) 402 p.

SHARDONG, R.M.F., CERVI, A.C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biologica Paranaense**, v. 29, p. 187-217, 2000.

SILVA, A. C. O.; ALBUQUERQUE, U. P. Woody medicinal plants of the caatinga in the state of Pernambuco (Northeast Brazil). **Acta Botanica Brasilica**, v. 19, n. 1, p. 17-26, 2005.

SILVA, M. F.; CORRÊA, Y. M. B. Plantas ruderais de Manaus e seu potencial de utilização. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Botânica, v. 11, n. 2. 1995.

SILVA, M. S. et al. Plantas medicinais usadas nos distúrbios do trato gastrointestinal no povoado Colônia Treze, Lagarto, SE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.20, n. 4, p. 815-829, 2006.

SOUZA, C. D.; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.20, n.1, p. 135-142, 2006.

TROTTER, R.; LOGAN, M. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. In: **Indigenous medicine and diet: biobehavioral approaches**, Redgrave. Nova York, 1986. p. 91-11.

## 7 CONCLUSÕES

A Caatinga oferece muitos recursos importantes na sobrevivência da Comunidade dos Macacos, principalmente no campo da medicina popular. Em detrimento das plantas exóticas cultivadas, a vegetação nativa é a fonte principal de aquisição da matéria-prima e espécies úteis.

A categoria medicinal obteve o maior número de espécies citadas, evidenciando que, mesmo com o acesso a medicamentos industrializados fornecidos pelo PSF, os quilombolas dos Macacos ainda preferem os benefícios da medicina popular. As folhas constituem a parte da planta mais utilizada, sendo o chá, a forma de preparo mais administrada.

*Himatanthus drasticus* (janaguba), apresentou o Valor de Uso (VU) mais elevado entre as espécies encontradas na comunidade. *Copernicia prunifera* (carnaúba) destacou-se como a espécie mais versátil, estando incluída em seis categorias de uso. A espécie *Copaifera luetzelburgii* (podói) obteve o maior índice de Importância Relativa (IR). Impotência sexual e neoplasias foram as categorias em que houve o maior consenso entre os informantes (FCI).

Em relação à vegetação local, constatou-se uma preocupação no uso dos recursos, por serem considerados importantes na manutenção da tradição. Espécies como *Amburana cearensis* (Allemão) A. C. Sm. (imburana-de-cheiro), *Astronium fraxinifolium* Schott. (gonçalo-alves), *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba) e *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira) possuem restrição quanto ao uso e uma forma de manejo sustentada.

A prática cultural de maior expressão entre os quilombolas dos Macacos é o Reisado, festejado no dia de Santo Reis e também nas festas juninas. O dia aziague “dia azarado” é a crendice mais difundida na comunidade.

Apesar da resistência dos membros mais jovens em absorver o conhecimento empírico, que está retido, principalmente, nas pessoas mais velhas da comunidade, e da perda de elementos da cultura local e aquisição de novos elementos, observou-se que ainda há o uso das práticas herdadas dos seus antepassados. Contudo, diante do exposto, faz-se necessário a utilização de meios que estimulem os membros mais jovens a absorver o conhecimento tradicional, para que possam, frente à modernidade, manter viva a cultura local.

## **APÊNDICES**



Apêndice 1: Artesanatos e artefatos confeccionados pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: **A** – jacás produzidos com bambu (*Bambusa* sp) ; **B** – rede de tucum (*Astrocaryum vulgare* Mart.); **C** – porta-escova confeccionado com buriti (*Mauritia flexuosa* L.); **D** – estante produzida com pereiro (*Aspidosperma pyrifolium* Mart.); **E** – porta confeccionada com buriti (*M. flexuosa*); **F** – janela construída com birro (Leguminosae) e **G** – portas confeccionada com imburana-de-cheiro e pereiro (*Amburana cearensis* (Allemão) A. C. Sm. e *A. pyrifolium*).



Apêndice 2: Cercas e portões construídos pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: **A** – cerca de faxina; **B** – cerca de cama, utilizada no cercado de roças; **C** – cerca de faxina, utilizadas na frente de algumas residências; **D**, **E** e **F** – portões confeccionados de bambu (*Bambusa* sp), birro (Leguminosae), pereiro (*Aspidosperma pyrifolium* Mart.) e imburana-de-cheiro. (*Amburana cearensis* (Allemão) A. C. Sm.).



Apêndice 3: Religiosidade e manifestações culturais na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: **A** e **B** – missa com a realização de Primeira Eucaristia e Batizados; **C** e **D** – reza de terços nos dias Santos; **E**, **F**, **G** e **H** – reisado dançado na Festa de Santo Reis e nas Festas Juninas.



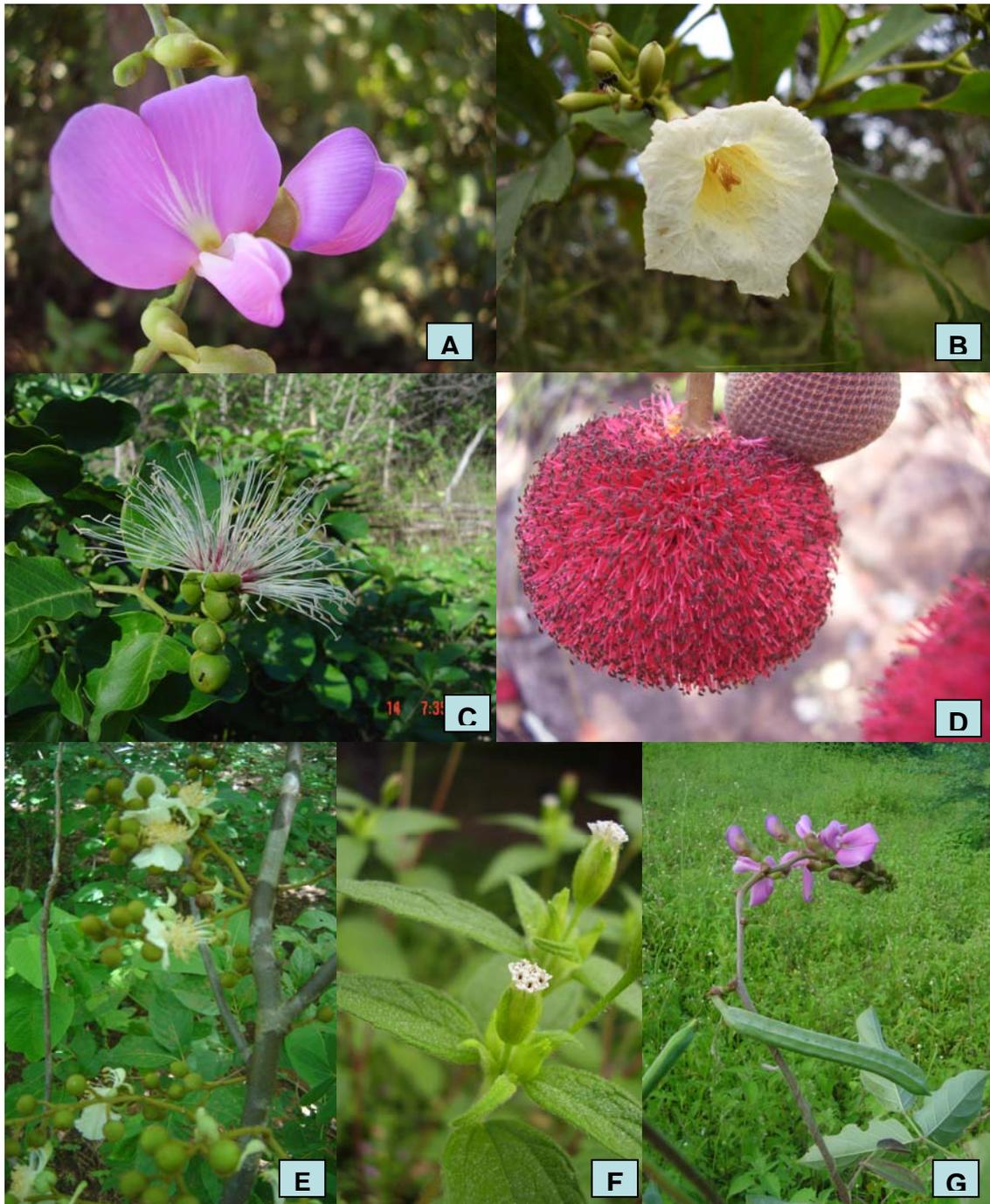
Apêndice 4: Espécies melíferas e ornamentais encontradas na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: **A** – detalhe da abelha na flor de *Passiflora foetida* L. (maracujá-de-estalo); **B** – detalhe da abelha na flor de *Pereskia grandiflora* Haw. (rosamadeira); **C** – detalhe da abelha na flor de *Spermocose verticillata* L.; **D** – detalhe da abelha na flor de *Anacardium occidentale* L. (caju); **E** – detalhe da flor de *Allamanda blanchetti* (pente-de-macaco); **F** – detalhe do hábito de *Ipomoea quamoclit* L. (primavera); **G** – detalhe da flor de *Delonix regia* (Boj. ex Hook) Raf. (flamboyant) e **H** – detalhe do hábito de *Mirabilis jalapa* L. (bunina).



Apêndice 5: Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: **A** – detalhe da flor de *Coutarea hexandra* (Jacq.) K. Shum (quina-quina); **B** – detalhe da inflorescência de *Caesalpinia ferrea* Mart. ex Tul. (pau-ferro); **C** – detalhe do ramo florido de *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba); **D** – detalhe do ramo florido de *Operculina macrocarpa* (L.) Farw. (batata-de-purga); **E** – detalhe do hábito de *Cynopogon citratus* (DC.) Staf. (capim-de-cheiro); **F** – detalhe do ramo de *Chenopodium ambrosioides* L. (mastruz); **G** – extração da casca de *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira).



Apêndice 6: Plantas utilizadas como mágico-religiosas e alimentícias na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: **A** – detalhe da inflorescência de *Jatropha gossypifolia* (Jacq.) L. (pinhão-roxo); **B** – detalhe da flor de *Scoparia dulcis* L. (vassourinha); **C** – Detalhe do hábito de *Ruta graveolens* L. (arruda); **D** – detalhe do fruto de *Anacardium occidentale* L. (caju); **E** – detalhe do hábito de *Mauritia flexuosa* L. (buriti); **F** – detalhe do ramo florido de *Spondias purpurea* L. (siriguela); **G** – detalhe dos frutos de *Erythroxylum bezerrae* T. Plowman (pirunga).



Apêndice 7: Plantas utilizadas como forrageiras na Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, PI: **A** – detalhe da flor de *Cratylia mollis* Benth. (camaratuba); **B** – detalhe da flor de *Cordia rufescens* DC. (grão-de-galo); **C** – detalhe da flor de *Capparis flexuosa* L. (feijão-bravo); **D** – detalhe da inflorescência de *Parkia platycephala* Benth. (faveira-de-bolota); **E** – detalhe da inflorescência de *Swartzia flaemingii* Rad. (jacarandá); **F** – detalhe do ramo florido de *Blainvillea acmella* (L.) Philipson (orelha-de-onça); **G** – detalhe da inflorescência de *Canavalia brasiliensis* Mart. ex Benth. (fava-de-boi).



Plantação de cultura permanente:

- Tipo-----
- Área de cultivo-----
- Técnica de cultivo-----
- Destino da produção ( ) consumo ( ) venda

Temporária:

- Tipo-----
- Técnica de cultivo-----
- Destino da produção ( ) consumo ( ) venda

Efetivo de rebanho:

- Tipo-----
- Quantidade-----
- Destino da produção ( ) consumo ( ) venda

Participa de alguma associação ou cooperativa -----

-----

Doenças mais comuns na família e tratamento -----

-----

-----

-----

## 2. Botânica econômica

Medicinal

Nome da planta -----

Sinônimos -----

Hábito ( ) erva ( ) subarbusto ( ) arbusto ( ) árvore

Parte usada ( ) raiz ( ) folha ( ) casca ( ) flor ( ) fruto

Estado para uso -----

Modo de usar -----

Contra-indicação -----

## Alimentação humana

Nome da planta -----

Sinônimos -----

Hábito ( ) erva ( ) subarbusto ( ) arbusto ( ) árvore

Parte usada ( ) raiz ( ) folha ( ) casca ( ) flor ( ) fruto

Modo de consumo -----

## Madeireiro

Nome da planta -----

Sinônimos -----

Hábito ( ) erva ( ) subarbusto ( ) arbusto ( ) árvore

Aplicabilidade ( ) cerca ( ) teto de casa ( ) fabricação de móveis ( ) outros

## Melífera

Nome da planta -----

Sinônimos -----

Hábito ( ) erva ( ) subarbusto ( ) arbusto ( ) árvore

Néctar ou pólen -----

## Forrageira

Nome da planta -----

Sinônimos -----

Hábito ( ) erva ( ) subarbusto ( ) arbusto ( ) árvore

Parte usada ( ) raiz ( ) folha ( ) casca ( ) flor ( ) fruto

Forma de uso -----

aplicabilidade ( ) somente no pasto ( ) faz reserva

## Produção de energia

Nome da planta -----

sinônimos -----

Hábito ( ) erva ( ) subarbusto ( ) arbusto ( ) árvore

Aplicabilidade ( ) consumo ( ) venda

Artesanato

Nome da planta -----

Sinônimos -----

Hábito ( ) erva ( ) subarbusto ( ) arbusto ( ) árvore

Parte usada ( ) raiz ( ) folha ( ) casca ( ) flor ( ) fruto

Forma de uso -----

Aplicabilidade -----

Outros usos

Nome da planta -----

Sinônimos -----

Hábito ( ) erva ( ) subarbusto ( ) arbusto ( ) árvore

Parte usada ( ) raiz ( ) folha ( ) casca ( ) flor ( ) fruto

Forma de uso -----

Aplicabilidade -----

**ANEXOS**

### Normas gerais para publicação de artigos na *Acta Botanica Brasilica*

1. A *Acta Botanica Brasilica* publica artigos originais em todas as áreas da Botânica, básica ou aplicada, em Português, Espanhol ou Inglês. Os trabalhos deverão ser motivados por uma pergunta central que denote a originalidade e o potencial interesse da pesquisa, de acordo com o amplo espectro de leitores nacionais e internacionais da Revista, inserindo-se no debate teórico de sua área.

2. Os artigos devem ser concisos, em **quatro vias, com até 25 laudas**, seqüencialmente numeradas, incluindo ilustrações e tabelas (usar fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas 1,5; imprimir em papel tamanho A4, margens ajustadas em 1,5 cm). A critério da Corpo Editorial, mediante entendimentos prévios, artigos mais extensos poderão ser aceitos, sendo o excedente custeado pelo(s) autor(es).

3. Palavras em latim no título ou no texto, como por exemplo: *in vivo*, *in vitro*, *in loco*, *et al.* devem estar em itálico.

4. O título deve ser escrito em caixa alta e baixa, centralizado, e deve ser citado da mesma maneira no Resumo e Abstract da mesma maneira que o título do trabalho. Se no título houver nome específico, este deve vir acompanhado dos nomes dos autores do táxon, assim como do grupo taxonômico do material tratado (ex.: Gesneriaceae, Hepaticae, etc.).

5. O(s) nome(s) do(s) autor(es) deve(m) ser escrito(s) em caixa alta e baixa, todos em seguida, com números sobrescritos que indicarão, em rodapé, a filiação Institucional e/ou fonte financiadora do trabalho (bolsas, auxílios etc.). Créditos de financiamentos devem vir em **Agradecimentos**, assim como vinculações do artigo a programas de pesquisa mais amplos, e não no rodapé. Autores devem fornecer os endereços completos, evitando abreviações, elegendo apenas um deles como Autor para correspondência. Se desejarem, todos os autores poderão fornecer e-mail.

6. A estrutura do trabalho deve, sempre que possível, obedecer à seguinte seqüência:

- **RESUMO e ABSTRACT** (em caixa alta e negrito) - texto corrido, sem referências bibliográficas, em um único parágrafo e com cerca de 200 palavras. Deve ser precedido pelo título do artigo em Português, entre parênteses. Ao final do resumo, citar até cinco palavras-chave à escolha do autor, em ordem de importância. A mesma regra se aplica ao Abstract em Inglês ou Resúmen em Espanhol.

- **Introdução** (em caixa alta e baixa, negrito, deslocado para a esquerda): deve conter uma visão clara e concisa de: a) conhecimentos atuais no campo específico do assunto tratado; b) problemas científicos que levou(aram) o(s) autor(es) a desenvolver o trabalho; c) objetivos.

- **Material e métodos** (em caixa alta e baixa, negrito, deslocado para a esquerda): deve conter descrições breves, suficientes à repetição do trabalho; técnicas já publicadas devem ser apenas citadas e não descritas. Indicar o nome da(s) espécie(s) completo, inclusive com o autor. Mapas - podem ser incluídos se forem de extrema relevância e devem apresentar qualidade adequada para impressão. Todo e qualquer comentário de um procedimento

utilizado para a análise de dados em **Resultados** deve, obrigatoriamente, estar descrito no item **Material e métodos**.

- **Resultados e discussão** (em caixa alta e baixa, negrito, deslocado para a esquerda): podem conter tabelas e figuras (gráficos, fotografias, desenhos, mapas e pranchas) estritamente necessárias à compreensão do texto. Dependendo da estrutura do trabalho, resultados e discussão poderão ser apresentados em um mesmo item ou em itens separados.

As figuras devem ser todas numeradas seqüencialmente, com algarismos arábicos, colocados no lado inferior direito; as escalas, sempre que possível, devem se situar à esquerda da figura. As tabelas devem ser seqüencialmente numeradas, em arábico com numeração independente das figuras.

Tanto as figuras como as tabelas devem ser apresentadas em folhas separadas (uma para cada figura e/ou tabela) ao final do texto (originais e 3 cópias). Para garantir a boa qualidade de impressão, as figuras não devem ultrapassar duas vezes a área útil da revista que é de 17,5?23,5 cm. Tabelas - Nomes das espécies dos táxons devem ser mencionados acompanhados dos respectivos autores. Devem constar na legenda informações da área de estudo ou do grupo taxonômico. Itens da tabela, que estejam abreviados, devem ter suas explicações na legenda.

As ilustrações devem respeitar a área útil da revista, devendo ser inseridas em coluna simples ou dupla, sem prejuízo da qualidade gráfica. Devem ser apresentadas em tinta nanquim, sobre papel vegetal ou cartolina ou em versão eletrônica, gravadas em .TIF, com resolução de pelo menos 300 dpi (ideal em 600 dpi). Para pranchas ou fotografias - usar números arábicos, do lado direito das figuras ou fotos. Para gráficos - usar letras maiúsculas do lado direito.

As fotografias devem estar em papel brilhante e em branco e preto. **Fotografias coloridas poderão ser aceitas a critério da Corpo Editorial, que deverá ser previamente consultada, e se o(s) autor(es) arcar(em) com os custos de impressão.**

As figuras e as tabelas devem ser referidas no texto em caixa alta e baixa, de forma abreviada e sem plural (Fig. e Tab.). Todas as figuras e tabelas apresentadas devem, obrigatoriamente, ter chamada no texto.

Legendas de pranchas necessitam conter nomes dos táxons com respectivos autores. Todos os nomes dos gêneros precisam estar por extenso nas figuras e tabelas. Gráficos - enviar os arquivos em Excel. Se não estiverem em Excel, enviar cópia em papel, com boa qualidade, para reprodução.

As siglas e abreviaturas, quando utilizadas pela primeira vez, devem ser precedidas do seu significado por extenso. Ex.: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV).

Usar unidades de medida de modo abreviado (Ex.: 11 cm; 2,4 µm), o número separado da unidade, com exceção de percentagem (Ex.: 90%).

Escrever por extenso os números de um a dez (não os maiores), a menos que seja medida. Ex.: quatro árvores; 6,0 mm; 1,0 4,0 mm; 125 exsicatas.

Em trabalhos taxonômicos o material botânico examinado deve ser selecionado de maneira a citarem-se apenas aqueles representativos do táxon em questão e na seguinte ordem: **PAÍS. Estado:** Município, data, fenologia, *coletor(es) número do(s) coletor(es) (sigla do Herbário)*.

Ex.: **BRASIL. São Paulo:** Santo André, 3/XI/1997, fl. fr., *Milanez 435* (SP).

No caso de mais de três coletores, citar o primeiro seguido de *et al.* Ex.: Silva *et al.* (atentar para o que deve ser grafado em CAIXA ALTA, Caixa Alta e Baixa, caixa baixa, **negrito**, itálico).

Chaves de identificação devem ser, preferencialmente, indentedas. Nomes de autores de táxons não devem aparecer. Os táxons da chave, se tratados no texto, devem ser numerados seguindo a ordem alfabética. Ex.:

1. Plantas terrestres
  2. Folhas orbiculares, mais de 10 cm diâm.  
..... 2. *S. orbicularis*
  2. Folhas sagitadas, menos de 8 cm compr.  
..... 4. *S. sagittalis*
1. Plantas aquáticas
  3. Flores brancas ..... 1. *S. albicans*
  3. Flores vermelhas ..... 3. *S. purpurea*

O tratamento taxonômico no texto deve reservar o itálico e o negrito simultâneos apenas para os nomes de táxons válidos. Basiônimo e sinonímia aparecem apenas em itálico. Autores de nomes científicos devem ser citados de forma abreviada, de acordo com índice taxonômico do grupo em pauta (Brummit & Powell 1992 para Fanerógamas). Ex.:

1. *Sepulveda albicans* L., Sp. pl. 2: 25. 1753.  
Pertencia albicans Sw., Fl. bras. 4: 37, t. 23, f. 5. 1870.  
Fig. 1-12

Subdivisões dentro de Material e métodos ou de Resultados e/ou discussão devem ser escritas em caixa alta e baixa, seguida de um traço e o texto segue a mesma linha. Ex.:  
Área de estudo - localiza se ...

Resultados e discussão devem estar incluídos em conclusões.

- **Agradecimentos** (em caixa alta e baixa, negrito, deslocado para a esquerda): devem ser sucintos; nomes de pessoas e Instituições devem ser por extenso, explicitando o porquê dos agradecimentos.

- **Referências bibliográficas**

- Ao longo do texto: seguir esquema autor, data. Ex.:

Silva (1997), Silva & Santos (1997), Silva et al. (1997) ou Silva (1993; 1995), Santos (1995; 1997) ou (Silva 1975; Santos 1996; Oliveira 1997).

- Ao final do artigo: em caixa alta e baixa, deslocado para a esquerda; seguir ordem alfabética e cronológica de autor(es); **nomes dos periódicos e títulos de livros devem ser grafados por extenso e em negrito**. Exemplos:

Santos, J. 1995. Estudos anatômicos em Juncaceae. Pp. 5-22. In: **Anais do XXVIII Congresso Nacional de Botânica**. Aracaju 1992. São Paulo, HUCITEC Ed. v.I.

Santos, J.; Silva, A. & Oliveira, B. 1995. Notas palinológicas. Amaranthaceae. **Hoehnea** 33(2): 38-45.

Silva, A. & Santos, J. 1997. Rubiaceae. Pp. 27-55. In: F.C. Hoehne (ed.). **Flora Brasílica**. São Paulo, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

**Para maiores detalhes consulte os últimos fascículos recentes da Revista, ou os links da mesma na internet: [www.botanica.org.br](http://www.botanica.org.br), ou ainda artigos on line por intermédio de [www.scielo.br/abb](http://www.scielo.br/abb).**

**Não serão aceitas** Referências bibliográficas de monografias de conclusão de curso de graduação, de citações resumos **simples** de Congressos, Simpósios, Workshops e assemelhados. Citações de Dissertações e Teses **devem ser evitadas ao máximo; se necessário, citar no corpo do texto**. Ex.: J. Santos, dados não publicados ou J. Santos, comunicação pessoal.

**REVISTA BRASILEIRA DE PLANTAS MEDICINAIS****INSTRUÇÕES AOS AUTORES**

A **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais [RBPM ]** é uma publicação quadrimestral e destina-se à divulgação de trabalhos científicos originais, revisões bibliográficas, notas prévias e comunicações, que deverão ser inéditos e contemplar as grandes áreas relativas ao estudo de plantas medicinais. Manuscritos que envolvam ensaios clínicos deverão vir acompanhados de autorização de Comissão de Ética constituída, para realização dos experimentos. Os artigos podem ser redigidos em português, inglês ou espanhol, sendo sempre obrigatória a apresentação do resumo em português e em inglês, independente do idioma utilizado. Os artigos devem ser enviados em 3 vias ou através do e-mail: [rbpm@ibb.unesp.br](mailto:rbpm@ibb.unesp.br), em espaço duplo, com margens de 3cm e os arquivos gravados em disquete de 3 1/2" ou CD (inclusive figuras). A digitação deverá ser feita no "Word for Windows" (em letra Arial 12) e editores gráficos compatíveis, como Excel, Harvard Graphics, etc. Artigos muito extensos, fotografias e gráficos coloridos podem ser publicados, a critério da Comissão Editorial, se o autor se comprometer, mediante entendimentos prévios, a cobrir parte das despesas de publicação. Deverão ser enviadas cinco etiquetas auto-adesivas, contendo nome do autor e endereço completo para envio de correspondência, incluindo número do telefone/fax do autor, para contatos mais urgentes. Assinaturas podem ser feitas no endereço: [www.ibb.unesp.br/rbpm](http://www.ibb.unesp.br/rbpm).

**REVISÕES BIBLIOGRÁFICAS, NOTAS PRÉVIAS E COMUNICAÇÕES**

Revisões, Notas prévias e Comunicações deverão ser organizadas basicamente em: Título, Autores, Resumo, Palavras-chave, Abstract, Key words, Texto, Agradecimento (se houver) e Referência Bibliográfica.

**ARTIGO CIENTÍFICO**

Os artigos deverão ser organizados em:

**TÍTULO:** Deverá ser claro e conciso, escrito apenas com inicial maiúscula, centralizado, na parte superior da página. Se houver subtítulo, deverá ser em seguida ao título, em

minúscula, podendo ser precedido de um número de ordem em algarismo romano. Os nomes comuns das plantas medicinais devem ser seguidos pelo nome científico (binômio latino e autor) entre parênteses.

**AUTORES:** O último sobrenome dos autores deverá ser colocado por extenso (nomes intermediários somente iniciais) em letras maiúsculas, 2 linhas abaixo do título. Após o nome de cada autor deverá ser colocado um número sobrescrito que deverá corresponder ao endereço: instituição, endereço da instituição (cidade, sigla do estado, CEP, e-mail). Indicar o autor que deverá receber a correspondência. Os autores devem ser separados com ponto e vírgula.

**RESUMO:** Deverá constar da mesma página onde estão o título e os autores, duas linhas abaixo dos autores. O resumo deverá ser escrito em um único parágrafo, contendo objetivo, resumo do material e método, principais resultados e conclusão. Não deverá apresentar citação bibliográfica.

**Palavras-chave:** Deverão ser colocadas uma linha abaixo do resumo, na margem esquerda escrita em negrito, podendo constar até cinco palavras.

**ABSTRACT:** Apresentar o título e o resumo em inglês, no mesmo formato do redigido em português, com exceção do título, apenas com a inicial em maiúscula, que virá após a palavra ABSTRACT.

**Key words:** Abaixo do Abstract deverão ser colocadas as palavras-chave em inglês.

**INTRODUÇÃO:** Na introdução deverá constar breve revisão de literatura e os objetivos do trabalho. As citações de autores no texto deverão ser feitas de acordo com os seguintes exemplos: Silva (1996); Pereira & Antunes (1985); (Souza & Silva, 1986) ou quando houver mais de dois autores Santos et al. (1996).

**MATERIAL E MÉTODO (CASUÍSTICA):** Deverá ser feita apresentação completa das técnicas originais empregadas ou com referências de trabalhos anteriores que as descrevam. As análises estatísticas deverão ser igualmente referenciadas. Na metodologia deverão constar os seguintes dados da espécie estudada: Nome popular; Nome científico com autor

e indicação da família botânica; Nome do botânico responsável pela identificação taxonômica; Nome do herbário onde a excisata está depositada e o respectivo número (Voucher Number); época e local de coleta, bem como, a parte da planta utilizada.

**RESULTADO E DISCUSSÃO:** Poderão ser apresentados separados ou como um só capítulo, contendo no final conclusão sumarizada.

**AGRADECIMENTO:** deverá ser colocado neste capítulo (quando houver).

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:** As referências devem seguir as normas da ABNT 6023. Colocar até três autores, quando mais colocar o primeiro seguido de et al. Exemplos:

**Periódicos:**

AUTOR(ES) separados por ponto e vírgula. Título do artigo. **Nome da Revista, por extenso**, volume, número, página inicial-página final, ano.

KAWAGISHI, H. et al. Fractionation and antitumor activity of the water-insoluble residue of *Agaricus blazei* fruiting bodies. **Carbohydrate Research**, v.186, n.2, p.267-73, 1989.

**Livros :**

AUTOR. **Título do livro**. Edição. Local de publicação: Editora, Ano. Total de páginas.

MURRIA, R.D.H.; MÉNDEZ, J.; BROWN, S.A. **The natural coumarins**: occurrence, chemistry and biochemistry. 3.ed. Chinchester: John Wiley & Sons, 1982. 702p.

**Capítulos de livros:**

AUTOR(ES) DO CAPÍTULO. Título do Capítulo. In: AUTOR (ES) do LIVRO. **Título do livro**: subtítulo. Edição. Local de Publicação: Editora, ano, Página inicial página final.

HUFFAKER, R.C. Protein metabolism. In: STEWARD, F.C. (Ed.). **Plant physiology**: a treatise. Orlando: Academic Press, 1983. p.267-33.

**Tese ou Dissertação:**

AUTOR. **Título em destaque**: subtítulo. Ano. Total de Páginas. Categoria (grau e área de concentração) – Instituição, Universidade, Local.

OLIVEIRA, A.F.M. **Caracterização de Acanthaceae medicinais conhecidas como anador no nordeste do Brasil**. 1995. 125p. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração em Botânica) – Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

**Trabalho de Evento:**

AUTOR(ES). Título do trabalho. In: Nome do evento em caixa alta, número, ano, local. **Tipo de publicação em destaque...** Local: Editora, ano. página inicial-página final.

VIEIRA, R.F.; MARTINS, M.V.M. Estudos etnobotânicos de espécies medicinais de uso popular no Cerrado. In: INTERNATIONAL SAVANNA SYMPOSIUM, 3., 1996, Brasília. **Proceedings...** Brasília: Embrapa, 1996. p.169- 71.

**Publicação Eletrônica:**

AUTOR(ES). Título do artigo. **Título do periódico em destaque**, volume, número, página inicial-página final, ano. Local: editora, ano. Páginas. Disponível em: <<http://www.....>>. Acesso em: dia mês (abreviado) ano.

PEREIRA, R.S. et al. Atividade antibacteriana de óleos essenciais em cepas isoladas de infecção urinária. **Revista de Saúde Pública**, v.38, n.2, p.326-8, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 18 abr. 2005.

Não citar resumos e relatórios de pesquisa a não ser que a informação seja muito importante e não tenha sido publicada de outra forma. Comunicações pessoais devem ser colocadas no rodapé da página onde aparecem no texto e evitadas se possível. Devem ser, também, evitadas citações do tipo Almeida (1994) citado por Souza (1997).

**TABELAS:** Devem ser enviadas em formato TABELA, inseridas no texto, com letra do tipo Arial 10, espaço simples. A palavra TABELA deve ser em letras maiúsculas seguidas por algarismo arábico, quando citadas no texto devem ser em letras minúsculas (Tabela).

**FIGURAS:** As ilustrações (gráficas, fotográficas, desenhos, mapas) devem ser em letras maiúsculas seguidas por algarismo arábico, quando citadas no texto devem ser em letras minúsculas (Figura).

**ATENÇÃO:** Artigos que não estiverem de acordo com essas normas serão devolvidos.

**Observação:** São de exclusiva responsabilidade dos autores as opiniões e conceitos emitidos nos trabalhos.

Contudo, reserva-se ao Conselho Editorial, o direito de sugerir ou solicitar modificações que julgar necessárias.